



ENTREVISTA

TRE-PB espera disputa acirrada e desafios nas eleições deste ano

Desembargador Oswaldo Trigueiro diz que órgão está pronto para lidar com a polarização no pleito. **Página 4**

Rede de câmeras inteligentes amplia a vigilância, nas ruas de João Pessoa

Projeto Smart City prevê a implantação de três mil câmeras por toda a cidade, ainda neste primeiro semestre de 2026.

Página 7

Congresso analisa tipificar, como hediondos, crimes contra idosos

Texto aprovado na Câmara e enviado ao Senado estabelece pena de 20 a 40 anos de reclusão para os casos de gerontocídio.

Página 14

Editais somam mais de 300 vagas para o interior da Paraíba e Bahia

Educação e Saúde estão entre as áreas presentes nos concursos abertos nesta semana, com salários que chegam a R\$ 7,4 mil.

Página 16

■ “Por mais que estudasse a meu modo o fazer literário ou me detivesse no emprego da palavra que a ideia exigia, muita coisa se apartou da memória”.

Gonzaga Rodrigues

Página 2

■ “Éramos escritores, mas também educadores, vinculados à UFPB, porém, com uma consciência crítica que ia além dos anódinos corredores do campus universitário”.

Hildeberto Barbosa Filho

Página 11

■ “Na guerra do Irã, EUA promove crime de guerra, e a civilidade desce pelo esgoto das baratas fascistas. Alvos dessa desumanidade somos todos nós”.

Fábio Mozart

Página 14

■ “Quando investimos na permanência estudantil, fazemos algo muito maior do que financiar bolsas. Garantimos que talentos não sejam perdidos no meio do caminho”.

Claudio Furtado

Página 19

Escritora relembra luta para vencer o machismo e publicar suas obras

No Dia Internacional da Mulher, o jornal *A União* traz matérias especiais para homenagear histórias como a de Irene Dias Cavalcanti (foto) – **Página 25**

■ Mulheres revelam como equilibram vida profissional, cuidado com a família e tarefas domésticas – **Página 5**

■ Artistas de áreas diversas falam da admiração por colegas que fazem a arte paraibana – **Página 9**

■ Maria Dulce Barbosa rompeu barreiras para tornar-se a primeira vereadora e prefeita do estado – **Página 13**

■ Empreendedorismo feminino garante renda e autonomia para mulheres na Paraíba – **Página 17**

■ Jucilene Sales conta como superou obstáculos para se consolidar no atletismo – **Página 21**

Estado reúne 59 espécies de anuros, que enfrentam ameaça de extinção

Sapos, rãs e pererecas compõem o maior grupo de anfíbios do planeta, mas risco de desaparecimento atinge 196 tipos no país.

Página 20

E com vocês... inicia nova rodada de entrevistas com grandes artistas

Programa da Parahyba FM (103.9) abre nova temporada, amanhã, às 20h, recebendo o jornalista campinense José Teles.

Página 12

Foto: Roberto Guedes



Ações de mobilidade reduzem tempo de deslocamento

Com cerca de R\$ 39 milhões investidos pelo Estado, novos caminhos na Zona Sul de João Pessoa, como a via que liga o Altiplano ao HU, encurtam distâncias e reduzem custos para os moradores.

Página 6

Editorial

Estupidez estrutural

Os conceitos de civilização são amplos e divergentes, mas o termo pode ser traduzido, também, como uma sociedade avançada, com alto e isonômico nível de desenvolvimento econômico, político, científico e cultural e baixo índice de violência social. Ou seja, uma sociedade ainda utópica, se comparada, por exemplo, à conjuntura brasileira contemporânea, profundamente marcada pela brutalidade, que inclui as desigualdades sociais.

Para se moldar um corpo social sem tantas fraturas, cicatrizes e traumas, portanto muito diferente, do ponto de vista socioevolutivo, da coletividade histórica atual — como ressaltou, com muita clareza, em recente palestra na sede deste jornal, a secretária de Estado das Mulheres e da Diversidade Humana, Lídia Moura —, o Brasil precisa reverter com urgência os indicadores relacionados à violência contra a mulher.

No Brasil, o número de mulheres espancadas ou assassinadas — entre outros tipos de violência física, moral e psicológica — é assustador. Não há um só dia em que não sejam registradas, no país, agressões contra cidadãs, de variadas faixas etárias e condições socioeconômicas, sendo o delito de maior gravidade o feminicídio (crime hediondo), ou seja, o assassinato de mulheres por serem mulheres (violência de gênero).

O machismo estrutural — portanto de raízes também culturais — transforma homens em torturadores e assassinos, tornando-os marionetes do sistema social vigente, que, infelizmente, ainda desqualifica a mulher por meio de mecanismos como dificuldade de assumir cargos de liderança na esfera empresarial, diferenças salariais e carga de trabalho doméstico excessiva, culminando com a violência de gênero.

A secretária Lídia Moura acerta mais uma vez no delineamento de políticas públicas, ao defender a participação de homens nas campanhas contra a violência de gênero. É um pensamento avançado, uma vez que não tem sentido, por exemplo, a construção de uma sociedade com grupos de gênero beligerantes. A sociedade democrática pressupõe igualdade de direitos, alicerçada em valores como solidariedade.

Que prevaleça a união de pessoas conscientes de suas responsabilidades, na construção de uma sociedade sob a égide da justiça social e da liberdade, na qual ninguém seja morto ou humilhado por conta de gênero. A violência contra a mulher tornou-se um dos mais graves problemas sociais do país, e cidadãs e cidadãos sensatos, aliados aos poderes públicos, devem formar uma frente de luta, incansável e imbatível, contra essa barbaridade.

Artigo

Rui Leitão
iurleitao@hotmail.com

Entre a emoção e a razão: as palavras

Somos, a todo momento, alcançados pelo poder das palavras. Elas refletem pensamentos e sentimentos. Podem nos impactar positivamente, mas também podem produzir consequências negativas — tanto aquelas que pronunciamos quanto as que ouvimos. Há quem diga que as palavras revelam o coração. Jesus nos ensinou que “a boca fala daquilo de que está cheio o coração”. Seja de amor ou de ódio, de solidariedade ou de hostilidade, de apoio ou de aversão.

Daí o perigo de se proferir palavras equivocadas quando surgem discussões acaloradas, algo muito comum nos debates apaixonados. Emocionalmente afetados, os interlocutores muitas vezes partem para as ofensas, a maledicência e os julgamentos indevidos. O próprio tom da voz já revela o grau de exaltação contido nas palavras pronunciadas.

Vivemos um tempo em que os ânimos estão inflamados por posicionamentos políticos que colocam em choque ideias e convicções. Nesse clima de excitação, as pessoas falam movidas pela raiva, pela discórdia e pela desarmonia, terminando por atacar umas às outras impulsivamente. Amigos passam a se desconhecer, parentes se estranham, num perigoso embate em que as palavras exercem um poder devastador nas relações sociais.

Nesses momentos, é preciso desenvolver uma postura de autocontrole e buscar um estado mental de equilíbrio, por maiores que sejam as provocações. Afinal, há um antigo adágio popular que afirma ser impossível haver briga quando um dos interlocutores não quer. O comedimento nas palavras expressa sensatez, traduz respeito ao próximo e representa, sobretudo, a prevalência da razão sobre a emoção. É assim que se torna possível a crítica construtiva, livre de radicalismos e capaz de contribuir para a formação de opiniões mais convergentes.

Confesso que também tenho sido tentado a entrar nesse conflito temperamental quando me vejo motivado a defender meus pontos de vista diante de pensamentos diferentes.

Nessas ocasiões, percebo que posso perder a calma. Às vezes, até com certo atraso, dou-me conta de que disse o que não devia ou ouvi o que preferiria não escutar. O que começou como uma conversa amistosa transforma-se em discussão imprudente, provocando mágoas e ressentimentos. Certamente esse não é o melhor caminho para quem deseja estabelecer um debate sério e responsável sobre qualquer assunto.

Talvez por isso eu tenha aprendido, ainda que lentamente, a respeitar mais o peso das palavras. Nem sempre consigo. Às vezes também me deixo levar pelo calor da discussão e, depois, já em silêncio, fico pensando que teria sido melhor escolher outras palavras — ou talvez nenhuma. A vida acaba nos ensinando que as palavras podem construir pontes, mas também podem erguer muros difíceis de derrubar. E talvez a verdadeira sabedoria esteja justamente nesse cuidado cotidiano de pensar antes de falar, para que nossas palavras não firam aquilo que, no fundo, desejamos preservar: o respeito e a convivência.

“

É preciso desenvolver uma postura de autocontrole e buscar um estado mental de equilíbrio

Foto Legenda

João Pedrosa



Afinados e alinhados

Gonzaga Rodrigues

gonzagarodrigues33@gmail.com | Colaborador

É velhice ou não sei ler?

Sofro de memória curta para certas lembranças. Inclusive, para livros inteiros, muitos deles desbravados na hora, ardentemente e, mais à frente, esquecidos, ainda que me deixem algum rescaldo de tênue consistência.

Falo assim tendo à mão uma velha crônica de Martinho Moreira Franco fazendo menção ao meu pegadio com livros. Dependência que não está longe do modo como vivi a primeira infância, filho único numa casa solitária, à distância de outras casas com crianças, cercado de advertências e medos de lobisomens (nesse tempo existia), de cachorro doente, do bote do guaxinim, de cobra coral, a que mais deslizava por entre as ervas rasteiras dos cantos de parede. Medo do doido Olegário, que andava pelos altos com seu grito rouco de fonemas que não chegavam a ter sentido.

Resumia-me numa convivência de silêncios somente quebrada pelas falas da cozinha e o zunido das abelhas em seu voo incessante, das flores para os cortiços enfileirados no alpendre com frente para o sol benéfico da manhã.

“Lu-iz!” era de vez em quando o chamado lá de dentro, de tônica bem aguda para saber onde e o que estava fazendo.

Já lendo sozinho, foi nos poucos livros de D. Antonina, todos sagrados, e no jornalzinho da igreja que fui achar companhias. No primeiro ou segundo “livro de leitura” é que fui atrelar-me a um casal de crianças que ru-mava de trem das terras do cacau para as do café com leite, deixando-me atrapalhado em Pindamonhangaba. Aí demorei soletando, perdendo os dois de vista, que se foram para sempre com o trem que se chegou a sonhar e que empacou antes da serra de Areia, em Alagoa Grande.

E me adomei nessa dependência, remoendo o despreparo para o esporte, o vôlei do tempo de ginásio, o futebol a mim reduzido ao time de botão com uma seleção em que entravam desde craques do Treze aos do Vasco da Copa de 1950.

Como se pode ver, não me peguei com o

“

Foi nos poucos livros de D. Antonina, todos sagrados, e no jornalzinho da igreja que fui achar companhias

livro por opção, mas como refúgio para não ficar falando sozinho. Some-se a isso o internato, no antigo Pio XI do padre Odilon Pedrosa, com mais horas no salão de leitura, na sala de aula, na missa, do que nos intervalos das refeições e do recreio.

É uma dependência, para não dizer vício, mas com uma vantagem: os livros não mudam. Serenos ou arrebatados, venham de Machado ou de Zé Lins, de Carlos Romero ou de Hildeberto, serão sempre os mesmos e sempre com mais significados quando voltamos a eles.

Mas a memória não me ajuda muito, salvo em leituras que me ferraram a sensibilidade ou se juntaram vívidas à minha experiência, ao meu espírito.

Por mais que estudasse a meu modo o fazer literário ou me detivesse no emprego da palavra que a ideia exigia, muita coisa se apartou da memória.

Agora mesmo, coisa de uma semana atrás, dei com uma antologia do conto norte-americano lida há uns 30 anos. Passei as folhas tendo como bem lembrado e vivo apenas um conto do velho Steinbeck, “O pônei alazão”. Dos demais, inclusive Poe, Henry James ou o mais jovem deles, Saroyan, todos com expressões ou frases inteiras frisadas na primeira leitura, ressurgiam inteiramente apagados, fora da memória.

SECRETARIA DE ESTADO DA COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO S.A.



William Costa
DIRETOR DE MÍDIA IMPRESSA

Naná Garcez de Castro Dória
DIRETORA-PRESIDENTE

Amanda Mendes Lacerda
DIRETORA ADMINISTRATIVA,
FINANCEIRA E DE PESSOAS

Rui Leitão
DIRETOR DE RÁDIO E TV

A UNIÃO Uma publicação da EPC

Av. Chef, nº 451 — CEP 58.082-010 — Distrito Industrial — João Pessoa (PB)

Gisa Velga
GERENTE-EXECUTIVA DE MÍDIA IMPRESSA

Renata Ferreira
GERENTE OPERACIONAL DE REPORTAGEM

PABX: (83) 3218-6500

E-mail: circulacao@epc.pb.gov.br (assinaturas)

ASSINATURAS IMPRESSAS: anual R\$ 404,25 / semestral R\$ 202,12 / número atrasado R\$ 4

CONTATO: redacao@epc.pb.gov.br / ouvidoria@epc.pb.gov.br

HABILITAÇÃO

Conquista da CNH muda realidade das mulheres

Segundo Detran-PB, participação feminina no trânsito cresceu 63% em 10 anos

Surama Marjouri
 Especial para o Jornal A União



MÊS DAS MULHERES

O Dia Internacional da Mulher é celebrado especificamente em 8 de

março, mas as conquistas femininas acontecem todos os dias, nos mais variados espaços e situações. As mulheres vêm alcançando seu lugar no trânsito, e a aquisição da Carteira Nacional de Habilitação (CNH) simboliza uma mudança concreta em suas vidas.

Em 10 anos, as vias do estado tiveram um crescimento expressivo de condutoras comprometidas com a segurança e com o interesse pela autonomia de ir e vir, liberdade e adequação das rotinas diárias. Segundo o anuário do Departamento Estadual de Trânsito da Paraíba (Detran-PB), 29% dos condutores são do sexo feminino. Entre essas mulheres, 52% têm de 31 a 50 anos e houve um aumento de 63% na participação feminina de 2015 a 2025.

Para homenagear as servidoras do seu quadro funcional, o Detran-PB realizou uma ação de visibilidade, abordando a temática da aquisição da CNH. Os relatos e motivos foram os mais diversos possíveis, como conseguir uma melhor colocação no trabalho, conquistar a liberdade, superação do medo, controle da rotina, passar os conhecimentos adiante e motivar mais mulheres a tirar a carteira de motorista.

A diretora de Operações Roberta Neiva compartilhou o significado da CNH em sua vida. "O carro é um ambiente de muitas memórias afetivas. Para a mulher, dirigir é empoderamento, é encontrar um espaço onde os homens dominam, mas, para mim, sempre foi um lugar de felicidade, de alegria, de encontro,



Foto: Arquivo pessoal



Foto: Divulgação/Detran-PB



Foto: Divulgação/Detran-PB

Nidja (E), Oneide (D) e Giselly (abaixo) celebram oportunidades obtidas graças à CNH

de construção de memórias. [Gosto de] dirigir aleatoriamente enquanto ouço música, converso com Deus e viajo sozinha".

Para Nidja Andrade, jornalista que atua no setor de Comunicação do órgão, "dirigir foi um marco, uma mudança radical". "Comecei a lecionar disciplinas sobre o trânsito e tive a oportunidade de passar esses ensinamentos para muitas pessoas, em aulas que eu ministrei no Detran, nas autoescolas e para alunos particulares".

O ato de conduzir, seja carro, moto, carreta ou outros veículos, abre oportunidades diversas em ambientes majoritariamente masculinos. A servidora Giselly Araújo, agente de trânsito da Operação Lei Seca, trouxe seu depoimento. "Sou habilitada desde os 18 anos. Aprendi cedo que dirigir vai muito

além de se deslocar: é conquistar liberdade e conduzir a própria vida. A obtenção da CNH também me permitiu a investidura no cargo de agente de trânsito do Detran, tendo em vista que esse era um dos requisitos exigidos no edital do concurso", relata.

Entre outras histórias que ganharam luz, voz e texto, também destaca-se a da servidora Oneide Maia, que tirou a carteira por incentivo de um dos filhos, vencendo o medo. "Eu faço treinos de corrida às 5h e saio no meu carro com toda autonomia", celebra.

Estatísticas

Os dados do Registro Nacional de Sinistros e Estatísticas de Trânsito (Renaest) sobre vítimas fatais em 2025, na Paraíba, mostram que, das 1.750 mortes, 242 foram de mulheres (13,8%). Desse número, 139 foram identifi-

cadas como vítimas, sendo 39 como motoristas/motociclistas (28%); 60 como passageiras (43%); 38 como pedestres (27%) e duas ciclistas (1%). Esses levantamentos confirmam que as mulheres são minoria entre as vítimas fatais.

Para endossar tais números, o Núcleo de Análise Criminal e Estatística (Nace) da Secretaria da Segurança e da Defesa Social (Sesds) constatou que 13% dos sinistros, no geral, envolveram condutoras do sexo feminino. Esse dado destaca como as mulheres são mais prudentes, pois se envolvem em menos colisões, resultando em maior segurança viária para todos.

O Detran-PB deseja que as mulheres ocupem seus espaços nas pistas, nas ciclovias e nas faixas de pedestres e mantêm o compromisso com a liberdade de ir e vir das mulheres.

Projeto Elas no Trânsito mira conscientização

O Detran-PB, por meio da Gerência de Educação para o Trânsito, promove, a partir de amanhã e ao longo de março, uma série de atividades educativas dentro do projeto Elas no Trânsito. Com o tema "Trânsito seguro também se constrói com igualdade", a iniciativa busca homenagear as mulheres no mês em que se celebra o Dia Internacional da Mulher, comemorado hoje.

De acordo com Ariana Nogueira, gerente de Educação para o Trânsito, "o objetivo é promover a conscientização sobre o papel da mulher na mobilidade urbana, bem como discutir e prevenir situações de violência, desrespeito e desigualdade no trânsito, reforçando a importância de uma convivência mais humana, segu-

ra e igualitária entre todos os usuários das vias".

As ações serão realizadas em diversos municípios paraibanos, envolvendo estudantes, educadores, trabalhadores e a comunidade em geral, além de autoridades locais, gestores municipais, representantes de instituições públicas e lideranças comunitárias. A programação inclui palestras educativas, blitze educativas, rodas de diálogo, atividades pedagógicas e ações de sensibilização voltadas à promoção da segurança viária e do respeito às mulheres. Durante os encontros, serão abordados temas como violência contra a mulher no trânsito, igualdade entre os usuários das vias, assédio e comportamentos inadequados no espaço público, o papel da

educação na construção de uma mobilidade mais segura e valorização da mulher no trânsito e na sociedade.

Cronograma

Confira a programação desta semana:

■ Campina Grande
 Data: amanhã
 Horário: 14h
 Local: Sesc Centro

■ Patos
 Data: 10 de março
 Horário: 8h
 Local: Escola Pública de Trânsito

■ Patos (blitz educativa)
 Data: 11 de março
 Horário: 10h30

■ Sousa
 Data: 12 de março
 Horário: 9h30
 Local: Escola de Demonstração de Sousa

■ Cajazeiras
 Data: 13 de março
 Horário: 13h30
 Local: Escola Nicea Claudino

Eduardo Augusto

eduardomelosocial@gmail.com

Cães

A guerra chegou ao Irã. Não uma guerra de defesa, não um ato de último recurso, mas uma invasão calculada, perfumada com os mesmos e velhos eflúvios da "libertação" e da "segurança nacional". Das cinzas de mais esta agressão, o que se ergue não é a paz, é o cheiro nauseabundo da pólvora e da hipocrisia. É sobre este fedor que precisamos falar.

Os tambores da guerra soam em Washington, e a imprensa ocidental, em um coral previsível, repete o refrão: é um ato para impedir uma ameaça nuclear, para derrubar um regime tirano, para levar a democracia ao povo persa. Mas vamos escavar as palavras e encontrar a verdade que elas tentam soterrar. Esta invasão é, em sua essência, um crime de guerra flagrante, uma violação tão descarada do direito internacional que envergonharia os algozes de Nuremberg.

Onde está a ameaça iminente que justifica a invocação do legítimo direito de defesa? Não há. O que há é a velha doutrina da guerra preventiva, um conceito rejeitado pelo direito internacional, que serve apenas para mascarar a agressão. Como bem apontam juristas e especialistas, atacar um país soberano sob o pretexto de uma ameaça futura e incerta é rasgar a Carta da ONU e cuspir na ideia de que as nações devem resolver suas diferenças de forma pacífica. É o mesmo argumento fétido usado para justificar o desastre no Iraque, baseado em mentiras e inteligência fabricada.

E não venham com a cantilena de que é uma "libertação". Ouvimos isso de algumas vozes na comunidade iraniana exilada, embaladas pela

ilusão de que um rei fantoche ou uma intervenção estrangeira pode trazer a democracia. É uma narrativa cínica e perigosa. A história recente no Afeganistão, no Iraque e na Líbia grita aos nossos ouvidos: invasões não trazem liberdade, trazem caos, fragmentação, guerra civil e morte. A "libertação" que nos vendem é, na verdade, a desintegração de uma nação de 90 milhões de



A 'libertação' que nos vendem é, na verdade, a desintegração de uma nação de 90 milhões de pessoas

de 90 milhões de pessoas, um banho de sangue orquestrado para satisfazer apetites geopolíticos.

Fala-se em derrubar um regime que comete atrocidades. De fato, o regime iraniano tem as mãos manchadas de sangue de seu próprio povo. Mas isso dá a Donald Trump, um presidente que parece ter medo do serviço militar e que lidera um movimento que busca minar direitos constitucionais em casa, a autoridade moral para bombardear outro país? A "moralidade" deste governo é tão seletiva quanto conveniente. Basta lembrar que os mesmos EUA que hoje atacam o Irã derrubaram um governo democraticamente eleito em 1953 para instalar o xá, uma ditadura que, por décadas, torturou e assassinou o povo iraniano. A história não é um borrão; ela nos condena.

Os crimes, no entanto, não são apenas de agressão. Eles se materializam nas bombas que caem sobre escolas. O ataque que matou mais de 100 crianças no sul do Irã não é um "dano colateral". É um crime de guerra. Atingir deliberadamente, ou com desprezo criminoso pela vida civil, uma escola é um ato de barbárie que deveria envergonhar a humanidade. O assassinato de cientistas e suas famílias, apresentado como ação cirúrgica, é terrorismo de Estado, puro e simples.

A comunidade internacional assiste, dividida. Enquanto potências como Rússia e China condenam abertamente a agressão, outros líderes ocidentais, reféns de seus alinhamentos políticos, tapam os ouvidos e os olhos, repetindo como papagaios os mantras da "autodefesa" de Israel. A União Europeia, que invoca o direito internacional para condenar Putin, engasga-se quando o agressor é seu aliado do outro lado do Atlântico. É um teatro de hipocrisia onde o direito internacional é uma clava para bater nos inimigos e um papel higiênico para limpar as mãos dos amigos.

Oswaldo Trigueiro do Valle Filho

Presidente do Tribunal Regional Eleitoral da Paraíba

“Nunca tinha visto um nível de violência como nas eleições anteriores”



Justiça Eleitoral está pronta para lidar com desinformação e polarização no pleito de 2026, garante desembargador

Da Redação

Embora as eleições gerais só ocorram em outubro, coordenar a segurança do pleito exige uma preparação que começa no planejamento interno do Tribunal Regional Eleitoral da Paraíba (TRE-PB), braço da Justiça Eleitoral no estado. Até o momento do voto, esse processo percorre as condições de trabalho dos servidores, a estrutura das zonas eleitorais e o tratamento do eleitor, como explicou o atual presidente do órgão, o desembargador Oswaldo Trigueiro do Valle Filho, que deixará o posto na próxima terça-feira (10), dando lugar ao desembargador Márcio Murilo da Cunha Ramos. Em uma conversa com o jornal **A União**, Trigueiro avaliou as renovações desenvolvidas ao longo do mandato, iniciado em março de 2025, e reforçou o compromisso do TRE-PB com a democracia, que envolve a fiscalização e o combate à desinformação durante o período eleitoral.

Entrevista

■ *No seu discurso de posse para a presidência no biênio 2025–2026, o senhor falou que aquele seria um ciclo desafiador e que percebia no Tribunal “um quê de mistério”. Durante esse tempo no comando da Corte, como o senhor descreveria a instituição?*

É uma instituição desafiadora em muitos aspectos. Há a ausência de estrutura, principalmente voltada para o primeiro grau, em que o eleitor paraibano é atendido de forma precária. Fora isso, os próprios servidores estavam desprovidos de qualquer tipo de apoio e suporte. Nas minhas idas como corregedor para as zonas eleitorais, fazendo as correções e inspeções, a gente passou a enxergar a precariedade interna nas estruturas da própria sede, na parte de finanças, financeiro e orçamentário. A gente estava ainda nas linhas de tabelas de Excel, de fato, sem um sistema, e isso nos deu uma precariedade da informação sobre em que investir, quanto investir e como investir. Do outro lado, na parte administrativa de execução, havia contratos cuja natureza era pouco vista, sem que a gente pudesse regionalmente atingir o que pretendia. Foram várias ideias que surgiram e que a gente foi implementando a partir de um grande planejamento estratégico.

■ *O TRE-PB realizou obras em vários cartórios do interior do estado. Podemos dizer que essa foi a prioridade da sua gestão?*

Antes disso, a grande prioridade foi o planejamento institucional. Esse planejamento não envolve apenas a questão física de reforma de sedes, mas toda uma modificação cultural: a cultura de privilegiar a meritocracia, de que todos os servidores podem ter a oportunidade de alcançar espaços de chefia, de coordenação, de direção. Isso era um desafio enorme. Fora isso, eu diria que o olhar maior foi voltar a atenção para o primeiro grau, que é onde o eleitor, na ponta, é atendido. Ele não procura a sede do TRE. Eu não tive, nesse ano como presidente, um atendimento a eleitores. Nenhum eleitor quis falar com o presidente. Eu atendo políticos, partidos políticos, advogados, pessoas que fazem parte da rotina de contratos administrativos, empresas, mas nunca o eleitor. Veja, como é que a gente tem uma atividade-fim para o eleitor, para o cidadão, e está atendendo muito mal no primeiro grau? Então, eu pude ver isso, um conjunto de situações para esti-

mular o pessoal e zerar qualquer tipo de pendências internas, a exemplo de prestação de contas, processos inacabados, questão de metas do Conselho Nacional de Justiça [CNJ] que nunca eram cumpridas. Tudo isso fez parte desse grande planejamento, ao lado da intervenção em mais de 20 unidades de zonas eleitorais com reformas completas. O maior exemplo é Campina Grande, que estava numa estrutura de sucata, e a gente trouxe uma realidade totalmente inovadora a esse ambiente, além de incentivar espaços de inovação. O laboratório [de Inovação, Inteligência e Objetivos de Desenvolvimento Sustentável] foi criado. A gente teve investimentos na parte de tecnologia, como o MinutaIA, sistema de inteligência artificial para diminuir a dificuldade dos cartórios.

■ *Amanhã, será inaugurado o Museu da Justiça Eleitoral – Memorial da Democracia, fruto de uma parceria com o Governo do Estado. Na sua visão, como um dos articuladores do projeto, qual a importância desse espaço para o TRE-PB e para o cidadão paraibano?*

Em toda parte em que se mexe com história, com memória, a gente preserva o passado. Uma instituição que não dá vazão e importância a essa memória é fadada ao esquecimento. Logo que cheguei, vi um memorial extremamente acanhado, tímido, com poucas peças, com pouca representatividade. Em uma entrevista para seleção, uma servidora trouxe uma foto do Casarão de Azulejos e revelou que ali teria sido a primeira sede do TRE, em 1932. Imediatamente, peguei meu carro, fui até lá e constatei o imóvel fechado. Procurei o governador, marquei audiência, expus o projeto e ele, com muita sensibilidade, entendeu a proposta. Foi aí que tudo começou. O governador conseguiu os recursos para a reforma e estamos entregando esse equipamento importante que vai retratar o mobiliário da primeira estrutura do Tribunal Pleno do TRE. Vamos ter o gabinete do presidente na época de 1932, suas vestes, um espaço com toda a evolução da urna, desde a de ferro até a mais atualizada, passando pela urna de pano, o voto impresso, o voto em papel, até o voto eletrônico. Ao lado, teremos também uma exposição temporária para artistas da terra. Lá em cima, um miniauditório, com vídeos institucionais vindos do Tribunal Superior Eleitoral [TSE], do próprio

TRE, um espaço para debates e discussões. Ao fim de todo esse percurso, a gente vai ter um café, com uma estrutura vista em alguns museus europeus e americanos. Acho que a gente passa a dar um apoio, um suporte para integrar o Centro Histórico de forma qualitativa.

■ *Nos últimos meses, o senhor liderou reuniões de alinhamento estratégico que visam estabelecer metas para a Justiça Eleitoral até o ano de 2032. O que é imprescindível nesse processo? Que nível de excelência o Tribunal Regional paraibano deseja alcançar?*

O planejamento estratégico é um instrumento muito valorado, porque ele é o sentido da continuidade administrativa. Nós temos gestões anuais de presidência e, se não há um norte, um roteiro, algo que foi construído de forma consistente, não chegaríamos a lugar nenhum. Com a continuidade, os resultados virão. Cada reunião dessa fez ou está fazendo o acompanhamento de 20 projetos estratégicos, que foram definidos a partir de um *workshop* de três dias no meio do ano passado. Ali a gente pôde estabelecer os horizontes definidos por juízes eleitorais e por servidores da Justiça Eleitoral, atrelados aos eixos estratégicos do CNJ. Eles foram, de fato, observados e saíram os projetos, cada um a seu modo; por exemplo, a questão do Museu Eleitoral, a questão de até 2032 termos espaços de inovação, de gerir competências e a produtividade dos servidores. Mês a mês, a gente tem uma reunião de acompanhamento da estratégia para ver a evolução desses projetos. Um deles, na parte institucional, é a identidade visual, a nossa comunicação, como ela é feita para o público externo, o que ele lembra quando pensa no TRE. São vários projetos importantes e interessantes, mas, acima de tudo, vindos da sua base, juízes e servidores.

■ *Nas Eleições 2024, a Paraíba foi o primeiro estado do Brasil a finalizar a apuração de votos, feito destacado pela presidente do TSE, a ministra Cármen Lúcia. A partir de então, foram realizados trabalhos para aperfeiçoar ainda mais a logística local?*

Em 2024, João Pessoa foi a primeira capital do país a divulgar o resultado das eleições. Foi uma estratégia muito bem pensada à época pela ex-presidente Agamenilde [Dias], que a gente chama de PCT — pontos de comunicação e de transmissão para o sistema central que levam a totalização dos votos ao TSE. Naqueles pontos que eram difíceis, porque não tinha tecnologia, não tinha rede de transmissão, esses PCTs vieram em boa hora. Para 2026, a projeção é a mesma. A gente acabou de entregar ao futuro presidente o programa das eleições, todas as estratégias, todos os projetos, todas as atividades, todos os monitoramentos, todas as tabelas padronizadas em cada cartório da Justiça Eleitoral da Paraíba. Todas as zonas eleitorais vão agir da mesma forma. Antes, cada uma tinha autonomia para definir seu plano. Agora, a partir de uma orientação do próprio TSE, a gente unificou internamente na Paraíba os procedimentos em todas as zonas eleitorais, por meio de um ato baixado pelo pre-

sidente, para que aquela rotina seja respeitada e estabelecida.

■ *As eleições de 2026 prometem grandes desafios para a Justiça Eleitoral no que diz respeito à desinformação, especialmente com o crescimento da inteligência artificial (IA). Que estratégias a Corte pretende utilizar para lidar com esse problema?*

Eu diria que a desinformação é uma preocupação nacional, não é? A partir do TSE, que tem desenvolvido atividades, acabamos de participar de uma audiência pública para debate das resoluções que vão reger a eleição de 2026. Um desses temas é a desinformação, a atividade de controle nas grandes empresas, nas *big techs*, em relação aos próprios partidos políticos. A não disseminação de informação equivocada está sendo muito bem observada até pela perspectiva acirrada da eleição que se avizinha. Isso traz dificuldades maiores, pelo nível de cuidado, pelo debate, pela discussão, pela forma de transparência com os partidos políticos, a classe da advocacia que vai gerenciar tudo isso, juridicamente falando, e também com as *big techs*. A gente vai ter um pleito com um controle muito bem posto por parte do TSE.

■ *O que a população pode fazer para se proteger da desinformação? Existe, no TRE, algum setor de denúncia ou de consulta em caso de dúvida sobre dados dos candidatos?*

Geralmente, a gente tinha, em outras épocas, o sistema Pardal, que trazia denúncias. Evidentemente, o TRE deverá se preparar para ter um canal de comunicação de desinformação, mas é importante que o próprio cidadão faça a sua parte de autocorreção. Procurar verificar, por meio de determinadas atividades de checagem, se aquilo tem procedência e não absorver por imediato a informação que é trazida, principalmente sob o ponto de vista da IA, que pode distorcê-la, pode facilitá-la, pode qualificá-la. A gente sabe que, no ambiente da propaganda política, infelizmente, existe ainda a cultura dolosa de querer deturpar a verdade. Nesse ponto, se eu encontro uma informação de que determinado político agiu de determinada forma, eu devo entrar em outros sites para saber se isso efetivamente aconteceu. Eu [devo] praticar o ato de controle. Esse é o primeiro passo que o eleitor deve fazer, e não absorver de forma clara e direta que uma informação é uma verdade absoluta, quando pode ser que não seja.

■ *O senhor acredita que o “clima” desta eleição assemelha-se ao de 2022 em termos de polarização dos eleitores e casos de violência? Como o TRE pretende assegurar um pleito tranquilo no estado?*

Acirrada será. Eu não tenho dúvida, até por essa polarização. Mas, como já passamos por uma experiência do tipo, temos maturidade para enfrentar determinadas situações que, naquela época, foram inesperadas. A gente nunca tinha visto um nível de violência como se observou nas eleições anteriores, fomentadas por candidatos. Às vezes, essa temperatura dos candidatos, como eles também passaram por isso, é um ponto importante para uma crítica aquilo que enfrentamos, para se

preparar não só com instrumentos legais, mas também no exercício do poder de polícia por parte do Judiciário, com os juízes eleitorais de ponta que estarão fazendo a fiscalização no dia anterior e no pós-eleições.

■ *A punição dos golpistas do 8 de Janeiro de 2023 reprimiu os movimentos antidemocráticos no Brasil ou essa corrente ainda ameaça as instituições constitucionalmente estabelecidas no país?*

O 8 de Janeiro foi um episódio triste, mas mostrou também a pronta resposta das instituições, o nível de processo e de punição pelos atos de vandalismo, de ataque à democracia, de ataque ao sistema do Estado Democrático de Direito. Eu acho que eles estão sendo punidos de forma exemplar. Há críticas quanto aos excessos na punição para alguns casos, mas eu diria que, de qualquer forma, houve a resposta do Estado em relação a esse tipo de atividade, que ela será sempre colocada na medida da transgressão, principalmente no que diz respeito a um bem tão caro, que é a nossa democracia.

■ *A Justiça Eleitoral na Paraíba já começou a receber denúncias de irregularidades eleitorais, como propaganda antecipada? Pode dar exemplos? Quais os tipos mais comuns de denúncias?*

Para não dizer que não houve, eu recebi o diretório municipal e estadual do Partido dos Trabalhadores (PT), dando conta de que teríamos alguns abusos em relação à candidatura adversa nessa comunicação formal. A gente repassa isso às estruturas de controle, em nível nacional, e também à comunicação do TSE. Não é novidade, não é propaganda antecipada, aliás, é objeto de inúmeros processos que correm na Justiça Eleitoral. Tem, pela legislação, muitas específicas para quem fizer algo dessa forma e, evidentemente, a reincidência gera mais e mais percalços para aquele que praticou.

■ *O quadro funcional do TRE, hoje, está de acordo com a demanda de ações? Existe previsão de novo concurso para o órgão?*

Nós temos um quadro que eu diria *sui generis*, ou seja, parece-me que isso já faz parte da sua estrutura. Houve uma reunião de todos os setores de pessoal, quando a gente teve essa necessidade de fazer o levantamento de quantos servidores requisitados de estado e município teriam, e foi exatamente um terço. Na Paraíba, nós somos 630 funcionários, dos quais 210 são requisitados. É um déficit grande. Para se ter uma ideia, a gente acabou, nesse meu período, de nomear cerca de 10 analistas e técnicos e agora vamos nomear mais 10. Ainda há um déficit enorme de cerca de, vamos dizer assim, 190 funcionários, porque as zonas eleitorais funcionam com um técnico, um analista e os requisitados — é a regra de que, a cada 10 mil eleitores por zona, um servidor do município ou do estado é requisitado. A gente fez um trabalho de valorização, para que eles possam ser reconhecidos de forma melhor dentro do próprio sistema eleitoral, mas existem muitas restrições e ainda estamos num patamar deficitário quando se fala de setor de pessoal.

MULHERES

Rotina feminina é marcada por tripla jornada

Desigualdade na divisão das tarefas domésticas afeta o bem-estar e reforça a necessidade de redes de apoio

Nalim Tavares
nalintavaresdo@gmail.com



A inserção no mercado de trabalho foi decisiva para a independência feminina, reposicionando a mulher na sociedade e dentro da dinâmica familiar. Ao ganhar renda própria, as mulheres passaram a ter maior autonomia na tomada de decisões, incluindo a busca por melhor formação educacional, sucesso na carreira profissional, e, afetivamente, a capacidade de escolher seus relacionamentos de acordo com o seu desejo.

Entretanto, pesquisas apontam que a conquista de novos espaços não significa o abandono de outros e, assim, muitas mulheres encaram uma jornada tripla de trabalho, em que equilibram o desenvolvimento profissional, o cuidado com a família e o cumprimento das tarefas domésticas — uma rotina repleta de responsabilidades que, muitas vezes, não deixa espaço para que cuidem de si mesmas.

De acordo com um estudo divulgado em novembro de 2025 pela Organização Internacional do Trabalho (OIT),

as mulheres são responsáveis por 76,2% do trabalho de cuidado não remunerado no mundo e dedicam quase 10 horas por semana a mais que os homens a atividades que envolvem o cuidar da casa, das crianças, dos idosos e dos parentes doentes, atendendo a necessidades físicas e emocionais desses entes.

A psicóloga Cristine dos Santos, que atua, especialmente, na área voltada para a saúde emocional das mulheres, indica que as pessoas tendem a setorizar a vida na tentativa de organizá-la. “Colocamos tudo em caixinhas: carreira, família, casa e lazer. Então tentamos dar conta de tudo, ou definimos o que é prioridade”, ela explica. “O problema é que, ao mesmo tempo que isso nos ajuda a organizar, também faz parecer que essas áreas podem ser separadas, e não componentes integrados que moldam nossa vida. Assim, às vezes, sem nem perceber, muitas mulheres sacrificam o lazer para dar conta da rotina e acabam exauridas, precisando redescobrir a si mesmas para curar e não adoecer”, esclarece.

Pelo relato de diversas pacientes, Cristine percebe que, em meio a tantos objetivos e sonhos, o autocuidado é deixado de lado por parecer menos urgente que qualquer ou-

tra coisa desejada. “Quando as demandas de casa e dos filhos chegam, parecem prioridades em relação a, por exemplo, ir ao salão cortar o cabelo, ou sair com as amigas. São demandas mais imperativas, imprescindíveis, e a gente atende com gosto, porque nos importamos com nossa família e com o ambiente em que vivemos”, expõe a especialista, complementando, porém, que quem cuida não só tem direito a ser cuidada, como também precisa e merece receber cuidados. “Todas as pessoas precisam de momentos individuais, focados em si, para a manutenção do bem-estar. Como a divisão das tarefas domésticas ainda é tão desigual e majoritariamente feminina, o tempo que as mulheres têm para fazer o que gostam acaba sendo reduzido”.

Ajudas

Diante desse cenário, a psicóloga ressalta a importância das redes de apoio — um conjunto de pessoas, sejam cônjuges, amigos ou familiares, que oferecem suporte prático e emocional. “Ter contato com os outros e ser cuidado por eles é essencial para nós, humanos. É aquela velha história: nenhum de nós sobrevive por muito tempo, feliz e saudável, se estiver-



Após diversos anos de esforços, Pollyana Zlocowick curte os seus dois filhos criados

mos sozinhos. Precisamos contar uns com os outros e, quando há a certeza de que temos onde encontrar apoio e acolhimento, é muito mais fácil regular o nosso emocional e encontrar caminhos para uma vida mais leve”, explica Cristine.

Ter pessoas de confiança, nas quais se pode confiar, foi essencial para a professora Pollyana Zlocowick. Viúva aos 37 anos, ela conta que passou por um momento muito difícil durante o luto, tendo que assumir o controle de atividades que, antes, eram divididas com o marido, além de dar suporte aos dois filhos, Lucas e Thaís, que na época eram pequenos. “Trabalhava de manhã, de tarde e de noite para ocupar minha mente e criar os meninos. Recebi muito suporte da minha mãe, que foi morar conosco para me ajudar em casa, e da

Cris, uma funcionária que contribuía comigo há muito tempo. Eu trabalhava em dois lugares e fui segurando a barra. Tiveram momentos muito difíceis, mas deu certo”, ela conta.

Com o passar dos anos o luto assentou, os filhos cresceram e formaram-se — o mais velho em Administração e a mais nova, em Terapia Ocupacional. “Eu sempre tive muita fé de que ia conseguir, que a dor ia passar. Tive que abdicar de muitos sonhos, de muitas coisas, para proporcionar uma educação de qualidade e algum lazer para os meus filhos. A gente fica muito cansada, muito estressada, porque quer proporcionar o melhor para eles. Graças a Deus, o necessário nunca nos faltou. Hoje estamos tranquilos e me considero uma vitoriosa”, reflete.

Atualmente Pollyana tra-

balha em dois horários, porém afirma que não abre mão do autocuidado. Todo mês de julho, quando entra de férias e comemora seu aniversário, presenteia-se com uma viagem. “Sempre tive tempo de me cuidar. De relaxar, como eu gostaria, já era um pouco mais difícil. Só que também sempre tive suporte e isso permitiu que eu continuasse prezando pelo meu lazer”. Ainda assim, ela conta que só começou a respirar quando completou 50 anos. “Foi a partir desse momento que pensei ‘agora, vou realizar meus sonhos’. Mas não foi fácil, passei por muitas noites de choro, muitos apertões, sentindo a falta do meu marido, que era um esposo e um pai maravilhoso. Todas as minhas vitórias foram fruto de muita luta, fé e do apoio que recebi da minha família e dos amigos, que não me deixaram cair”, lembra.

Sobrecarga existe mesmo quando a maternidade ainda não aconteceu

Mesmo quando não tem filhos, a sobrecarga pode ser percebida no cotidiano das mulheres, que precisam encontrar formas de cuidar de si mesmas em meio a rotinas extenuantes, divididas entre a casa e o trabalho. A psicóloga Williane da Silva Alves, casada recentemente, conta que ainda está tentando descobrir como encaixar o lazer em meio às responsabilidades, mesmo que o marido, Gabriel, seja solícito. “A demanda domiciliar é bem puxada. Sinto dificuldade até para visitar minha família, porque, quando saio do trabalho, não tenho disposição para mais nada. E, quando chego em casa, ainda tenho tarefas do lar para concluir. Essa dinâmica afeta inclusive a minha disposição para realizar atividade física, que está baixa”. Entretanto, por reconhecer a importância de momentos de ócio, recreação e autocuidado, Williane afirma estar revisando a rotina, procurando formas de se cuidar em meio às exigências do dia a dia.

“Mesmo com um companheiro que ajuda, a rotina pode ser muito cansati-

va e isso faz com que outras áreas da vida, como o cuidado físico, mental e os momentos em família, sofram um

declínio. Acho que se priorizar é importante, justamente para não deixar isso acontecer”, ela reflete.



Williane acumula funções mesmo com a ajuda do namorado

Cotidiano exige a conciliação das vidas profissional e pessoal

Para a enfermeira Rita de Cássia Santos, que atua em um Centro de Atenção Psicossocial para álcool e drogas e em um hospital de pronto-socorro, conciliar o profissional e o pessoal também é desafiador. “Ser enfermeira exige muito e, quando chego em casa, só quero descansar. Cuidar de mim era algo que eu não fazia. Só comecei a prestar atenção nisso e me cuidar, da forma que eu mereço, no fim de 2025”.

Para não negligenciar a si própria, Rita quebra a rotina com atividades simples, como uma limpeza de pele ou uma escova no cabelo. “Minha rotina era sair de casa, ir para o trabalho e voltar. Só que aí percebi que o meu trabalho era cuidar dos outros e que, se eu não cuidasse de mim, ninguém mais faria isso. Comecei a frequentar a academia e, quando os meus amigos me chamam para sair, topo mesmo que esteja cansada. Digo a mim mesma que vou me divertir”, ela afirma. “Percebi que minha vida nunca vai deixar de ser corrida, até pela profissão que escolhi. Só que não posso ficar focada apenas no desenvolvimento da mi-

nha carreira profissional. Por mais importante que ela seja para mim, sou um ser humano e preciso de cuidados. Então estou reaprendendo a cuidar de mim”.

Rita frisa, ainda, que ama a família e a profissão escolhida e que sente gratificação ao olhar para essas áreas da sua vida. “Só que é cansativo. Na minha vida e na de muitas outras mulheres, existe essa sobrecarga: trabalho, casa, o cuidado com outras pessoas. Por isso, acredito que é importante dividir responsabilidades e lembrar que a mulher também precisa ser cuidada”.

Para a psicóloga Cristine dos Santos, longas jornadas de trabalho — que não incluem somente o ambiente profissional, mas também o trabalho de cuidado desenvolvido dentro de casa, invisibilizado pelas paredes do lar —, tornam-se um obstáculo para que as mulheres, que normalmente são as principais responsáveis por zelar pelo bem-estar do outro e dos ambientes onde estão inseridas, acessem o direito que têm de, também, receberem carinho.

“Aquele que é responsável por cuidar de algo, seja

ZONA SUL

Vias melhoram o trânsito na capital

Com cerca de R\$ 39 milhões investidos pelo Governo do Estado, novos caminhos reduzem o tempo de deslocamento

Samantha Pimentel
samanthainiao@gmail.com

A mobilidade urbana impacta diretamente o cotidiano da população. Quando o deslocamento para atividades como trabalho e estudo torna-se mais rápido e eficiente, há economia de tempo, redução de custos e melhora na qualidade de vida. Com esse objetivo, intervenções estruturais foram realizadas, pelo Governo Estadual, em pontos de grande fluxo em João Pessoa, contabilizando um investimento de cerca de R\$ 39 milhões.

Alguns desses lugares são na Zona Sul da capital, nas proximidades do Campus I da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e do Hospital Universitário Lauro Wanderley (HULW-UFPB). Na região, o fluxo de automóveis costuma ser bastante intenso, em virtude, dentre outros fatores, da convergência de bairros como Bancários e Castelo Branco.

Com o objetivo de melhorar a dinâmica do trânsito na área, o Governo do Estado construiu a Ponte das Três Ruas, inaugurada no fim de 2024. Recentemente, uma nova via de ligação com o Altiplano foi implantada, chamada de "Vias do Atlântico". Essas intervenções tem alterado, positivamente, a rotina de quem trafega nas proximidades.

Moradora da área, a servidora pública Lorena Borges afirma que a ponte trouxe benefícios, especialmente e não apenas para quem usa o carro. "Facilitou muito quando vou para a UFPB de bicicleta. O trajeto ficou mais rápido e seguro, o que me estimulou a usar mais esse meio de transporte", relata.

Para os carros, Lorena observa uma melhora no acesso à região principal dos Bancários. No entanto, ela destaca que, nos horários de pico, o trânsito em direção à UFPB continua intenso. Para ela, apesar dos avanços, as melhorias ainda são pontuais, sendo necessário pensar em soluções mais amplas e sustentáveis para a mobilidade.

O morador Hélio Luna

Fotos: Roberto Guedes



Obras encurtaram as distâncias por meio da criação de estradas alternativas; além disso, foram construídas estruturas que incentivam diferentes formas de mobilidade, como as cicloviárias para quem deseja utilizar a bicicleta como meio de transporte



Na ida, tendo em vista que vou no horário de fluxo intenso, levo cerca de 40 minutos; na volta, faço em 15 minutos

Hélio Luna

também avalia positivamente a obra. Segundo ele, o novo acesso reduziu o tempo de

deslocamento até o Centro da cidade. "Na ida, tendo em vista que vou no horário de fluxo intenso, levo cerca de 40 minutos; na volta, faço em 15 minutos. A diferença, por conta do trânsito, é grande", relata, explicando que, temporariamente, o fluxo está mais intenso devido às intervenções realizadas pela prefeitura na rotatória da UFPB, mas acredita que a situação deve se normalizar assim que as obras terminarem.

Hélio acrescenta, ainda, que, além de melhorar o tráfego, as duas pontes — junto ao parque implantado nas Três Ruas — contribuirão para a valorização imobiliária da área.

Já a moradora Jaciara Pereira do Nascimento avalia que o novo acesso encurtou distâncias, mas estimulou o aumento do número de veículos, provocando congestionamentos em determinados horários. "Para ir a pé é mais perto, mas de

carro, dependendo do horário, o congestionamento atrasa", afirma.

De acordo com o Departamento de Estradas de Rodagem da Paraíba, responsável pela execução, a Ponte das Três Ruas recebeu investimento superior a R\$ 17 milhões e é considerada uma das principais intervenções de mobilidade da Zona Sul, beneficiando cerca de 300 mil pessoas. A estrutura possui 80 m de comprimento, 15 m de altura e 25 m de largura, além de duas rotatórias — uma atrás do campus da UFPB e outra nos Bancários — que facilitam o tráfego nos dois sentidos e ajudam a desafogar vias historicamente congestionadas. A obra também conta com calçadas e ciclovia.

Altiplano

Outra intervenção relevante, a Via do Atlântico interliga o bairro Altiplano ao HULW-UFPB. O mo-

torista de aplicativo Wagner Belo Rocha afirma que a obra reduziu o tempo das viagens. "Virou uma rota de fuga para economizar tempo. Você sai do Altiplano direto na UFPB e evita o trânsito da descida para a Beira Rio", destaca.

Na obra, foram investidos mais de R\$ 22 milhões em recursos próprios do Governo do Estado, com inauguração no fim do ano passado. A via possui 2,4 km de extensão e facilita o deslocamento entre os bairros Altiplano e Castelo Branco, além de contribuir para reduzir a sobrecarga na Avenida Beira Rio. O projeto incluiu, ainda, a pavimentação e a urbanização de ruas do Altiplano, como a duplicação da Rua Antônio Francisco do Amaral.

Segundo o diretor de Planejamento e Transportes do DER-PB, José Arnaldo Souza Lima, o planejamento das obras na Região Metropolitana é essencial para atender

Bairros

Ponte e novos percursos alteram a rotina de quem circula e ampliam integração entre Bancários, Altiplano, Castelo Branco e Cidade Universitária



às demandas da população. Ele ressalta que muitas solicitações chegam por meio do Orçamento Democrático Estadual (ODE), instrumento de participação popular que auxilia na definição da aplicação dos recursos públicos.

"Essas obras impactam diretamente na qualidade de vida, reduzem custos de transporte, diminuem o tempo de viagem e favorecem o convívio social e o lazer", pontua.

Além das intervenções na Zona Sul, o gestor cita outras obras executadas ou em andamento com recursos estaduais, como o Arco Metropolitano de João Pessoa, o Complexo Rodoviário Ponte do Futuro, o Viaduto do Bairro das Indústrias, o Viaduto de Água Fria, as ligações Geisel-Colinas do Sul, Mangabeira IV-Entroncamento da PB-008, Centro de Convenções-Mangabeira IV e Cidade Universitária-Altiplano.

Especialista diz que é essencial investir em transporte público

Vias da Zona Sul de João Pessoa, como a Avenida Sérgio Guerra — conhecida como "principal dos Bancários" —, em João Pessoa, historicamente enfrentam problemas de congestionamento que impactam diretamente a rotina da população.

O especialista em mobilidade urbana Nilton Pereira de Andrade explica que a situação é consequência do crescimento da região sem o devido planejamento urbano. Segundo ele, a presença do Campus I da UFPB, um grande polo gerador de viagens que atrai, diariamente, milhares de pessoas em horários específicos, intensifica o fluxo. No entanto, o problema é anterior. "Depois da universidade, fizemos o conjunto dos Bancários,

mas quem fez o conjunto não deixou muitas ligações pensando no que viria depois", pontua.

Para o especialista, bairros que surgiram posteriormente, no entorno dos Bancários, como Jardim São Paulo, Jardim Cidade Universitária, Anatólia e Colibris, não contam com conexões viárias adequadas para desafogar a avenida principal.

Ele exemplifica que, ao sair das Três Ruas em direção ao Mangabeira Shopping, o motorista precisa fazer um trajeto sinuoso, pois não há uma via direta. "A única reta livre é a principal. Do mesmo jeito, se sair por trás do Carrefour e quiser chegar à via paralela da principal de Mangabeira, o condutor não consegue.

Quem planejou esses bairros não pensou numa ligação contínua e direta, como é a principal dos Bancários. Resultado: todo mundo utiliza a Avenida Sérgio Guerra", destaca.

Com o crescimento constante da região, a via segue congestionada, formando gargalos que acabam sendo alvo de intervenções pontuais. Para Nilton, essas obras ajudam momentaneamente, mas não resolvem o problema estrutural. "Quanto mais são construídas infraestruturas para facilitar o escoamento, mais atrativa aquela rua fica e mais estimula o uso do carro", afirma. Ele observa que, apesar das intervenções já realizadas, os problemas de circulação na cidade aumentam ano a ano.

O aumento diário da frota de veículos também agrava o cenário. Conforme o especialista, nenhuma cidade consegue absorver indefinidamente o crescimento do número de carros sem enfrentar congestionamentos e outros transtornos. Para ele, a solução passa pelo investimento efetivo no transporte público, tornando-o acessível, eficiente e atrativo. "Assim, se transporta mais gente ocupando menos espaço. E ele precisa ser priorizado, não pode ficar misturado com os outros carros, porque aí não anda", defende, ressaltando a importância de faixas exclusivas e destacando, também, a necessidade de priorizar o uso da bicicleta onde houver demanda.



Quanto mais são construídas infraestruturas para facilitar o escoamento, mais atrativa aquela rua fica

Nilton Pereira

Na avaliação de Nilton, contudo, o que tem ocorrido nos últimos anos são investimentos para aliviar congestionamentos em pontos específicos, sem um planejamento amplo para qualificar o transporte coletivo. A baixa qualidade do serviço, segundo ele, incentiva a aquisição de veículos próprios, especialmente motocicletas, que têm menor custo e maior agilidade no trânsito. Esse movimento, além de ampliar a frota, contribui para o aumento de acidentes e de vítimas.

Nilton conclui que estruturar adequadamente o transporte público é uma solução de longo prazo, mas fundamental para enfrentar, de forma eficaz, os problemas de mobilidade urbana.

CÂMERAS INTELIGENTES

Rede intensifica vigilância na capital

Chegando a três mil aparelhos instalados pela cidade, projeto levanta questões sobre segurança e direitos individuais

Camila Monteiro
 milabmonteiro@gmail.com

Com tecnologias de reconhecimento facial, leitura de placas de veículos e monitoramento em tempo real, o projeto Smart City vem aplicando a instalação de câmeras inteligentes em João Pessoa. O sistema, que se integra às atividades da Guarda Civil Metropolitana (GCM) da capital, prevê a implantação de um total de três mil câmeras por toda a cidade, ainda neste primeiro semestre de 2026. Atualmente, 2.025 equipamentos já estão instalados ou em processo de ativação no município.

A nova iniciativa desenvolvida pela Prefeitura de João Pessoa, em parceria com a Agência de Inovação Tecnológica da capital (Inovatec-JP), tem como finalidade proporcionar mais eficiência às ações relacionadas à segurança da população, sendo utilizada, ainda, para iluminação pública. Funcionando 24 horas por dia – inclusive com a utilização de câmeras de visão noturna e de sensores de movimento –, o programa busca contribuir de maneira eficiente para o monitoramento de áreas estratégicas, mas também levanta o debate so-

Fotos: Leonardo Ariel



As imagens captadas são acompanhadas, em tempo real, pela Central de Monitoramento da Semusb

bre privacidade e proteção de dados dos cidadãos.

De acordo com o diretor de Videomonitoramento da Secretaria de Segurança Urbana e Cidadania (Semusb) de João Pessoa, Marciano da Silva, com a instalação de três mil câmeras, a partir do projeto, a capital paraibana poderá superar grandes centros urbanos do país no número de equipamentos do tipo em funcionamento. “Se compararmos com São Paulo [SP], porcen-

tualmente falando, teremos uma cobertura maior, pois, em São Paulo, há mais de 11 milhões de habitantes, e João Pessoa está caminhando para um milhão”, explicou.

Diante da magnitude do Smart City, ao avaliar questões de transparência e o cumprimento da Lei Geral de Proteção de Dados (LGPD), a advogada especialista em Direito Digital, Fernanda Carvalho, salientou que a iniciativa não atua em um “vácuo legal” e

está, sim, submetida aos termos da LGPD. “A lei permite o monitoramento em João Pessoa sem o consentimento individual, mas proíbe que esses dados sejam usados para qualquer finalidade que não seja a segurança ou a gestão da cidade. Se uma imagem sua, captada por uma câmera pública, for usada para fins comerciais ou políticos, a lei será violada”, detalhou a especialista.

Além dos dispositivos próprios do Smart City, o progra-



Sistema deve integrar dispositivos de comércio e residências

Controle e transparência devem ser diretrizes éticas

Para equilibrar segurança e direitos individuais, Fernanda Carvalho defende que o Smart City opere sob um modelo de vigilância ética, baseado em quatro pilares: limitação de finalidade e de tempo; transparência; controle e auditoria; e proteção de dados.

O primeiro ponto, como a especialista em Direito Digital esclarece, refere-se ao fato de que o sistema não deve vigiar a tudo e a todos indiscriminadamente. As câmeras vinculadas ao projeto devem cumprir seu propósito: buscar padrões que fujam da normalidade nos espaços públicos. Além disso, as cenas gravadas não devem ser armazenadas indefinidamente. “Imagens que não registrem incidentes devem ser apagadas em curto prazo, impedindo a criação de um histórico ‘eterno’ da vida das pessoas”, argumentou Fernanda. Esse procedimento, de acordo com Marciano da Silva, já é adotado e as imagens captadas pelo Smart City são guardadas por cerca de 30 dias, em conformidade com a LGPD.

Outro aspecto considerado essencial é o cidadão saber que está sendo monitorado e ter acesso a informações sobre o uso dos dados e os resultados obtidos, a partir deles, na área de segurança. Já em relação ao controle, a advogada enfatizou a importância da rastreabilidade do sistema e de sua operação por equipes capacitadas. Quanto a esse ponto, Marciano garantiu que os agentes atuantes no projeto passam por um treinamento especializado, realizado pela própria empresa que mantém os equi-

pamentos funcionando.

“Em dias de pouco volume de eventos, acompanhamos a rotina da cidade, mas temos, aqui, pessoas procurando situações que envolvam colisão de veículos, por exemplo, e realizando o monitoramento do Parque da Lagoa, do Parque Zoobotânico Arruda Câmara, dos cemitérios da cidade, da orla, entre outros”, detalhou o diretor de Videomonitoramento da Semusb.

Na avaliação de Fernanda, o equilíbrio ideal acontece quando esse tipo de sistema é usado como ferramenta de resposta a crimes, e não como instrumento de controle social permanente.

Foto: Arquivo pessoal



Imagens que não registrem incidentes devem ser apagadas em curto prazo, impedindo a criação de um histórico ‘eterno’ das pessoas

Fernanda Carvalho

Estrutura ajuda a elucidar crimes diversos

Com a finalidade de ser uma rede de infraestrutura inteligente para integrar segurança, mobilidade e gestão de dados, as câmeras do Smart City foram fixadas em lugares considerados sensíveis de João Pessoa, como o Centro Histórico, parques, áreas verdes e as orlas de Tambaú e Cabo Branco, além de vários outros bairros e avenidas com grande circulação de pessoas. É o que apontou Marciano da Silva.

“O projeto contempla toda a área do município de João Pessoa, com previsão de atendimento a todos os bairros. O estudo técnico para a definição dos novos pontos de instalação está sendo realizado pela Semusb, garantindo critérios estratégicos e técnicos para a expansão da cobertura”, explicou o representante do órgão.

Os dispositivos implantados permitem o acompanhamento, em tempo real, da rotina da capital, especialmente o tráfego viário e a movimentação popular em grandes eventos, como aconteceu durante os festejos do Carnaval deste ano. Vale frisar que o sistema não

aplica multas de trânsito; o foco é apoiar investigações e elucidar ocorrências.

Ainda de acordo com a Semusb, nos próximos meses, será fechada uma parceria entre a Prefeitura Municipal e a Polícia Rodoviária Federal (PRF), por meio da qual o órgão de segurança poderá contar com o banco de dados do Smart City para auxiliar suas operações.

Aliado

Desde a inauguração do sistema, aliás, o recurso de reconhecimento facial já resultou na localização e na prisão de foragidos da Justiça, incluindo um homem que estava sendo procurado havia 16 anos. Segundo Marciano, em um caso recente de homicídio no Centro, o videomonitoramento contribuiu para identificar e capturar um suspeito do crime em menos de 24 horas. O material das câmeras vem ajudando a esclarecer assassinatos, sequestros e arrombamentos, além de rastrear rotas de veículos envolvidos em delitos. Sua utilização para a leitura de placas é outra ferramenta

usada para monitorar veículos roubados. A tecnologia também poderá, futuramente, ser explorada para localizar pessoas desaparecidas, em uma possível colaboração com entidades que tratam do tema na Paraíba.

Para Fernanda, antes do Smart City, o policiamento dependia muito da presença física dos agentes ou de chamadas via Disque 190. Com as câmeras, há uma vigilância constante, sem as limitações humanas. Além disso, a presença dos totens de segurança possui um efeito inibidor, servindo para desestimular, por si só, crimes de oportunidade. “Essa é, talvez, a contribuição mais pragmática, pois o infrator sabe que está sendo rastreado em tempo real”, comentou a advogada.

Assim, por meio do uso de inteligência artificial, é possível, na Central de Monitoramento, identificar ações que fogem da regularidade e enviar equipes diretamente aos locais de ocorrência. Conforme a especialista, o programa maximiza o uso dos recursos públicos e diminui o tempo



O estudo técnico para a definição dos novos pontos de instalação está sendo realizado, sob critérios estratégicos para a expansão da cobertura

Marciano da Silva

de resposta das autoridades.

O casal Anlise e Gabriel Guimarães, residente do Cabo Branco, contou estar satisfeito com a instalação das novas câmeras de segurança no bairro. “Por muitos anos, tivemos a sensação de que a segurança não evoluía como deveria, e essa iniciativa mostra que avanços são possíveis”, disse Gabriel. Para Anlise, os aparelhos ampliam a sensação de proteção e aumentam a tranquilidade de quem circula pela região. “É uma melhoria muito bem-vinda e importante para toda a comunidade, mostrando que investir em segurança faz diferença no dia a dia dos moradores”, pontuou.



Segundo o diretor de Videomonitoramento da Semusb, todos os bairros serão contemplados

CLUBES DE LEITURA

Grupos promovem laços, reflexões e debates

Literatura, socialização e pensamento crítico mobilizam mulheres no estado

Camila Monteiro
milabmonteiro@gmail.com



Para os leitores costumeiros, finalizar uma obra é ter a cabeça fervilhando sobre novas ideias e formas de enxergar o mundo. Nesses casos, ter alguém para debater sobre as percepções acerca de um livro é algo maravilhoso. Assim, os clubes de livros tornam-se espaços que promovem a troca de reflexões e acabam indo além: oferecem um espaço de socialização e de incentivo à leitura.

Esses grupos são formados majoritariamente por mulheres, fato que pode ser explicado por meio de dados divulgados, em 2024, pela pesquisa Retratos da Leitura no Brasil, realizada pelo Instituto Pró-Livro. O estudo mostrou que 49% das mulheres consideram-se apreciadoras da literatura, contra 44% dos homens.

A autora do livro *Book clubs: women and the uses of reading in everyday life* (Clubes de leitura: mulheres e os usos da leitura no cotidiano), Elizabeth Long, enxerga os grupos como locais em que, além do debate literário, o diálogo acerca de valores e impressões de mundo são construídos, de modo a contribuir para a formação de vínculos entre as participantes.

A jornalista Bruna Fernandes, consumidora assídua de livros, comentou que participar de um clube de leitura tem sido uma experiência importante, pois a desafia a ler obras que não seriam a sua primeira opção, além de fomentar discussões interessantes sobre o que foi aprendi-



A gente discute, compartilha questões, e isso ajuda a fazermos uma leitura mais completa e interessante

Bruna Fernandes

dido. “A gente sai da zona de conforto mesmo. É ótimo porque, por exemplo, quando o livro é mais complexo, a gente vai discutindo, compartilhando questionamentos, e isso ajuda a fazermos uma leitura mais completa e interessante”, comentou.

Como Bruna, várias outras mulheres, em João Pessoa e na Paraíba, têm buscado fazer parte de clubes de leitura, principalmente com o objetivo de ampliar os horizontes e ter uma nova fonte de interações sociais. Grupos como o Narradoras do Tempo e o Virando a Página mostram como a leitura coletiva coloca-se como espaço de construção de pensamento crítico.

Ação universitária

Criado a partir de uma proposta acadêmica, o clu-

be de leitura Narradoras do Tempo nasceu do interesse da professora e jornalista Sandra Raquew Azevêdo em ampliar o contato de estudantes com obras escritas por mulheres.

A ideia surgiu de sua própria trajetória como leitora e pesquisadora de autoras que atuam em diferentes gêneros literários — como crônica, livro-reportagem e jornalismo em quadrinhos. Professora do Departamento de Jornalismo da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Sandra explica que o clube foi pensado, inicialmente, como estratégia para estimular a leitura crítica entre estudantes e engrandecer o repertório literário dentro do campo do jornalismo. “O grupo surgiu da necessidade de ampliar, estimular a leitura, sobretudo nesse contexto de muita dispersão que temos hoje, principalmente lidando com o ensino”, ressaltou a professora.

O projeto foi submetido a um edital de extensão da UFPB e aprovado, permitindo a formação de uma equipe com estudantes e uma bolsista responsável por apoiar as atividades. A partir daí, o clube passou a desenvolver ações em diferentes espaços, incluindo escolas e comunidades.

Um dos primeiros projetos aconteceu no município de Duas Estradas, no interior da Paraíba, em parceria com secretarias municipais e iniciativas culturais locais. As atividades envolveram estudantes da Educação Infantil aos Anos Finais do Ensino Fundamental, e incluíram encontros literários, leituras coletivas e até um sarau. Sandra avaliou a experiência como muito rica e de grande impacto. “Foi muito importante para nós esse en-



Ilustração: Bruno Chiozzi

Estudo de 2024 aponta que 49% das brasileiras consideram-se leitoras, contra 44% dos brasileiros

volvimento e essas parcerias no desenvolvimento do clube de leitura Narradoras do Tempo”, acrescentou.

Os encontros do grupo costumam reunir cerca de 40 participantes, embora o número varie conforme a atividade e o local. A escolha das obras acontece por meio de uma curadoria, que prioriza textos produzidos por mulheres — principalmente do campo jornalístico — que abordam temas sociais relevantes, como violência de gênero, direitos humanos e questões ambientais. “Eu acho que falar das mulheres jornalistas é relevante, porque o mercado também é desafiador. As mulheres jornalistas têm atuado muito for-

temente no desenvolvimento de projetos de livros-reportagens e também de reportagem em quadrinhos”, destacou Sandra. Ela ainda salientou a importância da divulgação dessas autoras como forma de fortalecer a visibilidade de seus projetos editoriais, além de contribuir para que suas falas sejam ouvidas (e lidas).

Uma das características do projeto é a proposta de ser itinerante, levando debates literários para diferentes regiões do estado. Para além de incentivar o hábito da leitura e de promover a socialização, a discussão sobre temáticas como violência e feminicídio faz parte das suas atividades. Para Sandra, esse tipo de diálogo é

fundamental. “É muito importante esse debate. É um tema prioritário e, lamentavelmente, recorrente, em vista de vivermos num país em uma epidemia de violência”, pontuou a professora.

■ Contemplado por um edital de extensão da UFPB, o Narradoras do Tempo realiza ações itinerantes pela Paraíba

Iniciativas favorecem criação e consolidação do hábito de ler

Além de projetos com viés acadêmico, diversos clubes do tipo têm início apenas pela vontade de compartilhar leituras com amigos. Esse foi o caso do grupo Virando a Página, idealizado pela psicóloga Teresa Crispim. Ela contou que cresceu em meio a livros e, logo cedo, tornou-se uma leitora voraz. “Não sei desde quando comecei a ter vontade de criar um grupo de leitura mas, no início de 2023, incluí nas minhas metas. Passei alguns meses pensando no formato, convidei, inicialmente, oito amigas e o clube foi criado”, explicou.

O clube que começou com oito participantes soma, atualmente, 18 membros. A psicóloga destacou que o grupo nasceu por amor aos livros, sem limitar-se a certos temas ou autores, mas que, ao longo dos anos, seu estilo vem se desenhando, a partir da identidade de cada um dos membros. “Dos livros escolhidos, 99% são escritos por mulheres”, observou.

A escolha da obra a ser lida é feita de maneira bastante democrática: quem quiser sugerir um título, indica



Foto: Sandra Raquew/Arquivo pessoal

Para Sandra Raquew (C), interações em torno das obras favorece a formação das participantes

para a organizadora do grupo, que escolhe dois candidatos e os coloca para votação. Assim, os próprios integrantes têm a decisão final sobre a nova leitura.

A também psicóloga Lenita Faissal integra o Virando a Página desde 2024. Em sua avaliação, o clube proporciona disciplina e controle de tempo para aqueles que já têm o hábito de leitura, enquanto que, para quem ainda está desenvolvendo esse cos-

tume, contribui para a assiduidade e o contato com autores diversos. Além desses benefícios, o grupo mostra-se como espaço social, de partilha de saberes e vivências.

“Acho que para todas as pessoas, grupos são espaços sociais, afetivos, de troca de conhecimento. No caso do clube de leitura, quando o elo é um livro, uma história interessante, uma interpretação representativa, esses espaços são ainda mais ricos,

em todos os aspectos”.

Para Bruna Fernandes, do Narradoras do Tempo, apesar de sempre ter tido gosto pela leitura, participar de um clube incentiva ainda mais o hábito, além da satisfação de integrar uma rede de pessoas com interesses similares. Outras vantagens são apontadas pela jornalista: “O clube também leva à descoberta de autores não tão conhecidos, já que cada integrante tem um perfil, uma preferên-

cia e um mundo único. Então, sempre tem indicações diversas, principalmente de escritoras brasileiras”.

Partilha e satisfação

A criação de laços e da sensação de pertencimento é, de fato, uma das benesses de integrar um clube de leitura para mulheres, pois proporciona uma experiência comunitária. Segundo Sandra Raquew, mesmo antes da pandemia de Covid-19, a sociedade vem se construindo a partir da individualidade, e participar de vivências em grupo é romper com esse padrão. “Acho que é algo muito rico quando nos abrimos para uma experiência que lida com a diversidade de pessoas”. A partilha de vivências, de horizontes e de leituras favorece a formação humana e de crítica social, defendeu a professora. “Eu vejo essa integração como um horizonte para recuperar algo muito importante na história da humanidade, que tem a ver com a condição do relato da própria vida. Recuperar essa condição de narrar a vida”, pontuou.

A integração, a troca de ideias, a formação e a manu-

tenção de vínculos, além da construção de pensamento crítico e da abertura de novos horizontes, são pontos que acrescentam sentido às vivências de cada um. “Vejo as pessoas muito felizes, as que participam da experiência dos clubes de leitura. Vejo uma satisfação muito grande, nunca escutei muita reclamação. Tem sido um espaço de florescimento das pessoas, a partir da experiência comunitária. Então, considero que a possibilidade de vivenciar a experiência dos clubes de leitura seja muito importante para o desenvolvimento social humano”, finalizou Sandra.

■ O Virando a Página foi criado em 2023, pela psicóloga Teresa Crispim, e conta com 18 membros

MULHERES

Elas por elas

Seis artistas falam de sua admiração por seis colegas que fazem arte paraibana

Daniel Abath
abathjornalista@gmail.com



MÊS DAS MULHERES

“Eu sou minha única musa, o assunto que conheço melhor”. A frase, atribuída à pintora mexicana Frida Kahlo (1907-1954), traduz bem não apenas a autossuficiência da força da mulher, mas a valorização da condição feminina no mundo.

Diante do crescimento alar-

mante da violência de gênero e dos números de feminicídios no Brasil, a arte se impõe, como própria musa, na luta primeira pela sobrevivência e em reverência ao valor primordial das mulheres em toda e qualquer sociedade.

Destacando elementos como resistência, escuta, verdade e talento, **A União** presta homenagem ao Dia Internacional da Mulher, no campo cultural e artístico, com seis artistas paraibanas de áreas diversas que são aqui convocadas para comentar a respeito de outras seis mulheres de sua predileção nas artes.

Cátia de França...



Foto: Divulgação

Ela começou nos palcos do teatro e hoje canta o amor e as dores sociais em canção que passeia pelo samba, as afro-latindades nordestinas e o *pop*. Temendo ser redundante e clichê, tamanha a impor-

tância de sua homenageada, a cantora e compositora Nathalia Bellar afirma, entre risos, que não pode deixar de citar Cátia de França. “Não só porque é da minha área, a musical, mas sobretudo porque ela é uma ponta de lança no universo artístico no geral, aqui da Paraíba. É uma artista que nos dá aula de resistência”, afirma Nathalia.

“Todos esses anos, em plena atuação, funcionando ativamente, no palco e fora dele. Ou seja, não só circulando pelo Brasil, levando *show*, mas também a sua produção musical enquanto compositora — são aspectos, eu diria, impressionantes”, diz ela. Furando várias bolhas e sendo precursora como a primeira artista mulher, preta, paraibana, LGBTQIA+, com mais de 70 anos ocupando um espaço entre os indicados ao Grammy Latino”.



Foto: Vanessa Pessoa/Divulgação

...por Nathalia Bellar

Angela Navarro...



Foto: Divulgação

Cineasta pernambucana radicada na Paraíba, Ana Bárbara Ramos sempre gostou de dançar, tendo como formação os programas televisivos das chacetes e os musicais da *Sessão da Tarde*. E foi justo a proximidade com uma artista de dança e preparadora de elenco o fator responsável pela ampliação de seu repertório enquanto diretora de cinema.

“São muitas as que me inspiram, mas escolho falar de Ângela Navarro, artista da dança, coreógrafa, professora e terapeuta corporal que ampliou profundamente meu amor pelo movimento. Nos conhecemos há quase 20 anos, na Funjope: ela na divisão de dança e eu no audiovisual. De lá para cá, seguimos em troca constante e, hoje, continuamos colaborando”, destaca Ana Bárbara.

“Ângela tem um conhecimento profundo e um amor genuíno pelo que faz. Sua delicadeza e sensibilidade me ajudaram a repensar meu próprio processo criativo, tornando-o mais poroso e sensível, abrindo espaço para um processo de criação no cinema que ultrapassa o campo estritamente mental e integra corpo e experiência sensível”.



Foto: Divulgação

...por Ana Bárbara Ramos

Maria Valéria Rezende...



Foto: Adriano Franco/Divulgação

Nascida em Campina Grande, a escritora Marília Arnaud conta quase três décadas de amizade e admiração por Maria Valéria Rezende, nascida em Santos e radicada em João Pessoa, desde o fim dos anos 1980.

“Quando penso em Maria Valéria Rezende, penso não apenas na literatura que ela faz, mas na literatura de que ela se faz. Valéria é conhecimento, fantasia, diversidade, acolhimento. O que mais me impressiona nela é a capacidade de escrever sobre as fragilidades e misérias humanas com um olhar amoroso, compassivo, dando voz e dignidade a vidas invisíveis, aos marginalizados. Valéria não busca seus personagens na lonjura da imaginação; eles fazem parte da sua própria história, de suas memórias como educadora popular”, descreve. “Valéria escreve como ela é: honesta, corajosa, atenta à dor alheia, profundamente humana. Além da escritora, há a mulher admirável, entusiasmada pela vida, inquietada, curiosa, lúcida e, ainda, generosa com outros autores. E que sorte a minha tê-la como amiga há 25 anos”.

...por Marília Arnaud



Foto: Divulgação

Rosa Cagliani...



Foto: Reprodução/Instagram

Pós-doutora pelo Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas (PPGAC) da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), a bailarina e coreógrafa pessoense Joyce Barbosa lembra dos feixes de luz lançados pela professora de dança, diretora e coreógrafa argentina, radicada na capital, Rosa Cagliani (1957-2008), refletidos, hoje, em sua dança contemporânea.

“Ela foi muito importante num momento muito específico da minha carreira como bailarina. Quando eu dançava na Sem Censura [Cia. de Dança], ela dirigiu um dos espetáculos mais sensíveis da companhia. Ela tinha um jeito muito sensível de dirigir; tinha uma escuta muito aberta e acho que aprendi isso muito com ela”, rememora.

“Lembro desse momento em que eu estava ensaiando o espetáculo dela e a companhia tava com muita resistência com relação ao trabalho. A gente foi fazer um ensaio geral, no Santa Roza, e eu lembro que a gente sentou no proscênio — eu tinha me machucado e tava ensaiando com uma tipoia”, lembra. “Ali, ela falou coisas que me tocaram profundamente. Para mim Rosa sempre vai ser essa referência sensível de direção e de uma condução de processos artísticos com muita paixão”.

...por Joyce Barbosa



Foto: Rafael Passos/Divulgação



Foto: Ricardo Penna/Divulgação

Elba Ramalho...

A atriz e cantora campinense Mayana Neiva guarda várias recordações de uma das maiores precursoras da presença feminina nordestina na música nacional.

“Confesso que a primeira pessoa que me veio na mente foi Elba Ramalho. Profunda admiração pela história que ela construiu, pelas portas que ela abriu com a carreira dela, com a força dela — foi uma das primeiras mulheres, junto com Marinês —, mas Elba levou à frente, refinando ainda mais o forró, os arranjos, as escolhas musicais ao longo dos anos, aproximando o forró da MPB e aproximando o forró do Brasil”, ressalta.

“Acho que ela é a voz feminina que na minha geração cantou a Paraíba, cantou o Nordeste. Ela é a voz que mais me emocionou na Paraíba. Eu chorei neste ano quando eu vi o *show* dela de São João”, conta Mayana. “Eu sempre me emociono pela ousadia; sou pesquisadora do trabalho dela ao longo dos anos. Os arranjos, a *performance*, a qualidade vocal têm uma longevidade, uma qualidade muito, muito especial”.

...por Mayana Neiva



Foto: Rondinelle de Paula/Divulgação

Paloma Diniz

A quadri-nista paraibana Thaís Kisuki — autora de *Olga, a sexóloga* (2015) — considera a importância da quadri-nista patoense Paloma Diniz não apenas pelo talento, mas pelo engajamento junto a movimentos da arte, como o Censo Nacional dos Profissionais de Quadrinhos e Humor Gráfico, lançado no ano passado.

“Quando eu comecei a me envolver nesse mundo de animação, história em quadrinhos, Paloma já desenhava muito bem. Eu lembro, inclusive, que ela foi vencedora de um dos concursos que a gente organizou no Avalon, que era um evento de RPG. Ela fez o desenho dela com caneta Bic e aí a gente ficou bem impressionado com a técnica dela”, diz Thaís.

“Ela já fez parte do Made in PB, que é um grupo importante. Depois disso, Paloma também participou das ações da [editora] Marca de Fantasia, organizada pelo Henrique Magalhães, também ajudou muito na manutenção da Gibiteca Henfil. Fora isso, tem toda a experiência dela com produção de histórias em quadrinhos; já trabalhou para vários estúdios aqui no Brasil e no exterior também e a gente, inclusive, chegou a fazer um quadrinho juntas”.

...por Thaís Kisuki



Foto: Reprodução/Instagram

Artigo

Estevam Dedalus
Sociólogo | Colaborador

Dinheiro não é só economia

Damos pouca importância à realidade social do dinheiro, ao contrário de seus aspectos econômicos, como a circulação, o poder de compra, a unidade de contabilidade e a reserva de valor. O dinheiro é, antes de tudo, uma criação social, um signo, que nem sempre existiu e que pode assumir significados diferentes. Podemos encontrar dinheiro sem mercado, como também a coexistência de várias formas de dinheiro, na mesma sociedade, exercendo funções diferentes.

Antropólogos descobriram em algumas sociedades arcaicas tipos de dinheiro que eram exclusivos para mulheres ou homens, outros que podiam comprar apenas comida ou pagar custos de um casamento. Evidentemente é uma maneira muito incomum de atribuição de valor. Nas sociedades modernas, por outro lado, o que prevalece é a concepção utilitarista do dinheiro. Acredita-se que as transações econômicas estão acima da cultura, operando de forma independente, por meio de leis objetivas, como as leis da física. No fundo, essa é uma visão positivista do dinheiro e do mercado.

O importante sociólogo alemão, Georg Simmel, acreditava que a característica mais essencial do dinheiro era a de servir como mediador universal das trocas econômicas. Simmel tinha a expectativa de que, com o tempo, desapareceriam as restrições morais ou sentimentais em relação ao dinheiro, uma tendência inevitável da Modernidade que levaria ao prevalecimento dos interesses meramente econômicos. Esse,

na verdade, é um tema comum a intérpretes da Modernidade como Max Weber e Karl Marx, que estavam atentos às relações entre o dinheiro e a racionalização, o que implicou num amplo processo de redução da qualidade à quantidade, da equivalência total.

Todos esses autores têm em comum o pensamento de que o dinheiro “corrompe” as relações sociais. Contudo, podemos perguntar se a moralidade e os sentimentos “corromperiam” o dinheiro? Essa é uma questão levantada pela socióloga argentina Viviane Zelizer. Ela percebeu como o dinheiro pode assumir diferentes significações sociais, usos e limites.

Um caso muito curioso é o dinheiro doméstico. Zelizer conta que nos EUA as mulheres só tinham acesso ao dinheiro de acordo com a “boa vontade” de seus maridos. Nas classes médias, por exemplo, os homens concentravam em suas mãos toda renda e o orçamento da casa. Eles compravam as roupas das mulheres, adereços ou qualquer outro produto, sem que elas tivessem autonomia.

Sem acesso direto ao dinheiro para comprar coisas de seu interesse, as mulheres desenvolveram várias estratégias que iam desde economizar nas compras da casa, conseguir notas frias nos salões de beleza ou mesmo pegar o dinheiro escondido na carteira dos maridos. Essas questões chagaram aos tribunais estadunidenses. Numa ocasião, um marido processou a esposa para reaver o dinheiro que ela economizou relativo às compras domésticas, saindo vitorioso.

O juiz considerou que o dinheiro ainda pertencia a ele.

No começo do século 20, esse problema passou a ter destaque nas revistas e jornais, puxados pela nascente sociedade de consumo. O papel desempenhado pelos jornais e revistas foi muito importante para ajudar a transformar as visões da época. O *New York Times*, em 1926, fez uma campanha pela adoção de uma mesada para as mulheres, seguida de forte resistência masculina. Os homens chegaram a usar um argumento moral para se opor: diziam que não poderiam pagar um ordenado para as suas mulheres, porque, se assim o fizessem, estariam tratando-as como empregadas. O tema repercutiu na imprensa que discutia o assunto, defendendo que as esposas devem ser tratadas como companheiras, portanto dignas de compartilhar os dividendos.

Na década de 1920, também se levantaram várias vozes críticas à mesada que a viam como algo injusto, que deveria acabar para dar lugar a uma gestão conjunta e democrática da renda familiar. Essas ideias resultariam num contexto no qual o mundo doméstico seria gerido como uma espécie de conselho de administração, pelos pais e mães, que, de acordo com as demandas dos membros da família e as condições materiais do momento, distribuiriam os recursos financeiros. Segundo Zelizer, esse modelo veio a garantir uma “quantia específica para gastos pessoais, garantida a cada membro da família, sendo considerada como um direito orçamentário e não como uma oferta”.

Estética e Existência

Klebber Maux Dias

klebmaux@gmail.com | Colaborador

Música erudita contra a guerra

A cultura contemporânea romantiza líderes perversos, associando ausência de medo e domínio absoluto a força e competência. Esse fascínio está vinculado ao imaginário do poder irrestrito, frequentemente confundido com liderança eficaz. A convivência prolongada com indivíduos psicopáticos tende a gerar ambientes de instabilidade social e graves prejuízos institucionais. Assim, a hipótese de que a guerra possa representar um ambiente de prazer para indivíduos com altos traços de psicopatia deve ser compreendida como uma análise de predisposições individuais em interação com contextos institucionais e burocráticos que legitimam a violência e a morte.

Hannah Arendt (1906-1975), filósofa alemã (em *Eichmann em Jerusalém – Um relato sobre a banalidade do mal*, publicado em 1963) argumenta que o mal pode se manifestar não necessariamente por perversidade consciente, mas pela incapacidade de pensar criticamente e julgar moralmente os próprios atos dentro de estruturas burocráticas. Ao analisar o julgamento do criminoso nazista alemão Otto Adolf Eichmann (1906-1962), Arendt demonstra como sistemas administrativos podem normalizar a destruição humana quando o indivíduo despreza a reflexão ética e se limita a cumprir ordens. Em fenômenos de guerra, esse processo é potencializado pela desumanização do inimigo, mecanismo que transforma o outro em objeto a ser eliminado, legitimando a violência sob o poder da legalidade estatal.

A relação entre a música erudita e a crítica às guerras aparece de forma recorrente na história da arte. Ao longo dos séculos, diversos compositores utilizaram a música não apenas como forma estética, mas também como meio de reflexão moral e política sobre a violência, destruição e sofrimento humano provocado pelos conflitos armados. Nesse sentido, a música erudita pode ser entendida como uma forma simbólica de resistência cultural à guerra, capaz de expressar dor, denúncia e esperança de paz, além



Shostakovich: resistência contra o nazismo

de demonstrar força de unidade para reconstruir a dignidade de um país; esse processo tem se tornado terapêutico para preservar uma identidade pessoal e de um povo em meio à devastação da guerra. Orquestras muitas vezes visitam frentes de batalha para realizar concertos, proporcionando um sentimento de desembrutecimento compartilhado. As apresentações e as canções tornam-se uma sublimação da loucura do ódio. No século 20, a música sinfônica foi usada para expressar a revolta contra as destruições causadas por meio dos conflitos militares.

Durante as duas últimas guerras mundiais, a música sinfônica transcendeu barreiras linguísticas e culturais e tem proporcionando a irmandade entre alguns países, gerando a paz. Algumas dessas contribuições incluem: o *Réquiem da guerra* (1962), do compositor, regente, violista e pianista britânico Edward Benjamin Britten (1913-1976). A obra foi composta para a reconstrução da Catedral de Coventry (destruída na Segun-

da Guerra Mundial) e utilizou poemas do militar inglês Wilfred Edward Salter Owen (1893-1918) para denunciar a perda de vidas. A peça foi cantada por solistas de nações que haviam sido inimigas – Alemanha, Rússia e Inglaterra –, simbolizando a união e a importância da reconciliação após o conflito. Foi interpretada pelo tenor inglês Peter Neville Luard Pears (1910-1986), pelo barítono e regente alemão Dietrich Fischer-Dieskau (1925-2012) e a soprano russa Galina Pavlovna Vishnevskaya (1926-2012) – cuja participação foi negada pela antiga União Soviética; a *Sinfonia nº 7 (Leningrado)*, do compositor e pianista soviético Dmitri Dmitriyevich Shostakovich (1906-1975), composta durante o cerco nazista à cidade, tornou-se um símbolo de resistência e união contra o fascismo; obras como *Threnody to the Victims of Hiroshima*, de 1960, do compositor e regente polonês Krzysztof Eugeniusz Penderecki (1933-2020) utilizam técnicas sonoras extremas para evocar o horror e a destruição causados por armas nucleares; a *Sinfonia nº 3 (Sinfonia das canções dolorosas)*, do compositor polonês Henryk Mikołaj Górecki (1933-2010), reflete a dor de mães e filhos separados pela guerra, impactando a emoção para promover o pacifismo.

As sinfonias frequentemente homenageiam vítimas e refletem sobre a morte coletiva causada pelos conflitos. Nesse contexto, a música atua como um espaço de memória, permitindo que sociedades elaborem simbolicamente traumas históricos e reafirmem valores humanistas. Portanto, os compositores contribuem para defesa da vida.

Sinta-se convidado à audição do 558º Domingo Sinfônico, que ocorrerá neste dia 8, das 22h à 0h. Para quem está em João Pessoa (PB), a sintonia é na FM 105.5 ou você pode acessar pelo aplicativo em <https://radiotabajara.pb.gov.br/radio-ao-vivo/radio-fm>. Durante o programa, comentarei algumas obras do pianista e compositor soviético Dmitri Dmitriyevich Shostakovich (1906-1975).

Kubitschek
Pinheiro

kubipinheiro@yahoo.com.br

Vitor, meu
rapaz

Eu não canto mais no banheiro. Aliás, nunca cantei. Gosto de cantar nas caminhadas, às vezes, no Centro da cidade, mas canto baixinho, já tem louco demais nas ruas.

Alguém como eu poderia se esconder atrás das cortinas, amarelecidas, imitar Cauby Peixoto, com os últimos pássaros em tons, sei lá, desgostosas cenas, caladas há décadas, mas o mundo é um moinho, e só Cartola sacou. Sim, o moinho que pesava na munheca, no braço da minha mãe, moendo milho para fazer canjica, angu, moendo a vida para desaparecer o fim do mundo que ela vivia.

Vida híbrida, calor da moléstia, lugares que tinham sons por toda parte, mas não era o meu lugar que eu me referia a esse lugar lá, lar, no Sertão, longe daqui, como um pardieiro, mas a alegria ficava por conta dos discos que chegavam. Nunca esqueci do LP *Os Novos Baianos*, aquilo era a coisa mais moderna que meus olhos viram, ouviram.

Na verdade, a música é o meu sustento, é o que me deixa em pé, mas eu não sei tocar um instrumento e, aí, pensei — (frustração?) — mas que nada, já estou velho e o espaço onde me foi possível ir, isto, o baloiço interior, um resto de consciência, o óxido, a monotonia, o gozo dos momentos iniciais dizem muito de mim.

Já havia perdido de vista a vontade de que meu filho Vitor gostasse de MPB. Ele começou pelo Pink Floyd, depois The Cure, The Smiths e me surpreendeu quando disse gostar de Checco Zalone — tinha a esperança que ele gostasse de Billie Holiday, Ella Fitzgerald, Sarah Vaughan e Nina Simone, mas aí seria querer demais.

Dispersos, diversos, dissonantes sons reunindo o que lhe importa. De uns tempos para cá, quando vou tomar banho, escuto a voz de Vitor, cantando junto do bolachão *Transa*, de Caetano Veloso. Eu fico numa felicidade...

Sim, o disco *Transa*, de 1972, de que vi o show no Rio em 2023, 50 anos depois, numa noite tenebrosa na Marina da Glória, de muita chuva. Outro dia percebi que ele estava escutando o disco do show *Doces Bárbaros*, coisa que jamais imaginei.

E porque isso nos salva, meu filho, um rapaz, tem escutado Milton Nascimento, o pessoal do Clube da Esquina. Também escuta Jorge Ben Jor, Gilberto Gil, Emicida — esse ele adora —, mas me parece que gosta mais do Caetano, mas isso não é novidade, não gostar de Caetano Veloso é estar por fora, a arte dele é agulha num imã.

Sim, Caetano nos salva.

Apreciamos boas canções. Como escuto música no carro, não tenho mais colocado o “cedê” para funcionar, termino pegando carona no som que vem do quarto dele.

O música comove-me, quando já não nos apetece tantas coisas, pois, não somos capazes simplesmente de olhar, ouvir ou dançar, os que contam histórias dando tempo para a maré encher, “quando a maré encher”.

Acho que Vitor nunca vai gostar das canções de Roberto, as descrições amorosas de antigos hits do rei na Estrada de Santos, onde tento esquecer, um amor que tive, “*un gatto nel blu*”.

Vitor avança, ele é o psicólogo da vez, que outros deverão considerar seu talento. Aberta o coração do pai com a música, alegre o coração do pai, um rapaz formado, o que em tempos sinalizam que lhes fora prometido.

Kapetadas

1 – Acordo nuclear, a tal reunião que começa com esperança e termina com epitáfio.

2 – A banda Eva criou uma falsa sensação de que o fim da aventura humana na terra ia ser mais alto-astro. Baubau.



“Acho que Vitor nunca vai gostar das canções de Roberto”

Colunista colaborador

Coisas de Cinema

Alex Santos

Cineasta e professor da UFPB | Colaborador

Por um cinema original, sim!

Pela situação atual das nossas salas de cinema, demudadas que estão em “espaços de piquenique”, onde pessoas as usam para comer e beber, nem sempre pelo filme a ser exibido, propriamente, digo que iniciativas como a que foi tomada nesta semana, pela Prefeitura Municipal de João Pessoa, são muito válidas e respeitadas ao bom cinema.

Refiro-me à inauguração do Espaço Cinema Passeio, localizado no bairro da Torre, em João Pessoa. Atualmente, ao que me consta, é a única sala existente com característica tradicional fora dos *shoppings* e dos centros especiais de cultura. E aqui me refiro às salas do Espaço Cultural José Lins do Rêgo e da Fundação Casa de José Américo.

Viabilizado com recursos federais da Lei Paulo Gustavo do Ministério da Cultura, a inauguração do novo “cinema de bairro” contou com a presença da Secretária Nacional do Audiovisual (SAV/MinC), Joelma Gonzaga, também de autoridades estaduais e municipais locais. A Academia Paraibana de Cinema se fez presente ao ato inaugural na pessoa de seu titular, João de Lima Gomes, e dos assessores de sua diretoria, Fernando Trevas e da atriz Zezita Mattos.

O Espaço Cinema Passeio conta com projeção digital 4k, sala para 50 lugares, tratamento acústico e banheiros acessíveis, fortalecendo a atividade do audiovisual na cidade de João Pessoa. Situação essa que espero jamais seja viciada por uma cultura de “compra



Foto: Arquivo pessoal

Representantes da Academia Paraibana de Cinema no novo cinema, no bairro da Torre

casada” – pipoca com refrigerante – que existe nos dias atuais. Embora saibamos que as sessões normais com filmes serão gratuitas.

Sempre defendi a originalidade do cinema. Um cinema construído muito mais próximo da realidade em que vivemos, e que possa fugir do exacerbado recurso tecnológico “virtualizado” dos dias atuais. Mas reconheço o valor dos agentes estruturais de “finalização” de uma obra fílmica. Cinema é ainda a arte do entretenimento, certamente. O fato é que ele vem perdendo sua forma criativa, a subliminar interpretação de quem ainda o assiste. Na

maioria dos filmes, não existe tempo para a reflexão do espectador sobre o que assiste. Tudo tem sido muito rápido na tela, efêmero, desconexo, na maioria das vezes.

Ao contrário, vejamos, por exemplo, o *Américo – Falcão Peregrino*. Um cinema que se utilize sempre de uma estética bem pensada, apurada, de uma narrativa trabalhada cuidadosamente, senão real, mas verossímilante como arte; menos, aquilo que poderá acontecer; mais aquilo que, “representado”, realmente aconteceu. – Para mais “Coisas de Cinema”, acesse o nosso blog: www.alex santos.com.br



APC: Convocação

A presidência da Academia Paraibana de Cinema (APC) convoca seus associados para a reunião da próxima quarta-feira (11), quando serão discutidos vários temas relacionados às medidas a serem tomadas, ainda neste semestre.

Conforme João de Lima Gomes, presidente da APC, outros assuntos que dizem respeito à importância do cinema paraibano devem ser debatidos, inclusive, sobre os recursos de 100 mil reais para o Nudoc, da UFPB, recentemente liberados pelo deputado federal Luiz Couto.

COMPRA DA WARNER

Paramount promete lançamentos no cinema

Agência Estado

A Paramount pretende manter e ampliar os lançamentos da Warner Bros. nos cinemas, caso a fusão entre as empresas seja concluída. A afirmação foi feita pelo CEO David Ellison durante uma teleconferência com analistas.

De acordo com a revista *Variety*, ele reiterou o compromisso do novo grupo em priorizar exibições nas salas de cinema e garantir uma janela exclusiva de 45 dias antes da chegada dos filmes às plataformas digitais.

Segundo Ellison, a estratégia prevê a estreia de 15 filmes por ano, por estúdio, totalizando, pelo menos, 30

lançamentos anuais nos cinemas.

“Como temos dito, consistentemente, estamos comprometidos em oferecer um amplo calendário de histórias, incluindo 15 filmes para cinema por ano, por estúdio, totalizando ao menos 30 filmes anuais”, afirmou o executivo.

Ele reforçou que a empresa acredita no papel das salas de exibição para o desempenho das produções. “Nós realmente acreditamos que os filmes devem ser vistos nos cinemas”, disse.

A Paramount já projeta ampliar sua produção: após lançar oito filmes em 2025, o estúdio prevê, ao menos, 15 estreias em 2026. A Warner

Bros., por sua vez, lançou 11 filmes no último ano.

Ellison citou o desempenho da Warner Bros. em 2025, destacando títulos como *Superman* e *Um Filme Minecraft*, que ajudaram o estúdio a alcançar 4 bilhões de dólares, cerca de R\$ 20 bilhões, em bilheteria global.

Ao defender o modelo tradicional de distribuição, o executivo mencionou sua experiência à frente da Skydance e comparou resultados de lançamentos no cinema e no *streaming*. Ele lembrou o desempenho de *Top Gun – Maverick*, que arrecadou 1,5 bilhão de dólares (R\$ 7 bilhões) e, segundo ele, demonstrou o impacto cultu-

ral das estreias nas telonas. “Grandes franquias e propriedades intelectuais são lançadas nos cinemas, ponto”, afirmou.

Ellison também reiterou que a companhia não pretende produzir filmes pensados exclusivamente para *streaming*. “Dissemos desde o primeiro dia que não estaríamos no negócio de fazer filmes diretamente para o *streaming*”, declarou.

O executivo confirmou, ainda, que o novo grupo manterá uma janela cinematográfica de 45 dias, período em que os filmes permanecem exclusivamente em cartaz antes de chegarem ao *streaming*.



Foto: Divulgação/Warner

Filme Superman, lançado no ano passado, foi dado como exemplo da estratégia dos grandes lançamentos em tela grande

Letra Lúdica

Hildeberto Barbosa Filho

hildebertopoesia@gmail.com

A Ideia

Fui rever algumas passagens de *Às horas mortas*, primeiro volume do meu jornal literário e me deparo com um marca-texto com estas palavras:

“A Ideia Editora está com uma coleção para as quatro estações: *Coleção carpe diem*. Não importa sua preferência (poesia, crítica literária, romance, educação etc.). Temos a melhor literatura para você não perder a boa leitura em qualquer época do ano. Passe na livraria mais próxima e aproveite!”

Bons tempos os anos 90 do século passado! Marcos Nicolau, eu, Wellington Pereira e um grupo de amigos criamos a Editora Ideia, em meio a um projeto cultural que abrangia a *Revista Ler* e uma série de seminários sobre temas heterodoxos e antiacadêmicos, a serem debatidos em vários recantos da cidade. Debatidos por gente de formação intelectual diferente e que tivesse indiscutível presença crítica na cena cultural.

A Ideia surgiu, assim, em circunstâncias efervescentes e em ambiente de viva discussão acerca da “paixão”, da “mentira”, do “riso”, da “blasfêmia” e outros assuntos que mobilizavam nossos interesses cognitivos e pedagógicos. Éramos escritores, mas também educadores, vinculados à UFPB, porém, com uma consciência crítica que ia além dos anódinos corredores do *campus* universitário.

Lembro-me de outras coleções que a editora promoveu. *A Pasárgada*, de poesia; *a Sofia*, de ensaios, e *a Diadorim*, de ficção. Alguns títulos foram publicados sob o peso editorial dessas rubricas, a exemplo do meu *O livro da agonia* e outros poemas, na primeira coleção; *Leitura – Janelas abertas para o mundo*, de Carlos Alberto Jales, na segunda; *As*

possibilidades do róseo, de Wellington Pereira, e *Os mendigos de Deus*, de Marcos Nicolau, na terceira coleção.

O nome da editora, quem deu foi o poeta Lúcio Lins. Numa de nossas habituais reuniões, Marcos Nicolau perguntou se algum de nós tinha alguma ideia para dar o nome à casa. O poeta de *Perdidos astrolábios*, com sua presença de espírito incomum, não se fez de rogado, e disse, na bucha: “Eis o nome, Marcos: Ideia”. Aprovado na hora.

O tempo passou, a editora se estabeleceu, consolidou-se no mercado. Marcos Nicolau, seu primeiro titular, foi substituído pelo irmão, Magno Nicolau, o atual editor. Este lhe conferiu novos rumos e vem, a partir de critérios editoriais, sensíveis e inteligentes, prestando grandes serviços à cultura e à história do livro na Paraíba.

Siegfried Unseld, na obra *O autor e seu editor*, fala de um “eros pedagógico” que rege a missão de um bom editor. Este eros pressupõe, quero crer, sentido de adaptação, organização, resistência, entusiasmo. Amor aos livros. Aos bons livros. Magno Nicolau sabe isto como poucos!



Sede atual da Editora Ideia, no bairro da Torre, em João Pessoa

Colunista colaborador

RÁDIO

E com Vocês... abre nova temporada

Programa da Parahyba FM começa nesta segunda nova rodada de entrevistas com grandes artistas

Daniel Abath
abathjornalista@gmail.com

Entre lembranças pessoais, discos marcantes e histórias pouco conhecidas de artistas e intelectuais, um programa da rádio Parahyba FM (103.9), integrante da Empresa Paraibana de Comunicação (EPC), tem transformado a experiência da música em ponto de partida para conversas que revelam trajetórias de vida. Apostando em entrevistas, com nomes da cultura brasileira, conduzidas a partir de *playlists* escolhidas pelos próprios convidados, o programa *E com Vocês...* estreia amanhã, às 20h, sua segunda temporada, tendo como convidado o jornalista campinense José Teles. Os episódios são posteriormente disponibilizados em plataformas de *podcast*.

Entre os convidados de março, figuram ainda a escritora Marília Arnaud (dia 16), o ator Everaldo Pontes (dia 23) e a atriz e cantora Mayana Neiva (dia 30). Em abril, participam o repentista Oliveira

de Panelas (dia 6), a cantora Socorro Lira (dia 13) e os escritores Braulio Tavares (dia 20) e Ana Adelaide Peixoto (dia 27). O cinéfilo Ivan Cineminha abre os trabalhos em maio (dia 4).

A proposta integra uma faixa de programas culturais criada no início da emissora. Segundo o jornalista André Cananéa, gerente-executivo da emissora e idealizador do projeto, a ideia surgiu em 2024, durante a formação da equipe da rádio, quando diferentes profissionais passaram a sugerir formatos e conteúdos. "A Parahyba FM não é uma rádio de uma pessoa só. É uma rádio de equipe, bem colaborativa. Todo mundo dá ideia e todo mundo botar a mão na massa", afirma.

No início, a programação da "faixa das seis" (da noite) reunia atrações dedicadas a diferentes áreas artísticas — artes visuais, literatura, teatro, cinema e música — com foco em obras específicas. E sua intenção era evitar o formato tradicional de entrevista cen-

trada na trajetória profissional do convidado.

"Eu não queria um programa de bate-papo. Não queria um programa de *talk show* que o entrevistado, que seria naturalmente um artista, fosse lá para contar o que ele já contou a todo mundo. A proposta era falar de uma obra específica, em detalhe", destaca.

Com o tempo, percebeu que algumas histórias de vida não cabiam nesse formato. Foi nesse contexto que nasceu o *E com Vocês...* O título, com reticências mesmo, faz referência direta ao entrevistado, funcionando como uma apresentação exaltante do personagem da conversa — o programa foi desenvolvido em parceria com profissionais da emissora, entre eles a locutora Nice Lima e o radialista Alex Carvalho.

O diferencial do programa está na dinâmica baseada em cinco músicas escolhidas pelo convidado. Cada faixa corresponde a um momento da vida (infância, adolescência e vida adulta), além de

duas canções relacionadas a episódios marcantes, um deles ligado a um momento difícil e outro a uma lembrança positiva. A partir dessas escolhas, a entrevista segue de forma livre.

"À medida que a gente foi gravando os programas e recebendo os convidados, a gente percebeu que a entrevista era diferente. A gente conseguia acessar coisas que não são comuns de serem perguntadas a determinados entrevistados", diz Cananéa.

Por exemplo, a escritora Maria Valéria Rezende mencionou uma ópera ao recordar o período em que viveu na Itália — durante a conversa, contou que frequentava apresentações semanais e chegou a alimentar o desejo de se tornar cantora lí-

rica. Já Marília Arnaud recordou a infância no interior da Paraíba e revelou ter apresentado um programa de rádio em Sousa. "Isso você só descobre a partir do que eu chamo de 'entrevistas fora da curva'", diz o jornalista.

O músico Charles Gavin, ex-baterista dos Titãs, abriu a primeira temporada, que reuniu ainda nomes como o do poeta Sérgio de Castro Pinto, o escritor Crísthiano Aguiar, o quadrinista Mike Deodato e a cantora Lucy Alves — o *gran finale* ocorreu com a entrevista realizada com o cantor Ney Matogrosso.

"O que eu mais me orgulho no *E com Vocês...* é saber que a gente está deixando aí um acervo pra pesquisa, para quem for fã, que vai complementar muita coisa, sabe?", ressalta Cananéa.



Mayana Neiva (em cima), Everaldo Pontes, Marília Arnaud e José Teles são alguns dos convidados dos próximos programas

Fotos: Divulgação

Em Cartaz

Cinema

Programação de 5 a 11 de março, nos cinemas de João Pessoa, Campina Grande, Patos, Guarabira e Remígio.

* Até o fechamento desta edição, o Cine Vieira, em São Bento, não havia divulgado sua programação.

ESTREIAS

ÁGUIAS DA REPÚBLICA (*Eagles of the Republic*). Suécia/França/Dinamarca/Finlândia/Alemanha, 2025. Dir.: Tarik Saleh. Elenco: Cherien Dabis, Fares Fares, Lyna Khoudri. Drama. A tor de sucesso no Egito cai em desgraça com as autoridades do país. 2h09. 14 anos.
João Pessoa: CINE BANGUÊ. leg.: ter., 10/3; 16h; qua., 11/3; 18h10; qui., 26/3; 20h30.

CARA DE UM, FOCINHO DE OUTRO (*Hoppers*). EUA, 2026. Dir.: Daniel Chong. Aventura/ animação. Pesquisadora usa máquina que transfere sua consciência para um castor robô, permitindo que ela interaja com animais e incite uma rebelião contra os humanos. 1h45. 6 anos.
João Pessoa: CENTERPLEX MAG 2: dub.: 19h15. CENTERPLEX MAG 3 (Átmos): dub.: 14h, 16h15. CENTERPLEX MAG 4: dub.: 15h20, 17h40. CINÉPOLIS MANAÍRA 1: dub.: 16h15. CINÉPOLIS MANAÍRA 4: dub.: 14h30, 17h, 19h40. CINÉPOLIS MANAÍRA 5: dub.: 13h50, 16h30, 19h10, 21h45. CINÉPOLIS MANAÍRA 7: dub.: 13h30, 16h, 18h40. CINÉPOLIS MANAÍRA 9: dub.: 14h, 16h40. CINÉPOLIS MANGABEIRA 4: dub.: 16h30, 19h. CINÉPOLIS MANGABEIRA 5: dub.: 13h, 15h30, 18h. CINESERCLA TAMBIA 5: dub.: dom.: 14h30, 16h30, 18h30; seg. a qua.: 16h30, 18h30. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 1: dub.: dom.: 14h30, 16h30; seg. a qua.: 16h30, 18h30. **Patos:** CINE GUEDES 3: dub.: dom.: 3D: 15h, 19h10; 2D: 17h05; seg. a qua.: 2D: 17h05; 3D: 19h10. **PATOS MULTIPLEX 3:** dub.: 3D: dom.: 3D: 14h40, 19h25; 2D: 17h; seg. a qua.: 19h25. **PATOS MULTIPLEX 4:** dub.: seg. a qua.: 15h20. **Guarabira:** CINEMAXXI CIDADE LUZ 2: dub.: dom.: 2D: 14h, 18h15; 3D: 16h05, 20h20; seg. a qua.: 2D: 15h45, 20h; 3D: 17h50. **Remígio:** CINE RT: dub.: 14h, 18h.

A NOIVA! (*The bride!*). EUA, 2026. Dir.: Maggie Gyllenhaal. Elenco: Jessie Buckley, Christian Bale, Jake Gyllenhaal, Peter Sarsgaard, Annette Bening, Penélope Cruz. Terror/ drama. Na Chicago dos anos 1930, cientista traz de volta à vida mulher assassina para ser companheira da criatura de Frankenstein. 2h06. 16 anos.
João Pessoa: CENTERPLEX MAG 3 (Átmos): dub.: 18h30; leg.: 21h15. CENTERPLEX MAG 4: leg.: 20h. CINÉPOLIS MANAÍRA 6: dub.: 15h30, 18h30; leg.: 21h30. CINÉPOLIS MANAÍRA 9 (macro-XE): dub.: 19h15, 22h. CINÉPOLIS MANAÍRA 10 (VIP): leg.: 15h40, 18h20, 21h. CINÉPOLIS MANGABEIRA 1: dub.: 15h45, 18h30, 21h15. CINESERCLA TAMBIA 4: dub.: 15h25, 17h50, 20h15. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 3: dub.: 15h25, 17h50, 20h15. **Patos:** CINE GUEDES 3: dub.: 16h40, 21h10. **PATOS MULTIPLEX 4:** 17h45, 20h30. **Guarabira:** CINEMAXXI CIDADE LUZ 1: dub.: 16h15, 18h45, 21h15. **Remígio:** CINE RT: dub.: seg. a qua.: 16h.

QUEENS OF THE DEAD (*Queens of the dead*). EUA, 2025. Dir.: Tina Romero. Elenco: Jaquel Spivey, Katy O'Brian, Quincy Dunn-Ba-

ker. Terror/ comédia. Show de drag queens em Nova York é atacado por zumbis. 1h41. 16 anos.
João Pessoa: CENTERPLEX MAG 2: leg.: 17h.

SE EU TIVESSE PERNAS, EU TE CHUTARIA (*If I had legs, I'd kick you*). EUA, 2025. Dir.: Mary Bronstein. Elenco: Rose Byrne, Delaney Quinn, Mary Bronstein, Christian Slater, Conan O'Brien. Drama. Mulher vive crise lidando com vários problemas e sobrecargas ao mesmo tempo. 1h53. 16 anos.
João Pessoa: CINE BANGUÊ. leg.: dom., 8/3; 19h; sáb., 14/3; 15h; ter., 17/3; 18h10; dom., 22/3; 17h; sex., 27/3; 18h10; seg., 30/3; 20h30.

REAPRESENTAÇÃO

O DIÁRIO DE PILAR NA AMAZÔNIA. Brasil, 2026. Dir.: Eduardo Vaisman e Rodrigo Van Der Put. Elenco: Lina Flor, Sophia Ataide, Babu Santana, Marcelo Adnet. Aventura/ infantil. Com uma rede mágica, menina viaja até a Amazônia e ajuda amiga ribeirinha a reconstruir sua comunidade. 1h30. 6 anos.
João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 2: 13h20. CINÉPOLIS MANAÍRA 3: 13h. CINÉPOLIS MANAÍRA 6: 13h30. CINÉPOLIS MANAÍRA 10 (VIP): 13h45. CINÉPOLIS MANGABEIRA 1: 13h30. CINÉPOLIS MANGABEIRA 2: 13h.

FOI APENAS UM ACIDENTE (*Yek tasadef sadeh*). Ira/ França/ Luxemburgo/ EUA, 2025. Dir.: Jafar Panahi. Elenco: Vahid Mobasser, Mariam Afshari, Ebrahim Azizi. Policial/ drama. Grupo organiza plano de vingança contra homem que eles acreditam ser seu torturador. 1h43. 14 anos.
João Pessoa: CINE BANGUÊ. leg.: sex., 13/3; 16h; qui., 18/3; 16h; dom., 22/3; 19h; ter., 24/3; 15h; qui., 26/3; 18h10; sáb., 28/3; 15h.

INCÊNDIOS (*Incendies*). Canadá/ França, 2010. Dir.: Denis Villeneuve. Elenco: Lubna Azabal, Mélissa Désormeaux-Poulin, Maxim Gaudette. Drama. Irmãos viajam para o Oriente Médio para cumprir o último desejo da mãe e descobrir revelações sobre sua família. 2h11. 14 anos.
João Pessoa: CINE BANGUÊ. leg.: dom., 15/3; 19h; qui., 19/3; 16h; ter., 24/3; 17h; sáb., 28/3; 19h; seg., 30/3; 18h10.

KILL BILL – THE WHOLE BLOODY AFFAIR (*Kill Bill – The whole bloody affair*). EUA, 2025. Dir.: Quentin Tarantino. Elenco: Uma Thurman, Daryl Hannah, Lucy Liu, David Carradine, Vivica A. Fox, Michael Madsen. Aventura. Mulher busca vingança contra membros de organização criminosa da qual fez parte e que a atacaram no dia de seu casamento. Remontagem unindo *Kill Bill – Vol 1* (2003) e *Kill Bill – Vol. 2* (2004). 4h08. 18 anos.
João Pessoa: CENTERPLEX MAG 1: leg.: 19h30. CINÉPOLIS MANAÍRA 1: leg.: 19h.

ESPECIAL

GHIBLI FEST. Longas do estúdio japonês. **Dom.:** *Meu amigo Totoro* (dub., 1h29, livre). **Seg.:** *Nausicaä do Vale do Vento* (leg., 2h, 12 anos). **Ter.:** *Ponyo – Uma amizade que veio do mar* (dub., 1h44, livre). **Qua.:** *O conto da princesa Kaguya* (leg., 2h17, livre).
João Pessoa: CENTERPLEX MAG 1: dub. ou leg.: qui. a qua.: 14h30.

CONTINUAÇÃO

O AGENTE SECRETO. Brasil/ França/

Países Baixos/ Alemanha, 2025. Dir.: Kléber Mendonça Filho. Elenco: Wagner Moura, Tânia Maria, Carlos Francisco, Maria Fernanda Cândido, Gabriel Leone, Hermila Guedes, Alice Carvalho, Udo Kier, Thomás Aquino, Buda Lira, Joãoilson Cunha, Suzy Lopes, Cely Farias. Drama. Em 1977, durante a ditadura militar, homem chega a Recife se escondendo de perseguidores. Indicado a 4 Oscars: filme, ator, filme internacional e produção de elenco. Prêmios de melhor direção e ator em Cannes. Vencedor de dois Globos de Ouro: ator/ drama e filme de língua não inglesa. 2h38. 16 anos.
João Pessoa: CINE BANGUÊ. qui., 12/3; 16h30, 19h30; sáb., 14/3; 19h; seg., 16/3; 16h40, 19h30; sex., 20/3; 19h30; ter., 24/3; 19h30; dom., 29/3; 19h30. CINÉPOLIS MANAÍRA 8: 14h30, 18h, 21h45, 21h. CINÉPOLIS MANGABEIRA 5: 20h30.

UM CABRA BOM DE BOLA (*Goat*). EUA/ Brasil/ Japão/ Singapura, 2026. Dir.: Tyree Dillihay. Aventura/ animação. Cabra recebe a oportunidade de jogar rolarball, esporte dominado por animais rápidos e ferozes. 1h40. 6 anos.
João Pessoa: CENTERPLEX MAG 2: dub.: 14h50. CINÉPOLIS MANAÍRA 1: dub.: 13h45. CINÉPOLIS MANGABEIRA 4: dub.: 14h. CINESERCLA TAMBIA 2: dub.: dom.: 14h15, 18h20; seg. a qua.: 18h20. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 4: dub.: dom.: 14h15, 18h20; seg. a qua.: 18h20. **Patos:** CINE GUEDES 2: dub.: 14h50. **PATOS MULTIPLEX 3:** dub.: dom.: 15h20; seg. a qua.: 16h45. **Guarabira:** CINEMAXXI CIDADE LUZ 3: dub.: dom.: 14h20; seg. a qua.: 16h40. **Remígio:** CINE RT: dub.: dom.: 16h.

A EMPREGADA (*The housemaid*). EUA, 2025. Dir.: Paul Feig. Elenco: Sidney Sweeney, Amanda Seyfried, Brandon Sklenar, Elizabeth Perkins. Suspense. Empregada doméstica trabalha para família rica, mas tanto ela quanto os patrões escondem segredos sombrios. 2h11. 16 anos.
João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 7: dub.: 21h15. CINESERCLA TAMBIA 5: dub.: 20h30. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 1: dub.: 20h30.

FELIZ ANIVERSÁRIO EM BELGRADO (*Celts*). Sérvia, 2021. Dir.: Milica Tomovic. Elenco: Dubravka Kovic, Stefan Trifunovic, Katarina Dimic. Drama. Mulher que prepara uma festa para a filha tem rotina sufocante na família na Iugoslávia dos anos 1990, enquanto o país se desintegra em guerras. 1h46. 18 anos.
João Pessoa: CINE BANGUÊ. leg.: qua., 11/3; 16h; ter., 17/3; 16h; sáb., 21/3; 15h; qui., 26/3; 16h; dom., 29/3; 15h.

MANUAL PRÁTICO DA VINGANÇA LUCRATIVA (*How to make a killing*). Reino Unido/ França, 2026. Dir.: John Patton Ford. Elenco: Glen Powell, Margaret Qualley, Ed Harris. Comédia/ drama. Homem arquiteta plano de assassinar para herdar riqueza. 1h45. 16 anos.
João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 4: dub.: 22h.

MEMÓRIAS DE UM VERÃO (*The summer book*). EUA/ Finlândia/ Reino Unido, 2025. Dir.: Charlie McDowell. Elenco: Glenn Close, Emily Matthews, Anders Danielsen Lie. Drama. Menina é levada para passar o verão com a avó em uma ilha desabitada da Finlândia. 1h30. 14 anos.
João Pessoa: CINE BANGUÊ. leg.: qua., 11/3; 20h30; dom., 15/3; 17h10; qui., 19/3; 18h30; sáb., 21/3; 17h; sex., 27/3; 16h; seg., 30/3; 16h.

OMORRO DOS VENTOS UIVANTES (*Wuthering Heights*). Reino Unido/ EUA, 2026. Dir.: Emerald Fennell. Elenco: Margot Robbie, Jacob Elordi, Hong Chau. Romance/ drama. Casal vive uma paixão tumultuada e destrutiva. 2h16. 16 anos.
João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 11 (VIP): leg.: 14h30, 20h20. CINÉPOLIS MANGABEIRA 4: dub.: 21h30. CINESERCLA TAMBIA 2: dub.: 20h20. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 4: dub.: 20h20.

PÂNICO 7 (*Scream 7*). EUA, 2026. Dir.: Kevin Williamson. Elenco: Neve Campbell, Courteney Cox, Isabel May, McKenna Grace, David Arquette, Matthew Lillard. Suspense. Sidney Prescott enfrenta um novo assassino mascarado que surge preserquindo sua filha. 1h54. 18 anos.
João Pessoa: CENTERPLEX MAG 2: dub.: 21h30. CINÉPOLIS MANAÍRA 2: leg.: 15h20, 18h, 20h40. CINÉPOLIS MANAÍRA 3: dub.: 14h50, 17h20, 19h45; leg.: 22h15. CINÉPOLIS MANGABEIRA 2: dub.: 15h, 17h30, 20h. CINESERCLA TAMBIA 3: dub.: 15h10, 17h20, 19h30. CINESERCLA TAMBIA 6 (laser): dub.: 16h25, 18h35, 20h45. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 2 (laser): dub.: 16h25, 18h35, 20h45. CINESERCLA PARTAGE 5: dub.: 15h10, 17h20, 19h30. **Patos:** CINE GUEDES 2: dub.: 19h. CINE GUEDES 3: dub.: 21h15. **PATOS MULTIPLEX 1:** dub.: 15h55, 18h35, 21h. **Guarabira:** CINEMAXXI CIDADE LUZ 3: dub.: dom.: 16h30, 19h, 21h25; seg. a qua.: 19h, 21h25. **Remígio:** CINE RT: dub.: 20h30.

A SAPATONA GALÁTICA (*Lesbian space princess*). Austrália, 2025. Dir.: Emma Hough Hobbs e Leela Varghese. Comédia/ animação. Princesa entra em missão intergaláctica para salvar sua ex-namorada caçadora de recompensas. 1h27. 16 anos.
João Pessoa: CINE BANGUÊ. leg.: dom., 8/3; 15h; ter., 10/3; 18h10; sex., 20/3; 18h10; qua., 25/3; 18h10; ter., 31/3; 18h10.

SYRÁT (*Sirât*). Espanha/ França, 2025. Dir.: Oliver Laxe. Elenco: Sergi López, Bruno Nunez Arjona, Stefania Gadda. Drama. Pai com seu filho viajam até o Marrocos para tentar encontrar filha que desapareceu em uma rave. Indicado a 2 Oscars, incluindo Filme internacional. Prêmio do Juri no Festival de Cannes. 1h55. 16 anos.
João Pessoa: CINE BANGUÊ. leg.: sex., 13/3; 18h10; qui., 19/3; 20h10; qua., 25/3; 20h; dom., 29/3; 17h; ter., 31/3; 16h. CINÉPOLIS MANAÍRA 11 (VIP): leg.: 17h40.

VALOR SENTIMENTAL (*Affeksjonsverdi*). Noruega/ Alemanha/ Dinamarca/ França/ Suécia/ Reino Unido/ Turquia, 2025. Dir.: Joachim Trier. Elenco: Renate Reinsve, Stellan Skarsgard, Inga lvsdotter Lilleas, Elle Fanning. Drama. Diretor oferece o papel em seu novo filme para sua filha. Quando ela recusa, ele escala uma jovem estrela de Hollywood que entra nessa complicada relação. Indicado a 9 Oscars, incluindo filme, direção, atriz, ator coadjuvante, atriz coadjuvante e filme internacional. Grande Prêmio do Juri no Festival de Cannes. Globo de Ouro de ator coadjuvante. 2h13. 14 anos.
João Pessoa: CINE BANGUÊ. sex., 13/3; 20h30; qua., 18/3; 20h30; sáb., 21/3; 19h.

A VOZ DE HIND RAJAB (*Sawt Hind Rajab*). Tunísia/ França/ EUA/ Reino Unido/ Itália/ Arábia Saudita/ Chipre, 2025. Dir.: Kaouther Ben Hania. Elenco: Saïja Kilani, Motaz Malhees, Amer Hlehel. Drama. Voluntários recebem

a chamada de emergência de uma menina presa em um carro sob fogo cruzado em Gaza e tentam ajudá-la. Indicado ao Oscar de filme internacional. Grande Prêmio do Juri no Festival de Veneza. 1h29. 14 anos.
João Pessoa: CINE BANGUÊ. leg.: dom., 8/3; 17h; ter., 10/3; 20h; sáb., 14/3; 17h; seg., 16/3; 15h; dom., 22/3; 15h; sex., 27/3; 20h30; ter., 31/3; 20h.

ZAFARI (*Zafari*). Peru/ Venezuela/ México/ França/ Chile/ República Dominicana/ Brasil, 2025. Dir.: Mariana Rondón. Elenco: Daniela Ramirez, Francisco Denis, Samantha Castillo. Drama. A chegada de um hipopótamo ao zoológico gera conflitos entre classes sociais de um bairro. 1h30. 14 anos.
João Pessoa: CINE BANGUÊ. leg.: qui., 12/3; 14h40; ter., 17/3; 20h30; sex., 20/3; 16h; qua., 25/3; 16h; sáb., 28/3; 17h.

ZOOTÓPIA 2 (*Zootopia 2*). EUA, 2025. Dir.: Jared Bush e Byron Howard. Vozes na dublagem brasileira: Monica Iozzi, Rodrigo Lombardi, Danton Mello. Comédia/ aventura/ animação. Coelho e raposa policiais investigam o misterioso aparecimento de uma cobra em Zootopia. Indicado ao Oscar de filme de animação. 1h48. 6 anos.
João Pessoa: CENTERPLEX MAG 3 (Átmos): dub.: 17h10. CINESERCLA TAMBIA 2: dub.: 16h15. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 4: dub.: 16h15. **Guarabira:** CINEMAXXI CIDADE LUZ 1: dub.: 14h05.

Teatro

HOJE

COISAS DE GENTE. Adaptação de texto de Matei Visniec. Espetáculo de estudantes do Curso de Bacharelado em Teatro na UFPB.
João Pessoa: TEATRO LIMA PENANTE (Av. João Machado, 67, Centro). Domingo, 8/3, 18h. Entrada franca, ingressos reservados pela plataforma Sympla.

FEIRANTES PROFANAS. Montagem da Trupe de Humor da Paraíba.

João Pessoa: TEATRO SANTA ROZA (Praça Pedro Américo, s/nº, Centro). Domingo, 8/3, sexta a domingo, 13/3 a 15/3, e sábado e domingo, 28/3 e 29/3, 20h. Ingressos: R\$ 50 (inteira), R\$ 40 + 1 kg de alimento (social) e R\$ 25 (meia), antecipados na plataforma Olha o Ingresso.

Música

HOJE

ELIZIA LEÃO E CLARA BIONE. Cantoras apresentam o show *Noites Boêmias*.
João Pessoa: CASA CARATELLI (R. Severino Alves Aires, 403, Miramar). Domingo, 8/3, 18h30. Ingressos: R\$ 40.

TAURUS. Show da banda de *trash metal*.
João Pessoa: VILA DO PORTO (Praça São Frei Pedro Gonçalves, 8, Varadouro). Domingo, 8/3, 17h. Ingressos: R\$ 40, antecipados na plataforma Sympla.

INSPIRAÇÃO

Professora rompeu barreiras a partir da década de 1940

Maria Dulce Barbosa foi a primeira mulher a ser eleita vereadora e prefeita na Paraíba

Eliz Santos
elizsantos17@gmail.com



MÊS DAS MULHERES

Em um tempo em que às mulheres era reservado o silêncio do lar e a discricção dos bastidores, Maria Dulce Barbosa decidiu ocupar a tribuna. Em uma sociedade conservadora do início do século 20, quando a política era território quase exclusivo dos homens, ela rompeu barreiras históricas e escreveu seu nome como pioneira na vida pública paraibana.

Nascida em 1915, em Queimadas, Dulce protagonizou dois marcos decisivos para a presença feminina na política estadual: foi a primeira mulher eleita vereadora em Campina Grande, integrando a legislatura de 1947 a 1951, e, anos depois, tornou-se a primeira prefeita eleita na Paraíba, assumindo a gestão de sua cidade natal em 1963.

O impacto de sua trajetória

é detalhado por Antônio Carlos Lopes, presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Queimadas (IHGQ), na obra *Queimadas: seu povo, sua terra*. Segundo ele, o pioneirismo de Dulce foi fruto de uma personalidade inabalável. “Reconhecida por todos como uma mulher de personalidade forte, ela conseguiu vencer barreiras e obstáculos, na época quase intransponíveis, de uma sociedade conservadora, machista e patriarcal”, afirma.

Por sua contribuição à identidade e à história local, Dulce é considerada matrona do IHGQ, ocupando um lugar de honra na preservação da memória da cidade. Lopes destaca, ainda, que sua projeção não se restringe ao território paraibano — Dulce é considerada a primeira vereadora de todo o Nordeste.

Além dos três mandatos como vereadora em Campina Grande, ela chegou a disputar uma vaga na Assembleia Legislativa em 1950, consolidando-se como liderança de alcance estadual.

Voto feminino

A trajetória de Dulce está diretamente ligada às transformações que ampliaram os direitos das mulheres no Brasil. O sufrágio feminino foi instituído em 1932, por decreto do então presidente Getúlio Vargas e consolidado na Constituição de 1934. Apesar do avanço institucional, o ambiente político seguia amplamente dominado por homens. Foi nesse cenário de transição — em que o direito formal existia, mas as barreiras culturais permaneciam — que Dulce decidiu disputar eleições.

Para a cientista social Wilka Barbosa, a eleição de Dulce deve ser compreendida sob três fatores: a institucionalização do voto feminino, a reorganização partidária no pós-Estado Novo e a persistência de um padrão oligárquico-patriarcal no Nordeste. “Em uma sociedade organizada por relações de dominação tradicional, a presença de uma mulher eleita tensionava a ordem vigente. Não significava, necessariamente, ruptura com o sistema, mas indicava uma fissura. Sua eleição foi estrutural — porque estava inscrita nas lógicas de poder da época — e, ao mesmo tempo, disruptiva, ao ampliar o imaginário sobre quem pode exercer autoridade legítima”, explica.

Wilka acrescenta que o desafio não estava apenas em conquistar o cargo, mas em exercer autoridade em um ambiente que naturalizava a exclusão feminina. “A sociedade patriarcal operava, naturalizando a ideia de que homens pertencem ao espaço público e mulheres ao privado. Isso se traduzia na deslegitimação da autoridade feminina, na cobrança moral mais rígida e na limitação temática, que as vinculava a áreas consideradas ‘naturais’ ao feminino. O patriarcado não impedia apenas o acesso; moldava a própria forma de participação”, observa.

Raízes de liderança

Dulce não surgiu na política por acaso; descendia de uma tradição familiar de forte presença comunitária. Sua mãe, Cecília Barbosa — conhecida como Dona Nazinha — era agente dos Correios em Queimadas. A avó, Maria Capitulina de Araújo e Melo, foi a primeira professora pública do município. Já o pai, João Barbosa da Silva, exerceu a função de juiz de paz e incentivou as filhas a estudar, algo incomum para o período.



Foto: Arquivo pessoal/Maria do Carmo Brito

Nascida em Queimadas, Dulce exerceu influência política e social por décadas, até morrer, aos 96 anos, no dia 8 de março de 2013

Formada no curso Normal, iniciou a carreira como professora no Grupo Escolar José Tavares, onde chegou à direção.

Mais tarde, graduou-se em Direito, integrando a primeira turma formada em Campina Grande e registrando-se na Ordem dos Advogados do Brasil (OAB) em 1971.

A dimensão humana dessa liderança é lembrada pela sobrinha, Germana Correia: “Desde pequena, eu via minha tia cercada de lideranças, ouvindo as demandas do povo e debatendo soluções. Ela nunca tratou a política como vaidade, mas como missão”.

Germana também destaca a combinação de firmeza e sensibilidade na personalidade de Dulce. “Cresci ouvindo as conversas e discussões políticas ao meu redor e me tornei testemunha da vida extraordinária de minha ‘Titá’, como era chamada na intimidade — uma líder apaixonada e destemida. Ela tinha coragem para o debate, mas também sabia acolher e compreender as dificuldades das pessoas”, recorda.

Combate ao coronelismo

Os bastidores de sua trajetória revelam episódios de enfrentamento direto. Durante a vigília ocorrida após o assassinato do vereador Félix Araújo, em Campina Grande, Dulce reagiu a um delegado que ameaçava parlamentares com um revólver. “Atire, covarde, atire se for capaz!”, enfrentou.

Anos depois, como secretária de Educação de Campina Grande, na gestão de Elpidio de Almeida, entregou o cargo após reagir a um insulto de quem viria a se tornar seu sucessor, preservando a própria dignidade.

A continuidade desse legado é personificada em outra sobrinha, Emília Correia Lima. Atual presidente da Companhia Estadual de Habitação Popular (Cehap), Emília seguiu os passos da tia na vida pública, disputando cargos como o

de deputada estadual — candidatura que contou com o apoio de Maria Dulce.

Para Emília, conviver com a tia foi uma verdadeira escola de resistência política em um período em que a presença feminina nos espaços de poder era constantemente questionada. Em um ambiente dominado por homens e marcado por estruturas de poder tradicionais, Maria Dulce precisou enfrentar não apenas adversários políticos, mas também o preconceito e a desconfiança dirigidos às mulheres que ousavam ocupar cargos públicos. “Hoje em dia, ainda é necessária a coragem da mulher para poder enfrentar os obstáculos que ainda existem, o preconceito e o machismo da nossa sociedade. Se ela conseguiu enfrentar naquela época, cabe a nós, a partir desses exemplos, saber enfrentar os resquícios que persistem”, reflete.

Ela reforça que a mensagem de Dulce para as gerações atuais seria clara: “Ser mulher é erguer a cabeça mais forte ainda. Enfrentar os obstáculos, nunca baixar a cabeça”.

Vitória

Em 1962, Maria Dulce venceu as eleições para a Prefeitura de Queimadas, município emancipado apenas dois anos antes. Como prefeita, estruturou a nova cidade, construindo o Mercado Público, estradas e escolas rurais.

Décadas depois, o cenário mudou. O Brasil adotou cotas de gênero e ampliou formalmente a presença feminina nas disputas eleitorais. Ainda assim, os desafios persistem sob novas configurações, como a violência política de gênero — agora amplificada por ataques digitais —, a sub-representação nos espaços decisórios centrais e a desigualdade no acesso a recursos partidários.

Para Wilka Barbosa, houve transformação na forma, mas não na lógica da exclusão. “O que mudou foi o modo

de operação das barreiras. Se antes a exclusão era sustentada por interdições explícitas e discursos morais diretos, hoje, ela se manifesta por mecanismos institucionais e simbólicos mais sofisticados. A política brasileira avançou no plano normativo, mas ainda resiste em redistribuir efetivamente o poder”, explica.

Na visão da especialista, a disputa contemporânea não é apenas por votos, mas por legitimidade e reconhecimento da autoridade feminina.

“As mulheres continuam enfrentando obstáculos que vão além da disputa eleitoral. Há desigualdade no acesso a recursos, redes de apoio e posições estratégicas dentro dos partidos. A disputa é também por legitimidade — por reconhecimento como autoridade política”, argumenta.

Nesse contexto, a trajetória de Dulce permanece viva e atual. Se no passado o enfrentamento era contra a interdição explícita, nos dias atuais a batalha é contra formas mais sutis de deslegitimação. Em ambos os contextos, o campo político segue sendo um espaço de disputa permanente por reconhecimento e poder.

Assim, sua experiência deixa três lições centrais: ocupar o espaço público é, em si, um ato político transformador; redes de apoio são importantes, mas não determinam integralmente uma trajetória; e as mudanças, ainda que graduais, produzem efeitos cumulativos que ampliam as possibilidades para as gerações seguintes.

Maria Dulce Barbosa manteve sua influência social até falecer aos 96 anos, em 8 de março de 2013 — data carregada de simbolismo por coincidir com o Dia Internacional da Mulher. Ao longo de sua vida pública, não apenas atravessou portas que estavam fechadas para as mulheres: deixou-as abertas para todas as paraibanas que vieram depois.

Saiba Mais

Foto: Arquivo pessoal/Maria do Carmo Brito



Adolescência

Nascida em 1915, Dulce teve acesso à formação escolar completa, algo incomum na época

Juventude

Na década de 1930, passou a conciliar a carreira de professora com a militância política



Foto: Arquivo pessoal/Maria do Carmo Brito

Maturidade

A primeira vitória nas urnas foi registrada em 1947, êxito que se repetiu em 1951, 1955 e 1962



Foto: Arquivo pessoal/Antônio Carlos Lopes



Foto: Marcelo Camargo/Agência Brasil

Legislação endurece o combate a atos de violência resultantes da vulnerabilidade a qual as pessoas idosas estão expostas

GERONTOCIDIO

Câmara aprova tipificação de ataques contra idosos

Texto classifica assassinato de pessoas da terceira idade como crime hediondo

Agência Câmara

A Câmara dos Deputados aprovou, na última semana, o Projeto de Lei (PL) nº 4.716/2025, que tipifica o crime de assassinato de idosos (gerontocídio), com pena de reclusão de 20 a 40 anos, além de torná-lo crime hediondo. A proposta será enviada ao Senado. De autoria do deputado Castro Neto (PSD-PI), o texto foi aprovado com substitutivo do relator, o deputado Ossesio Silva (Republicanos-PE).

Para o parlamentar de Pernambuco, o assassinato de pessoas com mais de 60 anos não pode ser tratado como simples estatística de homicídio comum. "Assim como ocorreu com o feminicídio, cuja tipificação própria representou avanços no reconhecimento da violência de gênero, o gerontocídio também demanda dispositivo específico para tornar visível a gravidade do ataque direcionado à pessoa idosa. "É mais um escudo jurídico para proteger quem tanto contribuiu pelo Brasil", escreveu, em seu perfil na rede social X (antigo Twitter).

O presidente da Câmara Federal, Hugo Motta (Republicanos-PB), ressaltou que o projeto endurece o combate à violência contra a pessoa idosa. "É mais um escudo jurídico para proteger quem tanto contribuiu pelo Brasil", escreveu, em seu perfil na rede social X (antigo Twitter).

Aumento de penas

O PL nº 4.716/2025 aumenta, ainda, a pena do crime de homicídio culposo — quando o agente não teve

Punição

Ao reconhecer a gravidade de delitos contra indivíduos com idade acima de 60 anos, norma estabelece aumento de pena, que pode chegar a 40 anos de reclusão

a intenção de matar — de detenção de um a três anos para detenção de dois a seis anos.

Atualmente, o Código Penal já prevê aumento de pena (agravante) se o homicídio doloso — ou seja, intencional — for praticado contra idoso, levando a pena padrão de reclusão de seis a 20 anos para de oito anos a 26 anos e oito meses.

Casos semelhantes aos já previstos no código para aumento de 1/3 da pena valerão para o crime específico de gerontocídio. Assim, a pena poderá chegar a reclusão de 26 anos e oito meses a 53 anos e quatro meses nas seguintes situações:

- se praticado contra pessoa com deficiência ou portadora de doenças degenerativas, que acarretem condição limitante ou de vulnerabilidade física ou mental;
- se praticado por milícia privada, sob o pretexto de prestação de serviço de

segurança, ou por grupo de extermínio;

- por encomenda, motivo torpe ou motivo fútil;
- com emprego de veneno, fogo, explosivo, asfixia, tortura ou outro meio insidioso ou cruel;
- por meio de traição, emboscada ou dissimulação para tornar difícil à vítima defender-se;
- para assegurar a execução, a ocultação, a impunidade ou vantagem de outro crime;
- contra policiais, membros do Judiciário, do Ministério Público, da Defensoria Pública, da Advocacia Pública ou oficiais de Justiça ou parentes em razão dessa condição;
- com emprego de arma de fogo de uso restrito ou ofício; ou
- nas dependências de instituição de ensino.

Diminuição

Por outro lado, poderá haver diminuição de pena de 1/6 a 1/3 se o agente cometer o crime "impelido por motivo de relevante valor social ou moral ou sob o domínio de violenta emoção logo em seguida a injusta provocação da vítima".

Ato culposo

Em relação à modalidade culposa, o texto de Ossesio Silva mantém casos já previstos de aumento de 1/3 da pena de detenção para casos de:

- inobservância de regra técnica de profissão, arte ou ofício;
- deixar de prestar imediato socorro à vítima;
- não procurar diminuir as consequências do seu ato; ou
- fugir para evitar prisão em flagrante.

Do mesmo modo já previsto atualmente, o juiz poderá deixar de aplicar a pena se as consequências da infração atingirem o próprio agente "de forma tão grave que a sanção penal se torne desnecessária".

Sem anistia

O projeto considera hediondo o gerontocídio e seus agravantes. Condenados por crimes hediondos não podem contar com anistia, graça, indulto ou fiança. Têm ainda prazos maiores de cumprimento de pena em regime fechado para poder acessar o regime semiaberto.

Progressão de pena

Quanto à progressão de regime do condenado por gerontocídio, o texto iguala o tempo de cumprimento de pena em regime fechado ao exigido dos condenados por feminicídio se o réu for primário: de 55% em vez do percentual padrão de 40%.

No entanto, se sancionada, a mudança feita no projeto de lei de combate ao crime organizado (PL nº 5.582/25), o trecho em questão deixa de existir devido ao aumento da progressão relativa ao feminicídio (de 55% para 75%).

Debate em plenário

Durante o debate em plenário, o deputado Chico Alencar (Psol-RJ) destacou que o projeto também trata de homicídio de menor de 14 anos. "Não achamos que simplesmente aumentar as penas diminui a violência, mas nesse caso isso cabe muito bem", defendeu.

Para o deputado Gilson Marques (Novo-SC), a pena de homicídio deveria ser maior. "Hoje não basta ter o crime de homicídio, estão sendo criados cada vez mais outros crimes. Gostaríamos de aumentar a pena de todos os tipos de homicídio, inclusive do idoso. Nosso sonho é chegar no dia em que a vida não seja mensurada a depender de sua idade, seu sexo e sua cor".

O deputado Alberto Fraga (PL-DF) observou que o projeto vem em um momento oportuno, quando o número de idosos já supera o de jovens. "Estamos cansados de ver agressões injustas e covardes contra o idoso, que não tem condição de se defender", afirmou.

Toca do Leão

Fábio Mozart
mozartpe@gmail.com | Colaborador

Microcrônicas (34)

Na busca desesperada de leitores modernos, já que os antigos perderam parcialmente a visão ou estão na sua zona definitiva de conforto, ponho-me a redigir microcrônicas. Textos curtos para a geração TikTok.

Essa forma de texto breve, de uma a 10 linhas, começou a tomar força através dos webescritores, com a evolução das redes sociais.

Nascido totalmente por acaso, numa cidadezinha de Pernambuco, vivo minha vocação de paraibano há quase 70 anos. Cara de mal humorado, texto azedo e cáustico, sou um elemento generoso, embora um pouco mentiroso.

Nunca batalhei com a tarja preta nem bebi em excesso, dessas bebedeiras em que você quer salvar o mundo e acaba pinel. Se bem que manter a loucura em fogo brando é recomendável, para não surtar de vez.

Clarice Lispector indagava: crônica é um relato? É uma conversa? É o resumo de um estado de espírito? Não quero contar histórias. Penso em me dar a liberdade de escrever o que penso, sem limites.

O poetinha recebeu a missão de escrever cordel sobre determinado tema. Sem dominar a técnica, bagunçou a rima, a métrica e a oração. "É meu estilo", justificou.

Quando o poeta estava em seus primeiros suspiros literários, sentiu-se confiante ao ver seus versos publicados no *blog*. Definiu-se trovador moderno, no apogeu da era digital. Cada vez mais, os textos iam encolhendo, ao mesmo tempo que decaíam. Chegou ao tamanho mínimo, na dimensão do seu talento.

"Falso médico é preso se automedicando em farmácia clandestina" (Manchete da Barata Press).

Formiga dando bom dia e cantando louvor evangélico feito por IÁ no grupo da família, ninguém merece!

"Voar parece exagero / para todo pássaro de cativo" (Carlos La Terza).

"A verdade é uma só: são muitas. E estamos todos certos. E sem rumo" (Antonio Brasileiro).

Hoje completa um ano que lancei o livro *Elie*, o poeta fluvial, com antologia de poemas do meu amigo Elie José Francisco, de Itabaiana.

"Elie, seu pensamento profundamente humanístico veio a dar na cascata de emoções que acabou por produzir em forma de poesia, com o sentimento de amor inapagável que nutria pela nossa pátria comum, a velha Itabaiana do Norte.

Na guerra do Irã, Estados Unidos promove crime de guerra e a civilidade desce pelo esgoto das baratas fascistas.

Alvos dessa desumanidade somos todos nós.

"No fim dos tempos, o bem e o mal andarão de braços dados sobre as cinzas da cidade" (Raul Seixas).

Estou preparando um livro de poemas curtos chamado *Anjo encorajado*. Glaucio Mattoso abre o bicho: "A poesia é uma metralhadora na mão dum palhaço".

"A esperança será sempre um caminho de iluminuras, embora estejamos caminhando sobre navalhas" (Li não sei onde e esqueci o nome do autor).

"Os ditadores militares tiveram que colocar censores nas redações para impedir publicação da verdade. Agora não precisa" (Jonas Valeriano).

"Uma das funções do rádio é espalhar magia: nós não temos cara, temos vozes, e isso ajuda a incendiar o imaginário dos ouvintes. E esta rádio de hoje, coitada, não incendeia absolutamente nada, não provoca" (Antonio Sergio).

Colunista colaborador

Foto: Kayo Magalhães/Câmara dos Deputados



Deputado Ossesio Silva é relator do substitutivo aprovado

EM 40 ANOS

Área de favelas quase triplica no país

Aumento ocorreu dos anos de 1985 a 2024, sendo maior que o registrado nas cidades; total chega a 146 mil hectares

Fabiola Sinimbú
Agência Brasil

As favelas brasileiras cresceram e ocuparam uma área de 92,3 mil hectares nos últimos 40 anos, aponta o Mapeamento Anual das Áreas Urbanizadas no Brasil, do Mapbiomas. A área ocupada quase triplicou de tamanho em quatro décadas, tornando-se 2,75 vezes maior, enquanto as cidades, de forma geral, cresceram 2,5 vezes.

De acordo com o estudo, divulgado no último dia 4, o aumento foi observado dos anos de 1985 a 2024, quando a área urbana de favelas saltou de 53,7 mil hectares para 146 mil hectares. Manaus foi a cidade brasileira onde as favelas mais cresceram em extensão se comparadas aos outros territórios urbanos nesse período. A área ocupada pelas favelas da capital amazonense aumentou 2,6 vezes.

O estudo revelou, ainda, que a dinâmica de crescimento das comunidades foi mais intensa nas regiões metropolitanas do país, que em 2024, abrigavam 82% das áreas urbanizadas em favelas.

O geógrafo e coordenador do Mapbiomas, Júlio Pedrassoli, considera que o crescimento mais acelerado das áreas de favelas em comparação com a média nacional e sua forte concentração em regiões metropolitanas sugerem uma tendência conhecida e preocupante. “As metrópoles concentram muita riqueza, mas também intensificam problemas estruturais. Frente às mudanças climáticas em curso, se acende



Foto: Thais Rêgo/Agência Brasil

Estudo do Mapbiomas apontou que o crescimento das favelas foi maior nas regiões metropolitanas, ressaltando a concentração de riqueza nessas áreas

um sinal de alerta”, reforça Pedrassoli.

As regiões metropolitanas que abrigam as maiores áreas urbanizadas em favelas são as de São Paulo (SP), Manaus (AM) e Belém (PA), com territórios de 11,8 mil hectares, 11,4 mil hectares e 11,3 mil hectares, respectivamente.

No recorte por favela, o Distrito Federal abriga as que mais cresceram no período de 1985 a 2024. Esse crescimento posicionou as favelas Sol Nascente e 26 de Setem-

bro em primeiro e segundo lugares das maiores favelas do Brasil, com 599 hectares e 577 hectares.

■ **Manaus foi a cidade onde as favelas mais cresceram na comparação com outros territórios**

Segurança hídrica é um problema para a população de comunidades

As cidades brasileiras também ocuparam mais áreas ameaçadas pela disponibilidade de água para abastecimento das populações nos últimos anos. Os pesquisadores reforçam que 25% das áreas naturais que foram urbanizadas estão localizadas onde a capacidade de abastecimento hídrico é crítica. Essas áreas somam

cerca de 167,5 mil hectares. Ao todo, esse montante inclui territórios em 1.325 municípios brasileiros, sendo que a cidade do Rio de Janeiro é a que concentra a maior área urbanizada em condições mínimas de segurança hídrica. Na capital fluminense 7,6 mil hectares a mais foram urbanizados em áreas nessas condições

ao longo de 40 anos. “Existe um descompasso entre o crescimento das cidades e a disponibilidade de água. O fato de 1.325 municípios terem ampliado sua mancha urbana nessas condições revela que o problema é estrutural e nacional. Não é apenas uma questão de risco”, conclui o geógrafo Júlio Pedrassoli.

Programas de habitação contribuem para minimizar riscos

Agência Gov

Entre as ações desenvolvidas no país para assegurar moradia aos cidadãos está o programa Minha Casa, Minha Vida - Entidades, voltado à construção de casas populares para famílias de baixa renda, além de regularizações fundiárias em comunidades historicamente marginalizadas. Apenas no mês de fevereiro, o Ministério da Gestão e da Inovação em Serviços Públicos, por meio da Secretaria do Patrimônio da União (SPU), destinou imóveis públicos que viabilizam moradia para mais de oito mil pessoas. As ações integram o programa Imóvel da Gente.

O total de pessoas beneficiadas foi estimado a partir do número de famílias atendidas pela linha de habitação de interesse social. Conforme as portarias publicadas pela SPU no período, 2.935 famílias foram potencialmente contempladas: 2.795 passaram a contar com a regularização de seus terrenos, enquanto 140 unidades habitacionais serão construídas no Riacho Fundo II, região administrativa do Dis-



Foto: Marcelo Câmara/Ministério das Cidades

Programa federal promove a entrega de imóveis, regularização fundiária e ações de infraestrutura

trito Federal. Para o cálculo, foi considerada a média mais recente de 2,79 pessoas por família, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

As regularizações fundiárias ocorreram principalmente na Região Sul, com destaque para o município de Paranaguá (PR), onde a comunidade Vila do Povo reúne cerca de 800 famílias. A ocupação, formada majoritariamente por população

de baixa renda, existe desde a década de 1980 e vinha avançando para áreas de risco, em razão das características do solo de terreno da Marinha. Além de garantir segurança jurídica aos ocupantes, a regularização busca conter o avanço sobre áreas de preservação ambiental impróprias para moradia.

A Vila do Povo está situada às margens do Rio Emboguaçu, em área de manguezal, ecossistema estratégico

para a biodiversidade da costa brasileira.

Segundo Lauren Costa, coordenadora-geral de regularização fundiária da SPU, a medida vai além de um procedimento administrativo. “A regularização é fundamental para assegurar o direito à moradia e a segurança jurídica de quem vive em áreas informais. Ela permite integrar esses núcleos urbanos à cidade de forma oficial, enfrentando a exclusão social e a insegura-

Dignidade
Iniciativa garante o direito à moradia e à segurança jurídica dos cidadãos que vivem em áreas consideradas informais dentro dos municípios brasileiros

rança de famílias que muitas vezes não têm acesso a infraestrutura básica ou serviços públicos”, afirma.

Somadas às demais ações realizadas nas regiões Sul, Norte e Nordeste, as áreas que passaram a contar com segurança jurídica em fevereiro totalizam 789.654,68 m² — o equivalente a quase duas vezes o território da Cidade do Vaticano ou a cerca de quatro vezes o Complexo do Maracanã.

Com o ordenamento jurídico, comunidades antes consideradas irregulares passam

a ter melhores condições para receber investimentos públicos, como unidades de saúde, escolas e áreas de lazer. “O compromisso da Secretaria do Patrimônio da União do MGI é reconhecer direitos e transformar a realidade desses territórios. Para isso, investimos em parcerias com estados e municípios, garantindo que o processo de regularização seja completo e efetivamente melhore a vida das pessoas”, acrescenta Costa.

Infraestrutura

Além das regularizações fundiárias, o mês também foi marcado por destinações voltadas à infraestrutura. As ações incluíram a implantação e conexão de avenidas nos estados do Maranhão, Tocantins e Mato Grosso do Sul, a manutenção de uma Delegacia da Polícia Civil de Minas Gerais, intervenções em orlas no Piauí e no Pará e obras de esgotamento sanitário em Sergipe.

Também houve destinações para obras de turismo, como a revitalização do Parque Náutico Walter Lange, em Santa Catarina, e a intervenção na Orla Fluvial Porto D'Angola, em Sergipe.

EMPREGOS

Editais somam mais de 300 vagas

Oportunidades estão distribuídas entre o interior da Paraíba e a Bahia, com salários que chegam a R\$ 7,4 mil

Priscila Perez
 priscilaperez@comunicao@gmail.com

Agropecuária, Educação e Saúde estão entre as áreas contempladas nos concursos abertos nesta semana. Na Paraíba, a Prefeitura de Itatuba abriu 83 vagas em seu mais novo edital, enquanto o município de São José dos Cordeiros oferece 42 oportunidades para diferentes níveis de escolaridade. Aqui, porém, o tempo é curto: o prazo de inscrições termina hoje. Já na Bahia, o Governo do Estado lançou 200 vagas para fiscais e técnicos agropecuários, com salários que ultrapassam R\$ 7 mil. Não à toa, o momento é favorável para quem busca estabilidade no setor público, mas vale ler os editais com atenção para aproveitá-lo bem.

Quadro administrativo

A poucos quilômetros de Campina Grande, o município de Itatuba acaba de lançar concurso público com 83 vagas no total, distribuídas entre cargos de níveis fundamental, médio, técnico e superior. A seleção tem como objetivo reforçar a estrutura administrativa municipal, com oportunidades para professores, profissionais da Enfermagem, médicos, motoristas, eletricitas, fiscais, entre outras funções. De acordo com o edital, a carga horária varia de 20 a 40 horas semanais, assim como a própria remuneração, que vai de R\$ 1,6 mil a R\$ 12,5 mil, a depender do cargo e da titulação — podendo, inclusive, haver complementos.



Foto: Divulgação/Adab

Em São José dos Cordeiros, há vagas para professores, assistente social, psicólogo, médicos, fisioterapeuta, motoristas, gari e auxiliar de serviços gerais; na Bahia, são para os cargos de fiscal e técnico em fiscalização

Foto: Divulgação/Prefeitura de São José dos Cordeiros

Organizado pela Ápice Consultoria, o certame prevê a aplicação de prova objetiva para todos os cargos, marcada para 24 de maio; além de etapas específicas como prova prática e análise de títulos para os cargos de eletricista, motorista e professor. Já no caso de agente comunitário de saúde, exige-se, também, comprovação de residência. As inscrições seguem até 29 de março e devem ser realizadas, exclusivamente, pelo site da banca organizadora. Conforme o nível de escolaridade do cargo, a taxa de inscrição pode variar entre R\$ 40 e R\$ 60. Vale lembrar que todas as etapas do concurso serão realizadas na cidade de Itatuba.

Reta final

Já em São José dos Cordeiros, no Cariri paraibano, o cronograma exige atenção redobrada. O edital da prefeitura reúne 42 vagas para cargos de níveis fundamental, médio e superior, contemplando áreas como Educação e Saúde, além de serviços urbanos e assistência social. Há oportunidades para professores de diferentes disciplinas, assistente social, psicólogo, médicos, fisioterapeuta, motoristas, gari e auxiliar de serviços gerais, entre outros profissionais. A remuneração oferecida varia de R\$ 1,6 mil a R\$ 4,3 mil, com jornadas de 30 a 40 horas semanais e contratação pelo regime jurídico do município.

Mas, atenção, concurrei-ros: o prazo de inscrições termina hoje, às 23h59. Para garantir sua vaga, acesse o site da Ápice Consultoria, que também está à frente do concurso, e siga as instruções. Pelo edital, a prova objetiva está marcada para 19 de abril e haverá etapas adicionais para moto-

ristas e guarda municipal, incluindo testes prático e de aptidão física, além de avaliação de títulos para cargos de nível superior. A taxa cobrada varia de R\$ 40 a R\$ 70, de acordo com o nível de escolaridade exigido, e todo o processo ocorrerá na cidade de São José dos Cordeiros.

Concurso robusto

No âmbito estadual, por sua vez, o Governo da Bahia abriu 200 vagas na Agência Estadual de Defesa Agropecuária (Adab) para os cargos de fiscal estadual — nas áreas de defesa sanitária animal, vegetal e inspeção de produtos de origem animal — e técnico em fiscalização. No caso dos fiscais, exige-se graduação em Medicina Veterinária ou Agronomia, conforme a área de atuação; já para técnico, são aceitas formações de nível médio/técnico em Agropecuária, Agricultura, Engenharia Florestal, Zootecnia e áreas correlatas. A jornada é de 40 horas semanais, com salários de R\$ 2,9 mil a R\$ 7,4 mil.

As inscrições seguem até 31 de março, pelo site do Instituto Idcap, com taxas que vão de R\$ 120 a R\$ 190. Quanto à avaliação, o processo será composto por prova objetiva, prova discursiva e, no caso específico de fiscal, avaliação de títulos. As etapas acontecerão nas cidades de Salvador, Juazeiro, Barreiras, Vitória da Conquista e Teixeira de Freitas.



Use o QR Code para acessar o edital da Prefeitura de São José dos Cordeiros



Use o QR Code para acessar o edital da Prefeitura de Itatuba



Use o QR Code para acessar o edital da Agência Estadual de Defesa Agropecuária

Engenheiro florestal garante desenvolvimento e preservação

Muita gente ainda vê o engenheiro florestal como alguém que vive no mato, abraçado às árvores e distante das decisões estratégicas. Mas a realidade é bem mais complexa do que essa imagem sugere. Esse profissional é peça-chave nos bastidores de grandes obras, responsável por estudos ambientais, relatórios técnicos e pelo cumprimento das exigências legais que viabilizam esses mesmos projetos. Na prática, é quem ajuda a garantir que o desenvolvimento econômico avance sem comprometer a preservação ambiental, um desafio que, diante das mudanças climáticas e da expansão de projetos sustentáveis, torna seu papel ainda mais decisivo. Natural de Patos, o engenheiro florestal Itaragil Marinho explica como a profissão ocupa, hoje, um espaço central nesse debate.

A trajetória de Itaragil começou em pleno Sertão paraibano, onde cresceu observando de perto as transformações do território. Sua escolha pela Engenharia Florestal, porém, não surgiu de uma visão romantizada da natureza, mas da compreensão de que a área oferecia um campo amplo de atuação. “Foi minha primeira opção pela presença do curso em minha cidade. Mas, ao longo da graduação,

acabei me identificando demais com a área”, relembra. Formado pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), ele foi percebendo no dia a dia que o engenheiro florestal ocupa um espaço que vai além do campo: participa de decisões, planeja intervenções e contribui para que o uso dos recursos naturais aconteça de forma responsável. “Eu consegui, ainda dentro do curso, perceber que a gestão desses recursos era possível a partir da minha realidade, do manejo florestal”, acrescenta.

Além do campo

Não à toa, a imagem do engenheiro florestal permanentemente imerso na natureza não corresponde à realidade integral da profissão. Como bem explica Itaragil, que também participa da diretoria da Associação dos Engenheiros Florestais da Paraíba (AEF-PB), a rotina pode variar bastante, transitando entre atividades de campo, planejamento técnico e elaboração de relatórios. Tudo depende da função exercida e do tipo de projeto. “O trabalho pode ser 100% no escritório, quando envolve planejamento e gestão. Ou totalmente em campo, executando ações planejadas e enviando relatórios”,



Itaragil Marinho (E) realiza diagnóstico de impactos ambientais e interpreta a legislação

Foto: Arquivo pessoal

detalha. Na prática, é o engenheiro florestal quem realiza o diagnóstico de impactos ambientais, interpreta a legislação e estrutura os documentos que orientam o processo de licenciamento, uma atuação que, segundo ele, exige rigor técnico e elevada capacidade analítica.

É justamente nesse aspecto que a atualização constante faz toda a diferença. Conforme explica, acompanhar as mudanças na legislação e compreender os pormenores dessas exigências legais são partes essenciais da profissão. “Quanto mais o profissional procurar ler, entender e se atualizar sobre a legislação ambiental, mais oportu-

nidade ele terá”, ressalta. Na avaliação do engenheiro, é justamente nesse campo que a profissão ganha relevância, já que as grandes obras de infraestrutura dependem do cumprimento dessas normas. “Normalmente, são obras feitas por engenheiros civis e elétricos, entre outros profissionais que não têm conhecimento de como fazer o licenciamento ambiental. É onde entra o engenheiro florestal. Por isso, precisamos nos manter atualizados e constantemente pesquisando a legislação”, pontua.

Oportunidades

O mercado, segundo ele, tem demonstrado demanda

crescente, especialmente no setor privado, impulsionado por novos empreendimentos, expansão das energias renováveis, projetos agrícolas e obras de infraestrutura. Já no setor público, esse espaço também existe, embora, na Paraíba, sinalize que a presença de engenheiros florestais em órgãos ambientais ainda seja reduzida. Uma realidade que revela tanto um desafio estrutural quanto uma possibilidade futura de expansão. “Por isso, qualificar-se é importante. Com mestrado e doutorado, conseguimos desenvolver mais o pensamento crítico e estudar além da formação básica”, enfatiza.

Não por acaso, para quem deseja seguir carreira, a graduação em Engenharia Florestal é apenas o ponto de partida. Segundo Itaragil, cursos de especialização, mestrado e doutorado, além de ampliar os horizontes profissionais, podem melhorar a remuneração e garantir a presença em projetos maiores. O mercado paraibano está favorável nesse sentido. “Antes a gente se formava com a visão de trabalhar fora. Hoje, você se forma para trabalhar dentro do próprio estado. Inclusive, há profissionais de outros lugares vindo trabalhar aqui, atraídos por esses grandes empreendimentos”, finaliza o engenheiro florestal.

Esse caminho profissional também alcança o serviço público. O concurso da Agência Estadual de Defesa Agropecuária (Adab), na Bahia, oferece vagas para o cargo de técnico em fiscalização agropecuária, que aceita formação técnica em áreas como Agroecologia, Zootecnia, Engenharia Florestal e Agroindústria, entre outras previstas no edital. Com jornada de 40 horas semanais e remuneração inicial de R\$ 2.924,39, a função reforça a importância do olhar técnico na fiscalização e qualidade da produção agropecuária.

Selic

Fixado em 28 de janeiro de 2026

15%

Salário mínimo

R\$ 1.621

Dólar \$ Comercial

-0,81%

R\$ 5,244

Euro € Comercial

-0,54%

R\$ 6,084

Libra £ Esterlina

+0,02%

R\$ 7,028

Inflação

IPCA do IBGE (em %)

Janeiro/2026 0,33

Dezembro/2025 0,33

Novembro/2025 0,18

Outubro/2025 0,09

Setembro/2025 0,48

Ibovespa

179.101,44 pt

-0,75%



EMPREENDEDORISMO FEMININO

Confeiteiras aproveitam a Páscoa para ampliar renda

Período de maior consumo de chocolates fortalece pequenos negócios

Samantha Pimentel
samanthaunio@gmail.com



A Páscoa aquece a venda de doces, sobretudo os chocolates, que são tradicionais neste período. Esse aumento é sentido não só pelas grandes marcas, mas também por quem produz de forma artesanal, e aproveita essa época do ano para garantir uma renda extra. Nesses casos, o empreendedorismo feminino é o que ganha mais evidência, já que, no ramo de confeitaria artesanal, predominam as mulheres.

A confeiteira e estudante Larissa Almeida é uma dessas mulheres que viu a data comemorativa como uma oportunidade para criar um negócio sazonal que cresceu e, hoje, é sua principal fonte de renda. A microempreendedora individual de João Pessoa é uma das 160 mil mulheres que lideram empresas no estado, número que representa 35% do total de empresários na Paraíba, segundo o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas da Paraíba (Sebrae-PB).

Ela conta que começou a produzir doces na Páscoa de 2020, quando ainda estava no Ensino Médio. “Desde pequena, sempre gostei muito de doces, de fazer brigadeiro para as festas em família, e aí, naquele ano, eu comecei a fazer os ovos de Páscoa. Depois, quando passou a Páscoa, eu comecei a fazer bolos, brigadeiros, e aí tô até hoje fazendo”, compartilha.

Para atender à demanda do período, o planejamento é fundamental. Para isso, ela conta com a ajuda dos pais e do namorado para a produção, logística e contabilidade. “É um trabalho que inicia dois meses antes. A gente já começa a pesquisar os modelos das caixinhas, organizar para comprar todos os chocolates. Eu começo sempre a me organizar antecipadamente: faço o cardápio, já libero para meus clientes e aí vou recebendo os pedidos”, detalha a confeiteira.

Na semana da Páscoa, o trabalho é intensificado para dar conta, também, das encomendas que surgem de última hora. Apesar da correria e das noites mal dormidas, o esforço compensa. Larissa diz que, comparando com outros períodos do ano, a demanda aumenta mais de 50%, e o faturamento mais do que dobra. A média mensal, que é de cerca de R\$ 2.500, fica de R\$ 6 mil a R\$ 8 mil. Esse ganho financeiro também ajuda a garantir investimentos para fortalecer o negócio, como uma nova cozinha que conseguiu construir no quintal de casa, para ter um espaço mais amplo e adequado para a produção, saindo do ambiente doméstico.

Fotos: Carlos Rodrigo



Vendas e faturamento de Larissa mais que dobram durante o período

co. Em 2026, será a primeira Páscoa que ela trabalhará nesse novo local.

“A gente conseguiu fazer isso no final do ano passado, porque o espaço estava ficando bem pequeno. A procura vem crescendo a cada ano. Todo ano investimentos um pouco mais, já se preparando para isso. Mas, mesmo com esse planejamento, é tanta gente que nem conseguimos atender a todo mundo”, destaca.

O crescimento gradual do negócio, testando e aprimorando aos poucos, é justamente a estratégia recomendada pela analista de Educação Empreendedora do Sebrae-PB, Renata Câmara Avelino. Para ela, o ideal é começar com os recursos disponíveis e avaliar a viabilidade da atividade. “Se a mulher verificar que de fato há uma oportunidade de negócio, é preciso se qualificar, porque não basta entregar um bom produto ou serviço, é preciso gerir aquela atividade. Conhecer melhor o comportamento dos seus clientes, aprender sobre gestão, finanças, vendas e conseguir modelar melhor esse negócio”, destaca.

Larissa, que neste ano está concluindo a graduação de Comunicação em Mídias Digitais, diz que, mesmo após sua formatura, pretende continuar investindo no ramo de confeitaria. “Eu vejo muita coisa de publicidade no meu curso, nessa área de divulgação, e consegui atrelar isso à minha paixão por doces, fazendo as divulgações. A confeitaria hoje é a minha principal fonte de renda”, constata.

Informalidade

No Brasil, metade das mulheres empreendedoras divide o tempo entre cuidar da família e administrar o próprio negócio. Na Paraíba, esse cenário é ainda mais comum: 53,6% das empresárias também são chefes do domicílio, segundo o Sebrae-PB. Esses dados refletem a realidade de quem está formalizado, mas existem ainda muitas mulheres que empreendem na informalidade e

aproveitam períodos sazonais para aumentar as vendas, gerar renda extra e fortalecer sua autonomia financeira.

É o caso de Socorro Coelho Gomes, de Campina Grande, que há 15 anos aproveita o período da Páscoa para produzir ovos de chocolate caseiros para ajudar nas despesas da família. Hoje, ela vende seus produtos pelas redes sociais e prepara cada detalhe especialmente para essa época. “Quando chega a Páscoa, eu me programo: organizo tudo direitinho, penso nas sacolinhas, embalagens, lacinhos e divulgo no Instagram. E os preços são sempre mais acessíveis do que em muitos mercados, então a clientela gosta”, conta.

Ao longo do ano, Socorro também vende trufas e tortas por encomenda e comercializa refeições na Feira da Prata, nos fins de semana. Mas, segundo ela, na época da Páscoa, as vendas aumentam bastante, garantindo cerca de R\$ 2.500 de renda extra. Para dar conta da produção, toda a família participa. “É uma comunhão, todo mundo se envolve. Meus filhos ajudam, meu marido faz as entregas. Se não fosse assim, não conseguiria atender às encomendas”, explica.

Para a analista de Educação Empreendedora do Sebrae-PB, a Páscoa e outras datas sazonais são oportunidades importantes para as mulheres testarem produtos e serviços. “Muitas vezes, a mulher ainda não sente-se pronta para abrir o seu negócio, mas pode começar oferecendo serviços na informalidade, para que ela possa testar junto ao mercado que ela está se posicionando, se o produto dela é bom,

Na Paraíba, 160 mil mulheres lideram empresas, o que representa 35% do total de empresários no estado



para que ela possa corrigir [...] Assim, ela já vai exercitando a entrada de uma renda extra dentro do orçamento dela, para que ela se empolgue e ela veja que é possível, e, caso tenha interesse, profissionalizar aquela atividade”, afirma Renata Câmara Avelino, ressaltando que iniciar sem Cadastro Nacional da Pessoa Jurídica (CNPJ) é uma opção viável.

Renata observa ainda que, a cada 10 negócios abertos por mulheres, oito permanecem na informalidade. “A mulher não consegue fazer seu negócio crescer, porque ela tem que administrar muitas tarefas. Então ela dedica menos tempo do que gostaria para entender e fortalecer esse negócio”, constata.

A divisão de tarefas, como no caso de Socorro, facilita que a mulher se dedique ao empreendimento. Quanto à renda, a analista afirma que a maioria das empreendedoras paraibanas são microempreendedoras individuais, com rendimento médio de R\$ 1.500. “Ou seja, é muito baixo. Então, existe muito potencial para que as mulheres possam empreender e rentabilizar mais os seus negócios. Para isso, é preciso que elas busquem conhecimento, e uma rede de apoio para que possam desenvolver essas atividades”, conclui.



Economia em Desenvolvimento

Amadeu Fonseca
amadeu.economista@gmail.com | Colaborador

O PIB cresceu. Então por que a economia preocupa?

A economia brasileira desacelerou. Em 2025, o PIB cresceu 2,3% e atingiu R\$ 12,7 trilhões, após ter avançado 3,4% em 2024, quando havia alcançado R\$ 11,7 trilhões. Trata-se da menor expansão dos últimos cinco anos. Mais importante do que observar apenas a taxa final é compreender como a economia está estruturada e quais forças continuam impulsionando ou limitando seu ritmo de crescimento. Mais do que o volume de vagas, a composição desse avanço revela a estrutura econômica que vem se consolidando na capital. Das 14.892 vagas criadas, 7.891 concentraram-se em 10 ocupações, o equivalente a 52,99% do saldo total. Esse nível de concentração posiciona João Pessoa acima da média nordestina, onde as 10 principais funções responderam por 45,04% da geração regional, e abaixo do padrão nacional, que registrou 60,25%, chegando a 81,16% no Sul e 73,51% no Sudeste.

Pela ótica da oferta, o setor de serviços permanece como o principal motor da economia brasileira. Em 2025, cresceu 1,8% e movimentou cerca de R\$ 7,6 trilhões, sendo responsável por aproximadamente 60% do PIB. Em 2024, o setor havia registrado expansão de 3,7%. A indústria respondeu por cerca de R\$ 2,6 trilhões, aproximadamente 20% do PIB, e cresceu 1,4% em 2025. Em 2024, representava cerca de 21% da economia e havia avançado 3,3%, indicando uma desaceleração da atividade industrial. Já a agropecuária registrou crescimento de 11,7% em 2025, alcançando cerca de R\$ 775 bilhões, aproximadamente 6% do PIB, recuperando-se da queda de 3,2% em 2024, quando movimentou R\$ 655,3 bilhões.

Os dados mostram que nem sempre o setor que mais cresce é o que mais contribui para o avanço do PIB. Mesmo com expansão de 1,8%, os serviços responderam por cerca de 1,1 ponto percentual do crescimento em 2025. A agropecuária contribuiu com aproximadamente 0,7 ponto percentual, enquanto a indústria adicionou cerca de 0,3 ponto percentual.

Pela ótica da demanda, o consumo das famílias continua sendo o principal impulsionador da atividade econômica. Em 2025, atingiu cerca de R\$ 8,1 trilhões, aproximadamente 64% do PIB. No entanto, perdeu força: após crescer 4,8% em 2024, avançou apenas 1,3% em 2025. O consumo do governo respondeu por cerca de 19% da economia e cresceu 2,1% em 2025, ligeiramente acima do observado em 2024 (1,9%). Já os investimentos, que correspondem a aproximadamente 16% do PIB, cresceram 2,9% em 2025, após expansão de 7,3% em 2024. Em termos comparativos, economias emergentes que crescem de forma mais acelerada costumam apresentar taxas de investimento superiores a 25% do PIB.

Esse cenário reflete, em parte, a conjuntura macroeconômica marcada por uma política monetária restritiva. Ao mesmo tempo, evidenciam limitações estruturais do modelo de crescimento brasileiro, como o baixo nível de investimento, a elevada dependência do consumo das famílias, o ritmo moderado de expansão industrial e a limitada contribuição líquida do setor externo, já que exportações e importações apresentaram magnitudes próximas.

As perspectivas para 2026 permanecem moderadas, com projeções de crescimento abaixo de 2%, mesmo considerando a expectativa de redução da taxa de juros para patamares próximos de 12%. Ainda assim, o ambiente econômico segue cercado por outros desafios relevantes, como o avanço da inadimplência, que atingiu novos recordes no país, prejudicando o consumo, além das incertezas fiscais que permanecem em evidência diante do desequilíbrio das contas públicas.

MERCADO CRIATIVO

Cultura brasileira gera R\$ 387,9 bi

Valor equivale a cerca de 3% do PIB; setor emprega 5,9 milhões de pessoas e reúne 644,1 mil organizações

Agência Gov

A cultura brasileira emprega, hoje, cerca de 5,9 milhões de pessoas e contribui com R\$ 387,9 bilhões em valor adicionado à economia, o equivalente a algo próximo de 3% do Produto Interno Bruto (PIB). Os dados foram apresentados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), recentemente, durante a quinta edição dos Diálogos SNIIC. O encontro marcou, em 2026, a retomada do ciclo de debates promovido pelo Ministério da Cultura (MinC).

A atividade apresentou resultados do Sistema de Informações e Indicadores Culturais (SIIC) 2013-2024, produzido pelo IBGE, reunindo evidências sobre emprego, empresas, renda, acesso e consumo cultural. A apresentação foi conduzida pelo pesquisador Leonardo Athias, coordenador do SIIC. O debate contou, ainda, com comentários da secretária de Economia Criativa do MinC, Cláudia Leitão; do diretor de Políticas para Trabalhadores da Cultura e da Economia Criativa, Deryk Vieira Santana; da coordenadora-geral de Avaliação de Políticas Públicas (SGE/MinC), Giuliana Kauark; e da chefe do Serviço de Sustentabilidade Econômica do Patrimônio (Iphan), Martina Ahlert.

Na abertura, a subsecretária de Gestão Estratégica do MinC, Leticia Schwarz, destacou que a proposta do ciclo é aproximar pesquisa e gestão, transformando informação em decisões mais qualificadas. "O objetivo é reunir um conjunto de dados que suscite o debate. Nosso principal objetivo é dialogar para entender como essas informações podem aprimorar nossas políticas, nossa atuação cotidiana e a qualidade das entregas. Queremos saber de que forma esses dados iluminam possíveis ajustes no rumo das políticas públicas", afirmou.

Empresas formais

No primeiro bloco, Leonardo Athias apresentou o retrato do setor formal a partir do Cadastro Central de Empresas (Cempre/IBGE). Em 2022, o Brasil contabilizava 644,1 mil organizações culturais formalmente constituídas, que empregavam 2,6 milhões de pessoas, das quais 1,7 milhão eram assalariadas. A massa salarial do setor alcançou R\$ 102,8 bilhões, com remuneração média mensal de R\$ 4.658, valor superior à média nacional.

Segundo o pesquisador, o recorte adotado pelo SIIC não se limita às artes em sentido estrito. "Se o SIIC fosse

criado hoje, provavelmente já nasceria incorporando explicitamente o conceito de economia criativa. O recorte vai além da visão restrita de cultura e inclui atividades diretas e indiretas, como fabricação de mídias, equipamentos audiovisuais e serviços associados".

Com essa delimitação, a cultura representa 6,8% do total de empresas do país e 4,2% do pessoal ocupado formalmente, evidenciando a capilaridade do setor na economia brasileira.

A apresentação também trouxe dados das pesquisas estruturais do IBGE, que realizam coleta direta junto às empresas e permitem estimar receita e valor adicionado. Em 2023, as atividades culturais somaram R\$ 910,6 bilhões em receita líquida e R\$ 387,9 bilhões em valor adicionado à economia nacional, uma ordem de grandeza próxima de 3% do PIB, em estimativa aproximada.

Leonardo Athias destacou, ainda, mudanças estruturais na composição do setor ao longo da última década. "Há uma mudança estrutural. Ganham espaço atividades ligadas à internet, software e publicidade".

Ao comentar os resultados, a secretária Cláudia Leitão ressaltou que a consolidação do SNIIC exige compromisso institucional e rigor conceitual. "Não é possível formular políticas públicas sem informações confiáveis que sustentem a tomada de decisão. Quanto mais dados, metodologias e indicadores conseguirmos desenvolver, melhor para todos", disse.

Ela também alertou para o

risco de naturalizar a dificuldade de mensuração da cultura. "Há uma percepção recorrente de que o campo cultural é difícil de mensurar. Esse argumento se repete há décadas e pode virar conformismo. Não podemos nos conformar com isso", enfatizou.

Trabalho e informalidade

No segundo bloco, os dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (Pnad Contínua) mostraram estabilidade na participação do setor cultural no mercado de trabalho ao longo da série histórica. Em 2024, a cultura reunia cerca de 5,9 milhões de pessoas ocupadas, o equivalente a 5,8% do total de trabalhadores do país. O ponto mais baixo ocorreu em 2021, durante a pandemia, quando a participação recuou para 5,5%, com recuperação nos anos seguintes.

Leonardo Athias destacou o contraste entre qualificação e informalidade. Em 2024, um total de 30,1% dos ocupados no setor tinham Ensino Superior completo, percentual superior ao observado no conjunto da economia (23,4%). Apesar disso, 44,6% estavam em ocupações informais e 43% trabalhavam por conta própria. "O setor cultural apresenta maior escolaridade e, ainda assim, maior informalidade. Esse é um contraste importante".

As desigualdades regionais também são expressivas. Em 2024, as maiores participações do setor no total de ocupados foram registradas em São Paulo (7,6%), Rio de Janeiro (7%) e Ceará (7%). Na outra ponta, Acre (2,7%), Amapá (2,8%) e Rondônia (2,0%) apre-

sentaram os menores índices. Entre as capitais, destacaram-se Florianópolis (10,7%), São Paulo (10,1%) e Manaus (9,4%).

Nos comentários, Deryk Vieira Santana enfatizou a fragilidade da proteção social no setor. "Dos cerca de 5,8 milhões de trabalhadores do setor, quase dois milhões estão na informalidade, e a maioria desses trabalhado-

res informais é composta por microempreendedores individuais. Isso revela um sistema de proteção social extremamente frágil".

Ele também apontou um padrão recorrente: "Há uma feminização da precariedade. Em geral, ocupações com maior presença feminina apresentam maior informalidade". Segundo o dire-

tor, o desenho das políticas públicas precisa considerar esse cenário. E complementou: "Grande parte dos recursos transferidos e executados acaba fomentando o trabalho informal. A pergunta central é como estruturar políticas públicas que contribuam para a formalização, e não para a ampliação da informalidade", refletiu.

Índice de inflação variou proximadamente 3%

No terceiro bloco, Leonardo Athias apresentou o Índice de Preços da Cultura (IPECult), construído a partir de itens do Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) relacionados ao consumo cultural. De 2020 a 2024, enquanto o índice geral de preços acumulou alta próxima de 6%, o IPECult registrou variação aproximada de 3%. "O índice funciona como uma medida indireta de acesso: variações menores de preço sugerem menor barreira econômica ao consumo cultural", explicou.

A apresentação também trouxe dados sobre acesso digital. Cerca de 90% da população com 10 anos ou mais declarou ter utilizado a internet nos três meses anteriores à pesquisa, tendo o celular como principal dispositivo de conexão. Entre as atividades culturais on-line mais frequentes estão assistir a vídeos (88,5%), ouvir música ou podcasts (83,5%) e ler notícias ou livros digitais (68,8%). Os jogos eletrônicos aparecem com 30,3%, com maior concentração entre os mais jovens.

Como comentarista, Giuliana Kauark destacou a necessidade de leitura cuidadosa do indicador. "Chamou atenção o fato de a variação registrada ser relativamente baixa. Como o grupo com maior peso na cesta é o de serviços de internet e comunicação, é importante investigar em que medida isso influencia o resultado". Ela também sugeriu analisar possíveis mudanças no padrão de consumo após a pandemia.

Patrimônio

No bloco final, o pesquisador abordou dados de turismo associados à cultura e à natureza. Em 2024, foram registradas cerca de 1,7 milhão de viagens motivadas, principalmente, por cultura e gastronomia e aproximadamente 1,5 milhão com foco em natureza, ecoturismo e aventura. "É um campo promissor, mas ainda carece de dados sistemáticos e integrados".

A comentarista Martina Ahlert ressaltou que o patrimônio aparece de forma transversal nas estatísticas. "O patrimônio natural ou histórico-cultural está fortemente associado a parques e sítios arqueológicos. Já o patrimônio imaterial aparece de forma transversal, o que é relevante, mas dificulta a análise específica", disse.

Martina também apresentou uma iniciativa em desenvolvimento para preencher parte dessa lacuna. Segundo ela, o Iphan vem estrutu-

rando, com o Observatório da Economia Criativa da Bahia (Obec), uma pesquisa sobre sustentabilidade econômica do patrimônio. "A pesquisa selecionou 12 bens reconhecidos como patrimônio mundial, materiais e imateriais, e já realizou campo em seis deles, como o Centro Histórico de Salvador, o Bumba-meu-boi do Maranhão e o Círio de Nazaré. O trabalho busca captar não só os detentores diretos, mas todo o ecossistema associado", explicou.

O que é o SIIC

O Sistema de Informações e Indicadores Culturais (SIIC), do IBGE, reúne dados sobre o setor cultural brasileiro a partir de diferentes pesquisas e bases administrativas. Produzido desde o início dos anos 2000 em parceria com o MinC, o sistema organiza informações sobre empresas, trabalho, renda, acesso e consumo cultural, subsidiando políticas públicas e decisões estratégicas.



Ouvir músicas ou podcasts aparece entre as atividades culturais disponíveis nos meios digitais mais acessadas (83,5%), atrás apenas de assistir vídeos (88,5%)

Foto: Carlos Rodrigo



Dados foram apresentados pelo IBGE durante a quinta edição dos Diálogos SNIIC

COOPERATIVA DE ASSISTÊNCIA MÉDICA DOS SERVIDORES DA SUPLAN E DO DER LTDA - COMSEDER, Avenida Maximiano Figueiredo, 311 - Centro CEP 58.013-470 - João Pessoa - PB CNPJ: 70.094.578/0001-30 NIRE 25400001404

EDITAL DE CONVOCAÇÃO ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA

O Presidente da Cooperativa COMSEDER - Cooperativa de Assistência Médica dos Servidores da Suplan e do DER Ltda, com 428 cooperados em pleno gozo de seus direitos sociais, para se reunirem em ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA, a se realizar no dia 20 de março de 2026, na sede da Cooperativa localizada na Avenida Maximiano Figueiredo, 311, Centro, na cidade de João Pessoa/PB, às 08:30 horas, com a presença de 2/3 (dois terços) dos associados, em primeira convocação; ou às 09:30 horas, com a presença de metade mais um dos associados, em segunda convocação; ou às 10:00 horas, com a presença de, no mínimo, 10 (dez) associados, em terceira convocação, para deliberarem sobre a seguinte

ORDEM DO DIA:

- 1º) Prestação de contas dos exercícios sociais de 2025, acompanhada de parecer do Conselho Fiscal;
- 2º) Destinação das sobras apuradas ou rateio das perdas;
- 3º) Análise e votação do valor das mensalidades para o exercício;
- 4º) Eleição dos membros do Conselho Fiscal;
- 5º) Quaisquer assuntos de interesse social e encerramento.

NOTAS:

- 1 - Os cooperados interessados em participar do processo eleitoral para o Conselho Fiscal deverão apresentar suas candidaturas sob a forma de chapa, para o Conselho Fiscal.
- 2 - As chapas deverão ser protocoladas na secretaria da Cooperativa até o dia 17 de março de 2026.

João Pessoa, 06 de março de 2026.

Francisco Fernandes Lisboa
Diretor Presidente.

DIA 8 DE MARÇO

Paraíba amplia a presença feminina na ciência

Dados da Unesco dizem que só 33% dos pesquisadores do mundo são mulheres

Iluska Cavalcante
Ascom Secties



Igualdade salarial, melhores condições de trabalho e políticas públicas contra o machismo e a violência de gênero: essas são algumas das lutas que envolvem a vida das mulheres há anos. Simbolizando essa luta histórica, no dia 8 de março de 1977, a Organização das Nações Unidas (ONU) instituiu o Dia Internacional da Mulher.

Apesar dos avanços ao longo das décadas, muita coisa ainda precisa avançar em todo o país, principalmente nas áreas de ciência, tecnologia, engenharia e matemática (Stem).

Apenas 33% dos pesquisadores no mundo são mulheres, segundo dados da Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (Unesco). Entre profissionais das ciências e intelectuais, as mulheres recebem, em média, 36,7% a menos que os homens, no Brasil, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Pensando nisso, nos últimos anos, o Governo da Paraíba, por meio da Secretaria da Ciência, Tecnologia, Inovação e Ensino Superior do Estado da Paraíba (Secties) e da Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado da Paraíba (Fapesq), tem atuado em parceria com instituições de pesquisa, universidades e organismos internacionais para incentivar a participação de mulheres em campos tradicionalmente marcados por desigualdades de gênero, especialmente nas áreas de Stem. A estratégia busca ampliar o acesso à formação científica e criar condições para que pesquisadoras possam desenvolver projetos de impacto acadêmico e social.

Para o secretário da Secties, Claudio Furtado, políticas públicas voltadas ao fortalecimento da presença feminina na ciência são fundamentais para o desenvolvimento do estado. "Promover a participação das mulheres na ciência é ampliar a inteligência coletiva da sociedade. Quando mais mulheres têm acesso à

pesquisa, à inovação e à formação científica de alto nível, toda a sociedade se beneficia. A Paraíba tem investido em programas que estimulam esse protagonismo porque acreditamos que ciência também é um instrumento de inclusão e transformação social", destaca o secretário.

Ações mais estratégicas voltadas às mulheres estão sendo desenvolvidas, a exemplo da parceria entre a Fapesq e o programa Women in Stem 2026, realizado pelo British Council. O programa tem como objetivo ampliar as oportunidades para mulheres nas áreas de ciência, tecnologia, engenharia e matemática, fortalecer a liderança feminina em ciência e inovação e promover um setor científico mais diverso e representativo.

Em 2026, o novo edital lançado em parceria com o Governo da Paraíba está ofertando cinco bolsas integrais de mestrado para mulheres brasileiras que residam e/ou atuem na Paraíba, para formação em uma das universidades mais reconhecidas do Reino Unido, a Aston University.

As bolsas garantem apoio financeiro completo, permitindo que as selecionadas realizem seus estudos no exterior com cobertura integral dos principais custos acadêmicos e de permanência.

Além do suporte financeiro, as bolsistas passam a integrar redes acadêmicas internacionais e têm acesso a oportunidades de desenvolvimento profissional que fortalecem suas trajetórias nas áreas de Stem.

Podem se candidatar mulheres brasileiras que residam no Brasil e que tenham vínculo acadêmico ou profissional com o estado da Paraíba, possuam experiência ou interesse comprovado na área de estudo e atendam aos requisitos acadêmicos e de idioma exigidos pela universidade. As inscrições estão abertas até 12 de abril de 2026.

Ações afirmativas

Como parte das ações voltadas ao fortalecimento da presença feminina na ciência, a Secties também realizará, no próximo dia 18 de março, a segunda edição do Elas na Ciência, iniciativa desenvolvida em parceria com a Universidade Federal da Paraíba (UFPB).

O encontro acontecerá na UFPB, em João Pessoa, e reunirá pesquisadoras paraibanas de destaque, estudantes dos campi da Região Metropolitana do Instituto Federal da Paraíba, alunas da UFPB, docentes e representantes da sociedade civil.

O objetivo é promover um espaço de escuta, troca de experiências, formação e fortalecimento das políticas de incentivo à participação feminina nas áreas científicas, tecnológicas e de inovação, conectando pesquisadoras e estudantes em um ambiente colaborativo e inspirador.

Os números evidenciam a persistência de barreiras estruturais e culturais que dificultam o acesso e a permanência de mulheres e meninas em campos historicamente domi-

nados por homens. Embora apresentem desempenho semelhante ao dos meninos em ciências e matemática, muitas jovens ainda não são incentivadas a seguir carreiras em Stem.

Iniciativas ao longo dos anos

Entre as iniciativas voltadas ao fortalecimento da participação feminina na ciência está, o edital Visível – Mulheres na Ciência, lançado pelo Governo da Paraíba em 2025 para incentivar a produção científica liderada por pesquisadoras do estado. A chamada pública destinou R\$ 500 mil em investimentos, com apoio a projetos coordenados por mulheres vinculadas a instituições de Ensino Superior e centros de pesquisa da Paraíba. O edital também incorporou um mecanismo de incentivo à equidade de gênero ao estabelecer reserva mínima de vagas para projetos liderados por mulheres.

Outra iniciativa do Governo da Paraíba que também contribui para ampliar a presença feminina nas áreas tecnológicas é o projeto Limite do Visível, desenvolvido pela Secties em parceria com a Fapesq e a Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). O programa oferece formação superior tecnológica gratuita para jovens egressos da rede pública estadual, nas áreas de Ciência de Dados e Análise e Desenvolvimento de Sistemas, com bolsas de permanência para os estudantes. O diferencial da iniciativa é a adoção de ações afirmativas, incluindo a divisão equilibrada de vagas por gênero, com 50% das vagas destinadas para a participação feminina no projeto.

Realidade

Números evidenciam a persistência de barreiras estruturais e culturais que dificultam o acesso e a permanência de mulheres e meninas em campos historicamente dominados por homens

Poeira Estelar

Claudio Furtado
claudiofurtado@secties.pb.gov.br

O desafio de permanecer na universidade

Quando pensamos em ciência, tecnologia e inovação, é comum imaginar grandes descobertas sobre o universo ou pesquisas complexas realizadas com equipamentos de alta tecnologia. Mas é importante lembrar que esse desenvolvimento começa muito antes, ainda na sala de aula, com algo aparentemente simples: garantir que os estudantes consigam permanecer nela.

Essa é uma realidade que conheço de perto. Saí de Sousa ainda muito jovem, entre os 13 e 14 anos, para estudar em Recife. Foi ali que tive minhas primeiras experiências vivendo longe da família e da cidade onde cresci. Essa mudança, ainda no Ensino Médio, me mostrou cedo as dificuldades que um estudante enfrenta quando precisa deixar sua cidade natal para buscar oportunidades de estudo. Eu sei que essa realidade pode ser ainda mais difícil para muitos jovens que, além da distância, precisam de apoio financeiro para conseguir se manter estudando.

Para milhares de jovens, especialmente aqueles vindos de famílias de baixa renda, chegar ao Ensino Superior representa uma conquista histórica. Muitos são os primeiros de suas famílias a alcançar esse feito. Mas, junto com essa conquista, surgem também desafios importantes: custos com moradia, alimentação, transporte e materiais acadêmicos.

Na Paraíba, temos buscado enfrentar esse cenário com políticas que reduzam a evasão estudantil. Cerca de 37,6% dos estudantes de Ensino Superior da Paraíba desistiram antes de concluir o curso (Dados do Inep). Nosso papel é democratizar o acesso ao Ensino Superior, garantindo as condições necessárias para que os estudantes consigam permanecer na universidade e concluir sua formação.

Um exemplo disso é o Programa Casa do Estudante — Bolsa Permanência, que amplia o suporte para estudantes em situação de vulnerabilidade socioeconômica matriculados em instituições públicas de Ensino Superior.

Esse programa nasceu da necessidade de ampliar e melhorar o modelo tradicional da antiga Casa do Estudante da Paraíba, instalada na Rua da Areia, no Centro de João Pessoa. A casa oferecia moradia e alimentação para estudantes vindos do interior que precisavam viver na capital para estudar. Ao longo de muitos anos, foi um espaço importante de acolhimento, mas atendia um número limitado de jovens e, por muito tempo, era restrita apenas a estudantes homens.

Hoje, em vez de depender apenas de uma estrutura física, estudantes em situação de vulnerabilidade socioeconômica podem receber apoio financeiro para custear despesas essenciais da vida universitária, como moradia, alimentação e transporte.

Ampliando ainda mais a discussão dessa problemática, também é necessário falar da importância de olharmos para a diversidade. Entendendo isso, nasceu o Programa de Ações Afirmativas de Apoio à Permanência e Conclusão do Ensino Superior. Ele partiu de uma necessidade de garantir a permanência a grupos historicamente sub-representados na educação superior, como estudantes negros, indígenas, quilombolas, pessoas com deficiência e pessoas trans. Esse programa representa um compromisso com a diversidade e com a construção de uma universidade que reflita melhor a sociedade brasileira.

Quando investimos na permanência estudantil, estamos fazendo algo muito maior do que financiar bolsas. Estamos garantindo que talentos não sejam perdidos no meio do caminho.

Em última análise, é disso que se trata o desenvolvimento científico de um território: criar condições para que as pessoas possam aprender, pesquisar, inovar e contribuir para a sociedade.

Às vezes, a grande descoberta ainda está em formação, em um estudante que enfrenta dificuldades para continuar seus estudos, mas que carrega talento, curiosidade e vontade de transformar o mundo.

Investir na permanência estudantil é garantir que esses talentos não se percam no caminho. Porque cada estudante que permanece na universidade representa mais conhecimento, mais oportunidades e mais futuro para o nosso estado e para o país.

Claudio Furtado, secretário de Estado da Ciência, Tecnologia, Inovação e Ensino Superior da Paraíba é professor e doutor em Física da UFPB.

Colunista colaborador



Parcerias da Secties e Fapesq com instituições de pesquisa estão ampliando o quadro feminino

Fotos: Divulgação/Secties



Segunda edição do Elas na Ciência está prevista para o dia 18 de março, na UFPB

PRESENÇA VITAL

Anuros oferecem benefícios para o meio-ambiente

Brasil é considerado o país com a maior biodiversidade desse tipo de anfíbios do mundo

Nalim Tavares
nalimtavaresrdo@gmail.com

No imaginário popular, ser um sapo é uma punição — as bruxas dos contos de fadas escolhem para transformar príncipes e princesas nessas criaturas, que, supostamente, são difíceis de amar. A realidade, no entanto, é bastante diferente: anfíbios desempenham um papel fundamental na natureza e são aliados importantes para a sobrevivência — e até para o bem-estar — do ser humano. Apesar disso, os benefícios que essas espécies trazem para o planeta estão em risco: sensíveis a mudanças ambientais e cercados por preconceitos, os anfíbios representam os vertebrados mais ameaçados do mundo.

Sapos, rãs e pererecas fazem parte da ordem Anura, o maior grupo de anfíbios do planeta, que começam a vida na água, em fase larvária, e migram para o ambiente terrestre quando crescem e perdem a cauda. Atualmente, o Brasil é considerado o país com a maior biodiversidade de anuros do mundo — uma liderança que exige responsabilidade, visto que centenas de espécies são endêmicas. De acordo com a última lista oficial, publicada em 2021 pela Sociedade Brasileira de Herpetologia (SBH), 1.144 espécies, incluindo as exóticas e invasoras, vivem no país. Destas, 59 podem ser encontradas na Paraíba.

Para a bióloga Beatriz Moura, sapos, rãs e pererecas são vitais para o equilíbrio dos ecossistemas. “Os anuros atuam simultaneamente como presas e como predadores de uma grande variedade de animais. Essa característica os torna fundamentais no controle

de populações de insetos, ajudando a controlar pragas e vetores de doenças”, explica. Mosquitos como o *Aedes aegypti*, um dos principais transmissores de arboviroses como dengue, zika e chikungunya, integram o cardápio dos anuros, por exemplo.

Além do controle de pragas — que favorece não só a saúde humana, como também a manutenção natural de lavouras —, os anuros possuem outra função ambiental: a presença deles funciona como bioindicadores. Em decorrência da respiração cutânea, que exige uma pele fina, úmida e permeável, e da sua reprodução que, em sua maioria, depende da água, os anuros absorvem muito facilmente quaisquer substâncias que estejam presentes no ambiente. O problema é que não existe filtro: se houver substância nociva na água ou no solo, como agrotóxicos, metais pesados e outros poluentes, sapos, rãs e pererecas vão absorvê-las. “Esses elementos podem adoecê-los ou levá-los à morte. Dessa forma, o desaparecimento ou a redução dessas populações serve como um alerta de que a qualidade daquela região está comprometida”, Beatriz esclarece.

Esses anfíbios também contribuem para o desenvolvimento científico e têm se mostrado muito importantes para a medicina. “A pele dos anuros pode conter compostos químicos complexos que servem de modelo para pesquisas científicas, possibilitando o desenvolvimento de novos medicamentos”, afirma Beatriz. Segundo ela, a preservação dessas espécies anfíbias garante não apenas a saúde dos ambientes, como também o avanço de tratamentos para a saúde humana, a partir da produção de antibióticos, pomadas, analgésicos e remédios contra alguns tipos de doenças.

Ainda, pesquisas apontam que certas substâncias extraídas da pele e das glândulas de alguns anfíbios possuem potencial terapêutico e poderiam ser utilizadas para tratar transtornos psiquiátricos como depressão e ansiedade, conforme exposto pela bióloga e técnica

administrativa da Coleção Herpetológica da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Taís Borges. “Costumam dizer que os anfíbios são o boticário da natureza. Eles produzem muitos compostos, diversas substâncias que a gente pode estudar e, a longo prazo, depois de muita pesquisa, sintetizar e utilizar em diferentes produtos”.

A herpetologia é o ramo da zoologia que se dedica ao estudo de anfíbios e répteis. Criada em 1977, a Coleção Herpetológica da UFPB, atualmente, conta com um acervo de cerca de 30 mil exemplares e amostras de mais de cinco mil tecidos coletados desses animais. Do laboratório, deriva-se um projeto de extensão coordenado por Taís, que procura conectar os saberes da universidade à sociedade. Denominado “A Coleção Herpetológica da UFPB divulgando a ciência: conhecendo e preservando os répteis e os anfíbios”, o projeto — que pode ser acompanhado no Instagram, pelo perfil @chufpb — realiza atividades de educação ambiental e luta para desmistificar os preconceitos e mitos que envolvem os répteis e os anfíbios.

“Eu digo que esses animais não fazem parte da ‘fofafauna’”. Muito pelo contrário”, brinca Taís. “Por isso, a gente acaba acreditando em muitos mitos envolvendo os anfíbios. Dizem que são bichos sujos, mas é o contrário. Estamos falando de organismos muito sensíveis, que têm a pele extremamente delicada e que fazem respiração cutânea. Essa sensibilidade, na verdade, fez com que anfíbios desenvolvessem mecanismos para manter a pele limpa”, divulga.

A bióloga Beatriz Moura acrescenta que, ao contrário do que o senso comum prega, sapos, rãs e pererecas não são vetores de enfermidades. “Os principais mitos que cercam esses animais costumam envolver crenças de que eles lançam veneno nos olhos, que sua urina pode causar cegueira ou que o contato com a pele deles causa verrugas, o que é biologicamente impossível”, ela lista. “Na realidade, o veneno dos anuros é uma estratégia de defesa contra predadores e microorganismos, e ele só entra em ação se o animal for abocanhado, ou se alguém apertar suas glândulas [estrutura onde o veneno é produzido e armazenado] e levar a mão à mucosas [olhos, boca etc.]”, discorre.

Para combater a desinformação, o medo injustificado e a violência sofrida por esses animais, Beatriz idealizou o Reino dos Sapos, um projeto independente que funciona



Foto: Gabriel Celestino/Arquivo pessoal

A Coleção Herpetológica da UFPB conta, atualmente, com um acervo de aproximadamente 30 mil exemplares e amostras de mais de cinco mil tecidos coletados desses animais



Foto: Arquivo pessoal

com o braço de divulgação científica da sua pesquisa de mestrado. Hoje, o projeto conta com uma equipe de 20 pessoas, que inclui professores, técnicos e alunos de graduação e pós-graduação. “Compartilhamos nossas ações e informações sobre o universo dos anuros no perfil @reinodosaapos no Instagram, onde buscamos aproximar o encantador mundo dos anuros das pessoas”, conta Beatriz.

Desde meados do século passado, as populações de anfíbios têm enfrentado reduções significativas, conforme pesquisa divulgada pelo Instituto Nacional da Mata Atlântica (Inma). De acordo com a instituição científica, nos últimos 40 anos, mais de 120 espécies desapareceram do nosso planeta.

Segundo Beatriz, o Brasil abriga 196 espécies ameaçadas de extinção e, no estado da Paraíba, duas delas se destacam, oficialmente classificadas como vulneráveis: a rã-alagoana e o sapo-de-língua-coração-de-Alhandra. Ambas as espécies são endê-

micas do país e têm sua sobrevivência dificultada, majoritariamente, pela perda de habitat. “O sapo-de-língua-coração-de-Alhandra enfrenta um desafio específico, que é a coleta ilegal de bromélias”, revela a pesquisadora. “Como sua reprodução é obrigatoriamente associada a essas plantas, a retirada das bromélias do ambiente natural destrói seus locais de reprodução e coloca a continuidade da espécie em risco”.

Somado à perda de ambiente adequado para sua vida e desenvolvimento, essas e outras espécies de anuros também precisam lidar com as mudanças climáticas e a disseminação de doenças. “Por serem animais ectotérmicos, a temperatura corporal dos anuros depende do ambiente externo. Como possuem uma alta dependência de umidade, o aumento das temperaturas e a alteração nos regimes de chuva podem causar desidratação e interferir nos seus ciclos reprodutivos”, diz Beatriz. “A disseminação de doenças também

tem dizimado populações em escala global. O destaque é a quitridiomiose, uma doença causada por um fungo que ataca a pele desses animais. Como a pele é um órgão vital para os anuros, a infecção interfere em suas funções básicas e pode levar à morte por parada cardíaca”, ela adverte. Entretanto, considera importante ressaltar que os sapos não transmitem doenças para os seres humanos e que não há motivo para sermos adversos a eles.

Para Taís Borges, a compreensão de que todo ser vivo desempenha um papel fundamental na manutenção dos ecossistemas, mesmo quando não trazem benefícios diretos para a espécie humana, é essencial para o equilíbrio da vida. Ela lembra que, em meio à pandemia de Covid-19, uma série de espécies voltou a frequentar lugares que estavam evitando em decorrência da interferência do homem, o que trouxe à tona, novamente, o conceito de saúde única — uma abordagem integrada, popular nos anos 2000, que reconhece a interdependência entre a saúde humana, animal e ambiental.

“Eu acredito que, para alcançarmos o que prega esse conceito, precisamos ajudar a criar, nas pessoas, um sentimento de pertencimento, e fazer com que reconheçam e se interessem pela nossa fauna e nossa flora”, pondera. Segundo ela, essa seria a importância de ações de educação ambiental: aproximar os seres humanos das demais formas de vida que existem no planeta.

Como possuem alta dependência de umidade, o aumento das temperaturas e a alteração nos regimes de chuva interferem nos seus ciclos reprodutivos



Foto: Arquivo pessoal

Beatriz Moura explica por que o medo de sapos é injustificado

Foto: Fagner Dellim/Arquivo pessoal

Ao contrário do que prega o senso comum, sapos, rãs e pererecas não são vetores de enfermidades

JUCILENE SALES

Mulher resiliente no atletismo

Jucilene Sales foi obrigada a deixar a Paraíba para brilhar no atletismo nacional e internacional



Paraibana superou diversos obstáculos para se consolidar no lançamento de dardo



MÊS DAS MULHERES

Pedro Alves
pedroalvesjp@yahoo.com.br

A distância é uma grandeza escalar que esteve sempre presente na vida da paraibana Jucilene Sales de Lima, atleta do lançamento de dardo. A distância, quando maior nas provas que disputa, é sempre uma realidade comemorada, na busca de uma medalha, de um grande resultado, de uma glória. Mas não é apenas com alegria que a atleta lida ou lidou com esse comprimento entre dois pontos, entre cidades, entre afetos e oportunidades. A distância dos seus familiares, quando teve que morar longe de casa para buscar chances melhores no esporte, já que na Paraíba

elas sempre estiveram ou pareceram fora do horizonte, também fizeram desse conceito, que perpassa pela física, geometria e existência, uma realidade de dificuldades. Que Jucilene tratou logo de ressignificar em suor, esforço e conquistas. Aos 35 anos, a paraibana de Taperoá é uma das principais atletas brasileiras do planeta no lançamento de dardo, tendo sido a primeira brasileira a participar de uma final do Mundial de Atletismo na sua modalidade, em 2023, conquistado uma medalha de bronze dos Jogos Pan-Americanos de 2015 e disputado duas Olimpíadas. Ela conversou com o jornal **A União** sobre sua trajetória, sonhos que ainda tem e as diversas relações que estabeleceu com a distância, que é para ela sempre um paradoxo entre a chance de um grande resultado em sua modalidade e uma realidade de vida marcada por obstáculos.

■ **Quem é esta mulher paraibana Jucilene Sales de Lima?**

Sou Jucilene Sales de Lima, atleta olímpica do lançamento de dardo, nordestina e apaixonada pelo meu esporte. Venho de uma realidade simples e construí minha carreira com muito esforço e fé. Já tive a honra de representar o Brasil em duas Olimpíadas: os Jogos Olímpicos de Tóquio 2020 e os Jogos Olímpicos de Paris 2024. E conquistei, ao longo da minha carreira títulos nacionais e internacionais na minha modalidade.

■ **Como você iniciou na sua carreira esportiva? Ser mulher no esporte é ou foi um fator complicador para você conseguir espaço no cenário paraibano e brasileiro?**

Comecei no esporte ainda jovem, com 11 anos, por conta da minha família. Minha irmã Jailma Sales de

Lima foi atleta profissional, e com ela eu tive acesso ao atletismo. Como não tinha ninguém pra ficar comigo em casa, porque todo mundo na época trabalhava, eu ia com as minhas irmãs para a pista de atletismo. Foi por conta disso que comecei na escolinha e em seguida passei a treinar mais sério. O atletismo apareceu para mim como uma oportunidade de mudança de vida e também como uma descoberta de talento. Comecei treinando com os professores Luiz Alcides e Vera Lúcia, depois Pedro Almeida, todos em João Pessoa. No início não foi fácil. Ser mulher no esporte, especialmente em modalidades como o lançamento de dardo, sempre exigiu provar o dobro da capacidade. Faltavam incentivos, estrutura e até reconhecimento. No cenário nordestino e brasileiro,

muitas vezes o apoio ao esporte feminino ainda é menor quando comparado ao masculino, e isso faz com que a caminhada seja mais difícil. Mas essas barreiras também me fortaleceram e me fizeram persistir.

■ **Como você enxerga o ambiente do atletismo para as atletas mulheres?**

O atletismo feminino evoluiu muito, mas ainda há desafios. A mulher no esporte precisa lidar com cobranças estéticas, falta de patrocínio, menos visibilidade e, em alguns casos, preconceitos. Mesmo assim, vejo uma mudança acontecendo. Hoje temos mais mulheres ocupando espaços, se posicionando e mostrando que somos fortes, técnicas e competitivas. Ainda há um caminho a percorrer para igualdade de oportunidades e reconhecimento, mas acredito que

cada atleta que se mantém firme ajuda a abrir portas para as próximas gerações.

■ **Tem alguma coisa ou situação que mudaria na sua trajetória, pensando hoje, com mais experiência?**

Toda trajetória traz aprendizados. Se pudesse mudar algo, talvez buscaria mais apoio e orientação desde o início, tanto no aspecto psicológico quanto no estratégico da carreira. No começo, a gente aprende muito sozinha, errando e acertando. Mas acredito que tudo o que vivi me trouxe até aqui e moldou a atleta e a mulher que me tornei.

■ **Ser uma mulher nordestina no esporte dificultou de alguma forma para você alcançar mais oportunidades na carreira?**

Acredito que a primeira dificuldade que eu tive foi sair da casa dos meus pais

muito nova para morar em São Paulo, distante da família. Saí com 13 anos para poder treinar profissionalmente em São Paulo. Na época eu recebi uma proposta, e, em João Pessoa, eu não tinha apoio financeiro semelhante. Tive que optar por ir. Ser mulher e nordestina no esporte de alto rendimento muitas vezes significa ter menos acesso a recursos, estrutura e visibilidade. Muitas oportunidades se concentram em grandes centros urbanos. Mas também carrego muito orgulho das minhas raízes. Ser nordestina me deu força, resistência e identidade. Transformei as dificuldades em motivação para mostrar que talento e determinação não dependem de região, mas, sim, de oportunidade e trabalho.

■ **Como você enxerga as dificuldades encontradas pelas mulheres na sociedade atual,**

e o que você ainda espera alcançar na carreira e na sua vida pessoal?

As mulheres ainda enfrentam desigualdade salarial, falta de reconhecimento e desafios para ocupar espaços de liderança, inclusive no esporte. Mas vejo uma geração cada vez mais consciente e determinada a mudar isso. Acredito que precisamos continuar lutando por respeito, igualdade e valorização. Na minha carreira, ainda quero evoluir como atleta, conquistar grandes resultados e continuar representando o Brasil com orgulho. Desejo ser finalista olímpica e conquistar a tão sonhada medalha. No âmbito pessoal, desejo ser inspiração para outras meninas, principalmente as que vêm de realidades simples, mostrando que é possível sonhar grande e chegar longe. Quero deixar um legado bem bacana.

Principais conquistas e destaques

■ **Campeonato Sul-Americano de Atletismo (2025):** medalha de ouro com recorde da competição (62,32 m) e 10ª melhor marca mundial do ano.

■ **Campeonato Mundial de Atletismo (2023):** primeira brasileira a chegar à final do lançamento de dardo, terminando em 8º lugar.

■ **Recorde Brasileiro:** detentora da marca de 62,89 m, estabelecida em 2014.

■ **Jogos Pan-Americanos:** medalha de bronze, em Toronto 2015.

■ **Troféu Brasil de Atletismo:** múltiplas vezes campeã da competição.

■ **Jogos Olímpicos:** representante do Brasil nos Jogos de Verão de 2020 (Tóquio).

■ **Jucilene consolidou sua posição** entre as melhores lançadoras da América do Sul e do mundo, com frequentes marcas acima dos 60 m.

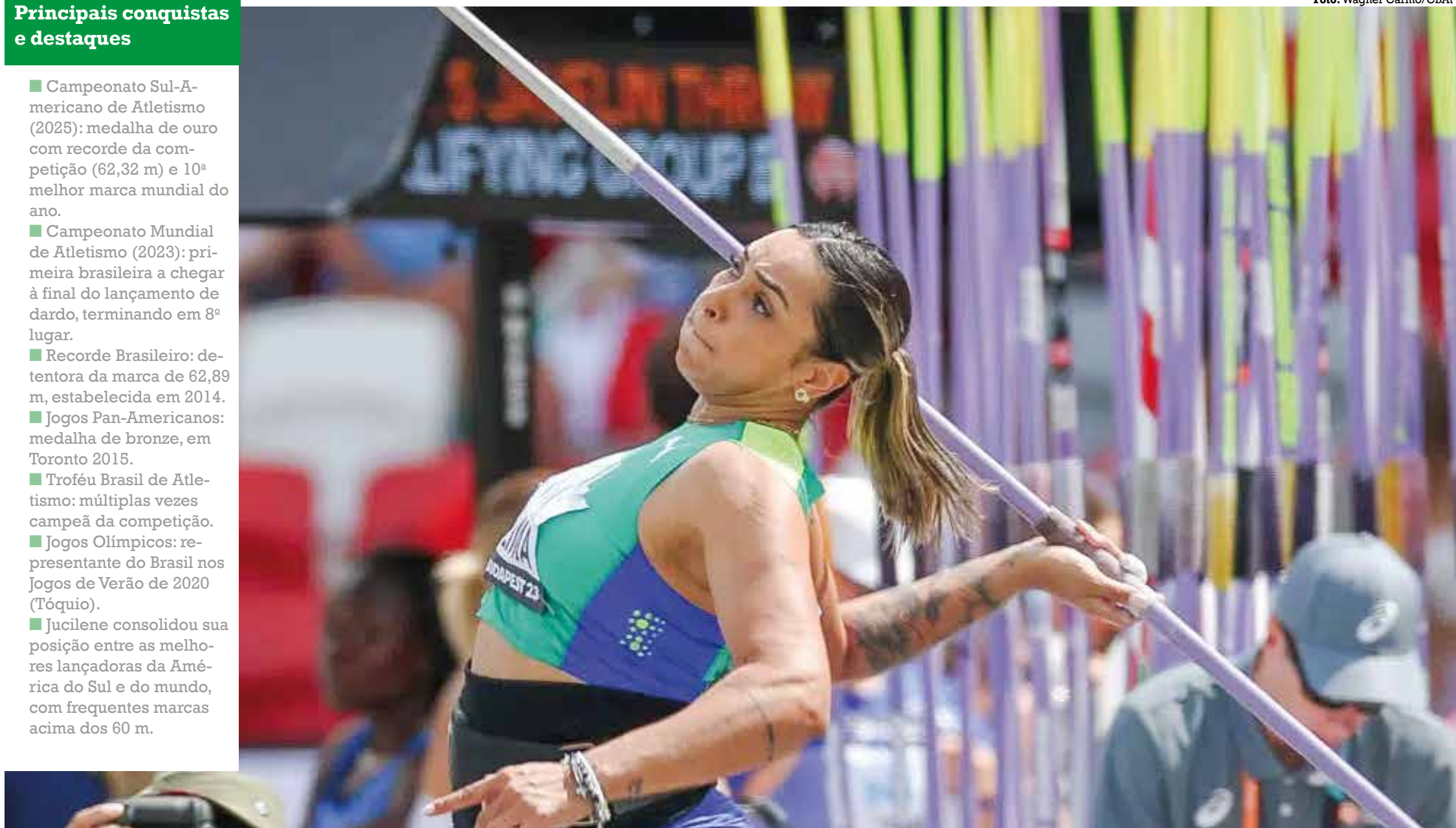


Foto: Wagner Carmo/CBAAt

SELEÇÃO BRASILEIRA

Ancelotti tem várias opções no ataque

Técnico testou diversos jogadores ao longo das convocações, mas ainda pairam dúvidas diante da concorrência

Na montagem de qualquer Seleção Brasileira para uma Copa do Mundo da Federação Internacional de Futebol Associado (Fifa), o ataque é aquele setor que, naturalmente, suscita mais debates. Agora é a vez de Carlo Ancelotti enfrentar essa saudável dor de cabeça para o torneio que se aproxima.

Em suas primeiras quatro convocações, o treinador italiano já esboçou um núcleo ofensivo, é verdade. Ele tem priorizado um 4-2-4, no qual Vinicius Júnior, Estêvão e Matheus Cunha parecem estar à frente da concorrência. Mas e a quarta vaga? É aí que vem a encenra.

Rodrygo, que tinha ganhado mais minutos até aqui na composição do quarteto, machucou-se e está fora da Copa, mas precisamos lembrar que, nesse período, Raphinha ficou afastado por longo tempo da equipe, devido a uma complicada lesão muscular.

Mesmo assim, o desenho ofensivo está longe de ser engessado. O elenco oferece muitas alternativas que permitem transformar o esquema em um 4-2-3-1 mais apoiado ou até em um 4-3-3 clássico, a depender do adversário e do encaixe dos talentos individuais.

Diante de tantas possibilidades táticas e de nomes cogitados, o ex-jogador e agora comentarista Tostão, um dos integrantes do quarteto ofensivo que entrou para a história em 1970, deu a sua opinião. "Nas milhões de discussões sobre os possíveis centroavantes que estarão na Copa — a cada semana aparece um novo nome —, nunca citam Vinicius Júnior, que tem sido o titular da posição, atualizando centralizado e mais adiantado, diferentemente do que ocorre no Real Madrid", escreveu o craque em sua coluna para o jornal *Folha de S.Paulo*.

"No mesmo raciocínio, Matheus Cunha, que era um centroavante, atua no time brasi-

leiro e no Manchester United na função de meia centralizado e avançado. Com a volta de Raphinha, ele poderá jogar no lugar de Matheus Cunha ou pelas pontas, na posição de Estêvão", avaliou.

"Outra opção é escalar Vinicius pela esquerda, Raphinha no centro ou pela direita e um centroavante. Hoje o mais cotado é João Pedro, que é hábil, inventivo, se movimentado pelo campo e participa do jogo coletivo".

Nesse debate, há duas únicas certezas. A primeira: o potencial é imenso. A segunda é que, para manter um sistema mais ofensivo, Ancelotti espera entrega total de seus atacantes. Esse é o ponto sobre o qual tem sido mais enfático.

Depois da goleada por 5 a 0 sobre a República da Coreia, em outubro, o técnico destacou a importância do comportamento coletivo para liberar o brilho dos atacantes. "Quando o time tem comprometimen-

desempenho recente dos atletas quando vai elaborar suas convocações. Até agora, nas quatro listas que divulgou, ele chamou 13 atacantes no total.

Estêvão

Caçula da equipe, Estêvão tem grandes chances de iniciar sua jornada pela Copa do Mundo como titular da Seleção, tendo marcado quatro gols nos últimos quatro jogos da equipe. O jovem craque já conquistou a torcida do Chelsea em sua primeira temporada europeia. Matheus Cunha vem sendo um dos destaques em meio à reação do Manchester United na Premier League. Na Seleção, tem jogado mais numa função de apoio, com um papel importante de conexão. Richarlison é o mais experiente da turma, com um histórico de gols em jogos decisivos.

Vinicius

Vinicius só não apareceu no grupo acima por ter sido poupado por Ancelotti nas rodadas finais das eliminatórias sul-americanas — ele tinha de cumprir um jogo de suspensão, então o técnico preferiu dar ao craque alguns dias de descanso. Suas atuações exuberantes pelo Real nas últimas semanas devem encher seu velho mentor de esperança.

Martinelli foi decisivo pelo Arsenal em vários jogos pela Liga dos Campeões da União das Associações Europeias de Futebol (Uefa) e pela Premier League. Sua velocidade e capacidade de finalização entrando pela diagonal o mantiveram como opção frequente para a Seleção. Luiz Henrique deixou ótima impressão no treinador quando foi acionado na reta final das eliminatórias e seria uma opção de desequilíbrio no um contra um pelas pontas.

Raphinha

A ausência de Raphinha das últimas listas, enquanto se recuperava de uma lesão,

talvez suscite a grande questão em termos de encaixe do ataque da Seleção, levando em conta todo seu repertório e o protagonismo pelo Barcelona nos últimos anos.

Rodrygo ficou fora das duas primeiras convocações, mas ganhou espaço com seu antigo treinador e teve sua versatilidade elogiada. Porém, está fora da disputa por uma vaga. Uma lesão no ligamento cruzado anterior do joelho direito em jogo do Real Madrid, contra o Getafe, o deixa fora do Mundial.

Entre os centroavantes tradicionais, João Pedro ganhou protagonismo depois de fazer um grande Mundial de Clubes da Fifa e desponta hoje como a primeira opção, vivendo excelente fase no Chelsea.

Antony

Ídolo no Betis, Antony foi chamado por Ancelotti na primeira lista, mas não voltou a ser chamado nas listas seguintes. E aí chegamos a três centroavantes que foram testados.

Grande artilheiro do futebol brasileiro nas últimas duas temporadas, Kaio Jorge fez sua estreia pela Seleção principal na segunda convocação, mas foi cortado por lesão e não voltou a ser chamado. Igor Jesus foi chamado para os amistosos contra Coreia e Japão em outubro e vem causando boa impressão em sua primeira temporada de Premier League com o Nottingham Forest. Na lista para os testes contra Senegal e Tunísia, Vitor Roque recuperou seu futebol pelo Palmeiras.

À espera

Duas figuras em pontos completamente diferentes de suas carreiras dominam o noticiário brasileiro nas últimas semanas: Endrick e Neymar,



Ancelotti em ação durante jogo da Seleção Brasileira

que vivem a expectativa de serem convocados por Ancelotti pela primeira vez. Empréstado ao Lyon, o jovem atacante não perdeu tempo em relembrar o público internacional de todo o seu potencial, com

atuações explosivas pela Ligue 1. Já o veterano se recuperou de uma cirurgia no joelho esquerdo e voltou a campo pelo Santos agora em fevereiro. A próxima convocação será no dia 16 deste mês.

Neymar

A próxima convocação de Carlo Ancelotti pode desvendar um pouco do mistério da participação do atacante do Santos na Copa do Mundo, depois de ele voltar a jogar normalmente, após lesões

to com o jogo, a qualidade sai. Hoje saiu muito bem", disse. "A equipe tem muita qualidade individualmente e tem de mostrar isso".

Ancelotti também já deixou claro, em diversas entrevistas, que prioriza o aspecto físico, a versatilidade tática e o



Os atacantes Vinicius Júnior e Estêvão devem estar na Copa do Mundo, já que Ancelotti tem elogiado bastante os jogadores e eles têm frequentado regularmente a lista das convocações

CAMPINENSE X SOUSA

Jogo vale vaga na final do Paraibano

Raposa joga por empate para garantir calendário em 2027; já o Dionassauro está na briga pelo tricampeonato

Danrley Pascoal
 danrley.p@gmail.com

Campinense e Sousa, jogam, hoje, às 18h, no Amigão, no que é o jogo de volta da semifinal do Campeonato Paraibano. Na ida, no Marizão, a Raposa surpreendeu o Dino e venceu por 1 a 0, com gol de pênalti de Éverton Heleno. Para avançar, o Rubro-Negro só precisa do empate, derrota por um gol de diferença faz a definição do finalista ocorrer nas penalidades. O time do Sertão vai diretamente para sua quarta decisão consecutiva se ganhar por dois ou mais gols de vantagem.

Evaristo Piza concedeu entrevista antes da partida e falou sobre o comportamento que seus atletas devem ter, independente da vantagem de jogar pelo empate. “A gente vai impor nosso ritmo, nossas características e DNA. Desde a partida contra o Botafogo, a equipe vem tendo um padrão bem definido dentro de casa. Ainda mais agora, contando com o apoio dos nossos torcedores para esse jogo. Vamos respeitar o adversário como nós temos respeitado, sabemos que não tem nada definido, mas a gente entra pisando firme, pisando forte, para buscar esse objetivo de chegar à final”, destacou.

O Sousa chega para a partida tendo atuado no meio de semana, pela Copa do Brasil. Piza comentou sobre um possível cansaço do adversário. “Há uma vantagem talvez de eu ter descansado a equipe, podemos estar em melhores condições físicas que eles, que tiveram um mata-mata de Copa do Brasil”, disse o treinador, que



Foto: Estádio Francelino/Campinense

Campinense e Sousa vão fazer o terceiro confronto no ano, este valendo vaga na final

quer recolocar o Campinense de volta na decisão do Estadual após quatro anos.

Após avançar para a terceira fase da Copa do Brasil, o Dino quer, agora, reverter o placar do primeiro jogo da semifinal do Paraibano. Ao vencer o Santa Cruz por 4 a 2 nos pênaltis, na Arena de Pernambuco, na última quinta-feira (5), depois de um 0 a 0 no tempo normal, o clube do Sertão vai embolsar R\$ 950 mil de premiação da Confederação Brasileira de Futebol (CBF).

Na próxima fase, o Sousa encara o CRB, mas, antes, sonha em continuar fazendo história no Estadual.

Finalista em 2023, quando perdeu para o Treze, e finalista em 2024 e 2025, quando venceu o Botafogo nas duas oportunidades, o Dionassauro pode participar da quarta decisão consecutiva caso o placar de um 1 a 0 seja revertido. Se avançar, a equipe mantém vivo o sonho do tricampeonato.

Retrospecto

A partida do Amigão será o terceiro encontro do Sousa e do Campinense em 2026. Em jogo válido pela oitava rodada do Estadual, as equipes se enfrentaram no dia 18 de fevereiro. No Amigão, o duelo terminou

empatado em 1 a 1, com Patrik Dias, do lado da Raposa, e Matheus Bambu, do lado do Dino, marcando os gols. No primeiro jogo da semifinal, no dia 28 de fevereiro, o time de Piza levou a melhor (1x0). O triunfo quebrou um tabu de cinco enfrentamentos sem vencer a agremiação de Aldeone Abrantes.

Arbitragem

Josimarques Domingos terá a responsabilidade de apitar a partida entre Sousa e Campinense. Ele será auxiliado pelos árbitros assistentes Rafael Guedes e Adailton Anacleto. Afro Rocha é o quarto árbitro.

ESTADUAIS

Flamengo e Fluminense decidem o Carioca

Da Redação

O clássico carioca que decide o Estadual de 2026 (partida única) terá Leonardo Jardim, que teve o nome publicado no Boletim Informativo Diário (BID), e Luis Zubeldía, absolvido pela expulsão no clássico contra o Vasco, no jogo de ida da semifinal. Os treinadores poderão estar na área técnica durante todo o jogo, que acontece hoje, às 18h, no Maracanã. O confronto promete ter casa cheia, a torcida tricolor já esgotou os setores destinados ao clube das Laranjeiras.

Do lado flamenguista, Jardim vai fazer seu primeiro jogo à frente do Rubro-Negro. O português falou na coletiva de apresentação sobre estreitar numa final. “Acho que é um bom jogo de entrada. É um jogo emocionante, com um rival. Com certeza queremos ser dominantes, vencer o jogo. Há uma carga emocional”, destacou.

“Lembro de vir ao Brasil há mais de 20 anos e ver um Fla-Flu no Maracanã antigo com o ambiente que era... Reconheço a competitividade, o nosso objetivo é ser campeão do Rio de Janeiro”, completou o técnico que chegou para substituir Filipe Luís, cam-

peão brasileiro e da Libertadores, em 2025.

Novorizontino x Palmeiras

Novorizontino e Palmeiras fazem, hoje, às 20h30, no Estádio Jorge Ismael de Biasi (Jorjão), o segundo jogo da final do Campeonato Paulista. Na ida, na última quarta-feira (4), na Arena Crefisa Barueri, o Alviverde venceu por 1 a 0, com gol de Flaco López. O time de Abel Ferreira disputa a decisão do torneio, consecutivamente, desde 2020, quando venceu o Corinthians. Diante do Tigre do Vale, foi a primeira vez que o clube paulistano saiu na frente de um rival nessa sequência de decisões.

Na partida de hoje, o Novorizontino deverá contar com o meia-atacante Rômulo, atleta palmeirense emprestado para o time do interior. Genilson Rocha, presidente do clube, falou para diversos meios de comunicação de São Paulo que a agremiação vai pagar a quantia de R\$ 1 milhão ao Palmeiras, multa imposta pela equipe de Leila Pereira para que o jogador atue em jogos contra o Alviverde.

O Novorizontino optou por não contar com Rômulo na partida de ida da final. Agora, a ideia do time do interior é ter força total para tentar reverter o placar do primeiro jogo e ficar com o título. Rômulo é um dos princi-

pais nomes do elenco do técnico Enderson Moreira. Ao todo, o meia-atacante soma cinco gols e três assistências na competição.

Para ser campeão nesta noite, o Tigre do Vale precisará vencer por dois ou mais gols de diferença. Em caso de vitória por um gol, independentemente do placar, a decisão irá para os pênaltis. Qualquer outro resultado dará o título para o Palmeiras, que busca quebrar um tabu na sequência de sete finais disputadas. Os comandados de Abel Ferreira ainda não conseguiram ser campeões no recorte quando decidiram longe de seus domínios. Foram duas oportunidades até aqui, e a final contra o Novorizontino será a terceira.

Outras decisões

No Rio Grande do Sul, tem Inter e Grêmio. Na ida, o Imortal venceu por 3 a 0. Em Minas Gerais, em jogo único, Cruzeiro e Atlético-MG jogam no Mineirão. Na Arena Fonte Nova, Bahia e Vitória fazem a final do Baianão, também em partida única. No Campeonato Pernambucano, Náutico e Sport voltam a se encontrar depois de empatarem em 3 a 3 no confronto de ida.



Foto: Leonardo Brasil/Fluminense F.C.

No último jogo entre as equipes, a vitória foi Tricolor

Pedro Alves

pedroalvesjp@yahoo.com.br

Elas são o futebol

Não é de hoje que o futebol é também propriedade das mulheres. Assim como não é desses tempos atuais que ele é negado a elas pelos homens por meio de todo tipo de imposição realizada para que a modalidade mais popular do mundo seja um reduto apenas do patriarcado, com concessões sutis e dissimuladas, historicamente. Ainda na década de 1920, quando o futebol ainda engatinhava no Brasil e aos poucos alcançava mais territórios brasileiros, na Paraíba, por exemplo, as mulheres já eram convidadas para as partidas. Senhoras e senhoritas não pagavam, diziam as informações de valores de ingressos impressas nos jornais.

O que dá uma dimensão de que o futebol já era um espaço de lazer para as mulheres paraibanas. Mas sob uma permissão social sempre ancorada nas redomas machistas da geografia da cidade. Mulheres eram apenas companhias, status, para a sociedade patriarcal paraibana do início do século passado. De todo modo, elas estavam lá.

Esse preâmbulo é só para lembrar que não é de agora a presença feminina nos estádios, nos campos, no futebol. Ainda que, evidentemente, em um mundo onde meninos ganham na infância uma bola e meninas uma boneca, e em um Brasil onde a prática do futebol por mulheres foi proibida de 1941 a 1979, é por esses tempos atuais que a gente vê um início de protagonismo feminino no futebol. E elas são o futebol. Não adianta mais negar o fato. Nem os espaços. Elas não vão parar — e nem devem. No auge dos meus 33 anos, tenho visto de perto essa transformação, ainda que tímida — tudo que é injusto eu gostaria que se transformasse em justiça com mais velocidade.

Lembro de um tempo que não tínhamos mulheres na imprensa esportiva, informando ao torcedor e à torcedora as últimas notícias dos clubes. Vi minha amiga Izabel Rodrigues nascer e crescer como repórter, lembrando a outras que o microfone também é delas. Com o advento dos sites, tivemos as primeiras presenças femininas em redações, como Larissa Keren, Renata Stuckert, Hévilla Wanderley, em João Pessoa, e Wênica Bandeira e Zenaide Vitorino, em Campina Grande. Hoje, no jornal A União, temos Camilla Barbosa, escrevendo o que quer e falando o que tem que falar. Como deve ser num mundo democrático.

Nas arquibancadas, a presença feminina também vem crescendo bastante. E as suas vozes, críticas ou de exaltação, que constroem o coro por um clube, que precisa ser essencialmente plural. Isso porque os times paraibanos também são delas. Ainda que siga acontecendo o movimento contrário, machista, de sempre buscar negar isso a elas. A arquibancada, meu amigo e minha amiga, é uma contradição em sua essência. Como simulacro de um mundo muitas vezes torpe, mas um pouco belo, não seria diferente. Mesmo que seja um espaço sagrado e muitas vezes arrebatador, ainda é bem insalubre para elas, repleto de xingamentos misóginos e homofóbicos. Além do ainda comum “só podia ser mulher”, oriundo, claro, de quem só poderia ser homem mesmo.

Mas o futebol é delas. E não adianta mais estrebuchar, meu caro amigo. No futebol paraibano o poder também é delas. Há algum tempo. A Paraíba é o único estado do Brasil que tem uma presidente de federação. E o único que teve duas. Michelle Ramalho comanda a PPF desde 2018, enquanto que Rosilene Gomes presidiu a entidade de 1989 até 2014. Apesar de terem sido alçadas ao poder por uma construção de candidaturas baseadas na concessão flagrante do patriarcado, que é quem comanda o mundo da bola no país desde sempre, e elas negarem a importância do feminismo como compreensão de resistência a esse mundo que esmaga suas iguais, elas são duas mulheres com poder no futebol. E isso não é pouco, ainda que a representatividade, penso eu, não se sustente de maneira solitária. Mas ela tem uma medida, sim, mesmo que limitada, de importância, para que outras mulheres consigam se enxergar em espaços que não havia nem como conceber como possível realidade.

Nosso estado também tem a primeira árbitra central da história, após mais de 100 anos de futebol local. Ruthyanna Camila é uma das principais integrantes do quadro atual. Outro lugar sistematicamente negado para elas, o de autoridade máxima em 90 minutos de um jogo de futebol. E assim caminha a humanidade, com elas, enfim, pegando o futebol para elas, quebrando paradigmas, construindo novas ideias, tendo novos olhares para que o esporte seja um lugar melhor para todos. Porque, se for melhor para elas, será melhor para todos. Algo que os homens nunca quiseram fazer.

DIA INTERNACIONAL DA MULHER

8 de março

Entre avanços e desafios,
mais um dia de luta e de força.

8 de março é um dia para ser lembrado, um memorial da luta pelo direito à igualdade e à justiça social. É também um dia para celebrar a força feminina e as conquistas alcançadas por elas até aqui.

M A R K E T I N G E P C



IRENE DIAS CAVALCANTI

“Enquanto nós lutarmos, podemos acreditar no futuro”

Escritora é um testemunho vivo de quem batalha incansavelmente pela liberdade de ser e sentir-se mulher

Marcos Carvalho
marcoscarvalhojr@gmail.com



Os santos de devoção sobre a mesa feito um altar, as fotografias de família e pinturas de si, assim como os cartazes das capas de livros espalhados pelas paredes da sala, não são os únicos ornamentos da casa da escritora Irene Dias Cavalcanti. As memórias de quase um século e os poemas eróticos, recitados de cor, ecoam como expressão da vida de uma mulher que enfrentou desafios, quando ousou traduzir os seus sentimentos mais profundos por meio da literatura.

“Quando estava casada, eu nunca publiquei. Escrevia, mas escondia num cofre para meu marido não ver, porque ele era muito machista e não ia tolerar que eu escrevesse. Ele morreu em 1970, e, em 1971, publiquei meu primeiro livro, *Eu mulher, mulher*”, conta a escritora, que considera essa a sua primeira gravidez de ternura. Três anos depois, publicaria *Lirerótica*.

A ousadia de uma mulher trazer à tona poesias que falavam de sexo, amor e solidão foi recebida com protestos por boa parte da sociedade. Na rua, foi recebida com cusparadas e chamada de vagabunda. Na Câmara de Vereadores, teve o seu pedido de pensão negado uma primeira vez, sob a alegação de que o dinheiro seria utilizado para publicar livros indecentes. O que muitos, ainda hoje, classificam como erótica, Irene prefere chamar de linguagem biológica, e fala de pênis,

esperma, ovários e orgasmo na mesma intensidade com que fala de lábios, seios, rosas e olhares. Assumir seu corpo de mulher com todos os seus desejos.

“Eu não pensei em provocar a sociedade, pensei apenas que seria um grito poético que pudesse ajudar outras mulheres, mas me espantei quando vi que elas também ficaram chocadas com minhas palavras. Fui convidada, uma vez, para um festival de poesia, e quando comecei a declamar, arrancaram o microfone da minha mão e mandaram outra mulher declamar uma poesia com Nossa Senhora, para exorcizar, expulsar o Satanás que estava dentro de mim. Eu fui muito discriminada não somente pela religião, como também pelas demais mulheres”, confessa.

Na avaliação da nonagenária, houve avanços em relação ao tabu da mulher falando sobre sexo, mas ainda existem preconceitos, sobretudo a partir do que escreve, diz ou fala. Afirma que não há mulher que não tenha sofrido, aqui ou ali, alguma discriminação, e não se incomoda em ser considerada feminista se são suas atitudes e colocações, ou mesmo a maneira que fala e se veste, que expressam isso.

Prestes a completar 99 anos, em maio, a escritora viveu e passou por muitos dos avanços femininos: da ampliação do acesso à educação até a conquista do direito ao voto, passando pela aprovação da lei do divórcio e a abertura para a prática de atividades até então consideradas exclusivamente masculinas, como futebol, até, por fim,

a igualdade de direitos e deveres entre homens e mulheres instituída pela Constituição Federal da República de 1988 e as políticas públicas de proteção decorrentes da Lei Maria da Penha (Lei nº 11.340/2006). Irene Dias reconhece os passos dados, mas ainda demonstra preocupação com questões, como o feminicídio.

“O que me alegra é justamente a luta da mulher, porque enquanto nós lutarmos, podemos acreditar no futuro. Eu fiz isso na literatura porque acho que a gente não pode esconder nem deve prender as palavras. As palavras devem ter liberdade, assim como as mulheres. Eu me alegro em pensar que vou deixar um legado para a humildade. ‘Meu útero carrega a geração futura’. Eu gosto muito de saber que eu vou continuar com minhas ideias... ‘Meu útero carrega a geração futura’”.

O legado da escritora confunde-se com sua própria história: de menina que, quando começou a aprender as primeiras letras, escrevia “umas besteiras”, como ela mesmo diz, sobre os anjos, assim como a mulher que não viveu a juventude por estar já casada com um homem mais velho que não a deixava sair de casa. No seu livro mais recente, *Irene Dias e Noites*, relata seu exílio entre a casa, onde o marido, Lafayette Cavalcanti, colocava vigias na frente e nos fundos quando viajava, e os hospitais psiquiátricos, onde procurava algum conforto para os traumas vividos no casamento.

A liberdade veio com a morte do esposo, mas não sem dificuldades. Foi então que, deixando Campina Grande para fixar-se definitivamente na capital paraibana, pode concluir o curso de Direito pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e trabalhar no *Correio da Paraíba*, escrevendo por três anos para o programa *Boa noite para você*, comandado por Hilton Motta. Assegurada a estabilidade financeira com sua nomeação como assistente jurídica pública pelo governador Ivan Bichara, passou a se dedicar à prosa.

“Meus romances são mais sociais. Expressam o desejo de um mundo no qual as pessoas tivessem o mais básico para viver. Eu não me conformo de uma pessoa ter demais e outras, menos, uma pessoa ser a mais rica do mundo, enquanto outras estão morrendo de fome”, revela. Na lista de obras da autora estão *A menina do velho senhor*, *O amor do reverendo*, *O médico e a noviça*, *O palhaço azul* e *Intolerância*. Atualmente, ela prepara, com a ajuda da cuidadora que transcreve suas palavras, um novo romance sobre um retirante que vai em busca da amada, no sudeste do país.

A lírica e a prosa de Irene Dias representam uma forma de transgressão, tanto pelo seu discurso erótico quanto por sua própria voz feminina. Um testemunho vivo de quem luta incansavelmente pela liberdade de ser e sentir-se mulher. Sua mensagem para o Dia Internacional das Mulheres não poderia ser outra: “Que elas lutem, continuem lutando...”.

Há um clamor intenso,
um grito louco dizendo cantos sensuais eróticos...
na solidão de um leito, existe EU MULHER em ânsias de carinho...
há, um sussurro atroz, um vendaval em um corpo que fala intensamente, dizendo em lágrimas quentes e sentidas, que possui lábios, seios e ovários

possui um útero que pede sem cessar, o hormônio, alimento necessário...
há uma alma que sente e sente tanto, carência imensa de afeto, de ternura...
Eu sou mulher, Mulher, muito Mulher...
no entanto vivo em SOLIDÃO sem fim...

(*Eu mulher, mulher*, p. 21)

Poesias da paraibana que abordam sexo, amor e solidão foram recebidas com protestos por boa parte da sociedade na época





Chamada de “paisagista do mar”, ela tinha como tema principal para as suas pinturas as paisagens marinhas e as litorâneas; autodidata, chegou a ser comparada a artistas barrocos e renascentistas

Ilustração: Bruno Chaves

Marcos Carvalho
marcoscarvalhojor@gmail.com



MÊS DAS MULHERES

Entre telas e pincéis, cores e matices, notícias e silêncios, Amelina Theorga deixou marcas profundas nas artes plásticas paraibanas. Mulher de seu tempo, ela colocou toda a sua jovialidade e a sua sensibilidade nas paisagens marinhas que representou. A temática e o estilo clássico poderiam até ser vistos, um século depois, como uma tímida iniciativa, mas a sua presença feminina nos salões de arte da época e na imprensa local expressa, sem dúvidas, a trajetória de quem, nos degradês, entretons e meios-tons da sociedade, pinta a própria existência.

Amélia Theorga Ayres nasceu na cidade de Mamanguape, no Litoral Norte da Paraíba, em 29 de julho de 1907. Filha do coronel José Theorga e de Eutália de Assis Theorga, frequentou o Colégio Nossa Senhora das Neves, voltado para o ensino das filhas dos grupos sociais mais abastados, onde teve aulas de pintura. Com base nesses primeiros conhecimentos, foi aprimorando o talento para

as artes plásticas, chegando a realizar sua primeira exposição individual ainda aos 14 anos, na Livraria da Casa Andrade, na capital paraibana.

A professora Madalena Zaccara, de História da Arte da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), ressalta que Amelina, como era chamada, não teve uma formação artística e poderia ser considerada autodidata. “Como a maioria das mulheres da época, inclusive das que viviam em outras cidades como Recife e Rio de Janeiro, não havia onde se formar, até porque a pintura não era uma atividade ligada à burguesia, ainda mais por aqui. Mas ela tinha um talento inato que, com algumas aulas no Colégio das Neves, desenvolveu por si mesma, de modo a se projetar no cenário da província quase como única mulher de sua época”, pontua a docente.

Essas informações sobre Amelina só se tornaram conhecidas porque a artista esteve também no centro da atenção da imprensa paraibana. A revista *Era Nova*, por exemplo, afirmou, numa de suas edições, que a jovem era “artista por índole e por vocação, que nunca ter tido quem lhe ensinasse a pegar na paleta, pintando com espontaneidade e facilidade”. Num artigo do jornal *A União*, o poeta e jornalista Silvino Olavo diferencia a pintura de Amelina de meras cópias dos aspectos naturais e exalta as suas qualidades artísticas, sobretudo pelo domínio da pai-

sagem paraibana, marcada pela audácia daqueles que querem “corrigir a obra do Criador”, acrescentar “a obra do que é com o que imaginam ser”.

O comentário na imprensa foi publicado poucos dias após a instalação de sua exposição individual, em novembro de 1925, no salão principal d’*A União*, que alcançou grande repercussão entre os intelectuais, além da aquisição de algumas obras pelo então presidente da província, João Suassuna. No ano anterior, a artista havia participado, ao lado de artistas como Frederico Falcão, Voltaire D’Ávila, Pinto Serano e Olivio Pinto, da exposição coletiva *Salon Philipeia*, que reuniu 118 telas em forma de protesto contra a exposição do modernista pernambucano Joaquim do Rego Monteiro, ocorrida três meses antes no *hall* do mesmo jornal.

“Ela se projeta no cenário paraibano, primeiro, como uma raridade, mas também com coragem, pois consegue se infiltrar e fazer parte do único grupo de pintores daqui, que era absolutamente reacionário, e não admitiu, por exemplo, a exposição de um dos maiores modernistas brasileiros, a ponto de fazerem um desagravo público, numa atitude extremamente conservadora”, explica Zaccara.

Considerada amadora na época

Apesar dos comentários elogiosos na imprensa, a pintura de Amelina era considerada amadora, classificação que, segundo a pesquisadora, era dada à grande maioria das artistas mulheres da época. Seu talento chegou a ser comparado a artistas barrocos e renascentistas, cogitando-se, inclusive, que poderia se desenvolver caso lhe fosse concedida uma subvenção pública para aperfeiçoar seus estudos na capital do país, o que não chegou a acontecer. Madalena Zaccara ressalta que só o fato de termos acesso, hoje, a algumas de suas obras, assim como aos



Imagem: Reprodução/Acervo Museu Casa Hermano José

Uma das obras de Theorga, Paisagem (1926), presente no Museu Casa Hermano José, em JP

escritos sobre a sua arte, demonstra a relevância que ela, enquanto mulher, ocupou em seu tempo.

“Ela trabalhava bastante em paisagens marinhas e do litoral, tanto que foi chamada de paisagista do mar, e fazia uma pintura bem tradicional, romântica e bonita, que até hoje é admirada. E, para representar esses arredores, ela fez o que poucas mulheres ousavam fazer, que era sair para pintar. Isso não era fácil, não. Nós temos relatos de artistas pernambucanas que, na década de 1950, deixaram de pintar com o seu grupo, porque não podiam estar com os rapazes, nas praias desertas. Então, o fato de Amelina ter feito isso 30 anos antes aqui, na Paraíba, é admirável, é uma atitude muito avançada e bastante diferente das outras mulheres jovens de sua época”, destaca a pesquisadora.

Foram justamente as paisagens do mar que encurtaram as distâncias temporais e aproximaram Amelina Theorga da desembargadora do Tribunal de

Justiça da Paraíba (TJPB), Fátima Bezerira Maranhão. A integrante da Academia Paraibana de Letras (APL) afirma que o encontro com as obras e a história da artista deu-se por uma “energia cósmica, que foge à lógica humana. Sua energia vinha muito do mar, e no mar eu me renovo e recomponho minhas forças vitais e espirituais”. No livro *Guiadas pela justiça movida pela fé*, a acadêmica recupera a trajetória de mulheres que deixaram um importante legado à sociedade de seu tempo, mas que ainda permanecem, como a pintora paraibana.

“Amelina Theorga foi a melhor nas artes plásticas da Paraíba entre os anos 1920 e 1930. Mulher tabajara, marcou seu ingresso em um espaço eminentemente masculino, abrindo caminhos para o feminino nesse campo da arte, até mesmo por conta da riqueza de suas telas. Cria-va sempre. Jamais copiou. Tornava o cotidiano sobrenatural e mais que isso, sua pintura primava por traços leves e signi-

ficativos, quando podíamos extrair a essência das obras. Mensagens profundas traçadas pelo seu pincel que não se excedia em traços. Beirava a perfeição”, enfatiza a desembargadora.

A paisagista do mar manteve um modesto, mas ativo ateliê em João Pessoa, espaço apropriado que lhe permitia exercitar seu processo de criação e onde personalidades podiam encomendar telas, a exemplo da solicitada pelo então prefeito da capital Guedes Pereira, para presentear o senador Epitácio Pessoa.

Na revista *Era Nova*, encontramos ainda a descrição minuciosa de Wanda Novaes em visita ao ateliê da artista, pontuando como o seu espírito comunicativo e espontâneo traduz-se nas telas pela sensibilidade e citando alguns de seus trabalhos, como *Vagas da Tarde*, *Melancolia* e *Árvores amigas*. Amelina publicava alguns desenhos no mesmo periódico, utilizando-se, porém, do pseudônimo masculino de João da Retreta, uma prática corriqueira por conta do preconceito de ser mulher.

A senhorinha artista casou-se em setembro de 1933, com o advogado e jornalista Severino Alves Ayres. Com ele, teve três filhos: Severino, Aramis e Elinor. Desse período, não se tem maiores informações sobre sua atividade artística. Já viúva, sabe-se que realizou uma exposição na residência do casal Adrião Pires, em 1969, por ocasião do lançamento do livro do cronista Antônio Freire, e participou da mostra *50 anos de Pintura na Paraíba*, em 1971, ocorrida no *hall* da Reitoria da Universidade Federal da Paraíba (UFPB).

Amélia Theorga Ayres faleceu em João Pessoa, em 30 de agosto de 1982, com 75 anos de idade. Em sua homenagem, o Governo da Paraíba instituiu um prêmio que leva o seu nome, concurso cultural financiado pela Lei Aldir Blanc, que tem como objetivo valorizar a produção de artistas visuais e fotógrafos.

Angélica Lúcio

angelicalucio@gmail.com

Antologia do Erramos, da Folha de S.Paulo, diverte enquanto ensina

O jornal *Folha de S.Paulo* abriga, em seu ambiente *on-line*, um vasto conteúdo sobre o próprio veículo, incluindo seu manual de redação, fotos históricas e o projeto editorial. Entre os tópicos disponíveis para consulta, destaca-se a *Antologia do Erramos*: um compilado de notas com esclarecimentos acerca de equívocos cometidos pela redação.

Algumas notas chamam a atenção por exporem erros recorrentes no jornal; outras, pelo teor inusitado. Os registros foram coletados a partir de 1991 — quando a *Folha* passou a publicá-los reunidos na seção “Erramos” — e estão organizados em capítulos, de acordo com a natureza da falha. A seleção e a edição ficaram a cargo de Edney Dias.

Como o próprio jornal anuncia, uma falha banal “pode distorcer uma notícia ou transformar um título em piada”. Há também erros cometidos pelo excesso de confiança na memória, pela falta de consulta a obras de referência, por ausência de atenção redobrada ou, ainda, por se pressupor o sexo ou a nacionalidade de alguém a partir do nome.

Ao analisar o material, notei que o conteúdo é extremamente instigante — e engraçado! Ao mesmo tempo que permite aprender com os erros alheios, o leitor se diverte com o teor das correções. Por isso, selecionei alguns desses registros para que você, assim como eu, possa se entreter um pouco:

Digitação obscena (1)

“O nome do maestro Eleazar de Carvalho saiu grafado errado na edição de ontem à pág. 1-9 do caderno Brasil” (5. jul. 94);

O nome do maestro Eleazar de Carvalho (1912–1996) saiu sem a letra “V”.



Ilustração de Orlando/Reprodução

Ilustração do cartunista Orlando que faz parte da antologia virtual de erratas da Folha de S.Paulo

Digitação obscena (2)

“Título publicado ontem na capa do caderno Dinheiro tinha erro de digitação. O correto é ‘Contratações (e não Contrações) serão cautelosas’” (27 jan. 95).

Digitação obscena (3)

“No artigo ‘A nova guerra civil’, publicado à pág. 5-7 (*Mais!*) de 1º/10, onde se lê ‘uma menina sexualmente retardada...’, leia-se ‘uma menina mentalmente retardada...’” (8 dez. 95).

Banco (1)

“Na nota ‘Balão’, da coluna *Joyce Pasco-witch*, publicada à pág. 5-2 (*Ilustrada*) de 18/12, onde se lê ‘bando Opportunity’, leia-se ‘banco Opportunity’” (21 dez. 95).

Cristo enforcado

“Diferentemente do que foi publicado no texto ‘Artistas periféricos passam despercebidos’, à pág. 5-3 da edição de ontem da *Ilustrada*, Jesus não foi enforcado, mas crucificado, e a frase ‘No princípio era o Verbo’ está no Novo, não no Velho Testamento” (7 dez. 94).

Dilúvio

“Em alguns exemplares da edição de 30 de março de *Esporte*, foi informado incorretamente à pág. 4-3 que o personagem bíblico Jô criou a arca que salvou as espécies animais do dilúvio. Foi Noé quem construiu a arca” (6 abr. 95).

Macondo

“Há um erro de informação à pág. 4-1 do caderno *Ilustrada* da edição de hoje. A cidade de Macondo é criação literária do escritor colombiano Gabriel García Márquez, e não do peruano Mario Vargas Llosa” (5 mai. 93).

Macondo é a cidade onde se passa a narrativa do livro mais famoso de Márquez, *Cem Anos de Solidão*.

Perdigotos

“A peste pneumônica é transmitida por gotículas de saliva, diferentemente do que informou o texto publicado na pág. 2-10, no dia 24/9” (28 set. 94).

O texto afirmava que a doença era transmitida por filhotes de perdiz. Quem editou o texto procurou um sinônimo para perdigoto, que pode significar tanto salpico de saliva como filhote de perdiz.

Tocando em Frente



Professor Francelino Soares
francelino-soares@bol.com.br

O samba de breque

Desde os primórdios dos anos 1930, os sambas já traziam algumas características do que se convencionou chamar “samba de breque”. Certamente, os mais chegados às nossas raízes musicais hão de lembrar-se de algumas criações, como “Minha Palhoça” (J. Cascata): “Mas se você quisesse / morar na minha palhoça / lá tem troça, se faz bossa / fica lá na roça / à beira de um riachão...”; “O Orvalho vem caindo” (Noel Rosa e Kid Pepe): “O orvalho vem caindo / vai molhar o meu chapéu / e também vão sumindo / as estrelas lá no céu...”. Por sua vez, artistas, como Luiz Barbosa (Rio, 1910–1938), costumavam sobressair em suas interpretações certas pausas estratégicas, característica principal do

Definição

Subgênero do samba que se caracteriza por paradas súbitas do intérprete — os chamados breques —, que pode incorporar comentários falados de maneira grotesca



Imagem: Reprodução/Belo Copacabana

Coletânea de canções do compositor carioca Miguel Gustavo, lançada no começo dos anos 1970

estilo que começava a vingar e cair no gosto popular.

O samba de breque é uma espécie de subgênero do samba propriamente dito e caracteriza-se por certas paradas súbitas

do intérprete (os chamados breques), que, por vezes, incorpora alguns comentários falados de maneira grotesca, característicos da malandragem carioca, como já o havia feito Noel Rosa (Rio de Janeiro,

1910–1937), em “Conversa de botequim”: “Seu garçom, faça o favor de me trazer depressa / uma boa média que não seja requentada, um pão bem quente com manteiga à beça / um guardanapo e um copo d’água bem, gelada...”

A consagração do estilo ganhou um novo impulso com Cyro Monteiro (Rio de Janeiro, 1913–1973), Jorge Veiga (Rio de Janeiro, 1910–1979), mas, sobretudo, com Antônio Moreira Silva (Rio de Janeiro, 1902–2000), de quem já tratamos em coluna anterior. Foi com este que o estilo se estabeleceu como um gênero musical impar, diante da presença dele nas paradas de sucesso, inclusive emplacando alguns sucessos carnavalescos, sem esquecer da contribuição do compositor Miguel Gustavo Werneck de Sousa Martins (Rio de Janeiro, 1922–1972).

Moreira da Silva já tinha o seu lugar reservado na MPB, desde a década de 1920, mas dedicando-se à música romântica e cantando em bares e casas noturnas cariocas. Foi por influência do amigo compositor Getúlio Marinho (Salvador-BA, 1889–Rio de Janeiro, 1964), de quem gravara músicas de macumba (Ererê e Rei de Umbanda), que Moreira assumiu sua característica de sambista. Daí em diante, o horizonte musical dele se alargou, mormente, com a influência de Miguel Gustavo.

Mas, aí, seria uma outra estória de que tratamos, como já dito, em coluna anterior.

CRIME CIBERNÉTICO

Grupos usam deepfakes de famosos em anúncios

Meta acionou a Justiça do Brasil e da China contra golpes na área de saúde

Gabriel Damasceno
Agência Estado

A Meta, responsável por plataformas como Facebook, WhatsApp, Instagram e Threads, acionou a Justiça do Brasil e da China contra grupos que utilizam deepfakes para aplicar golpes.

Segundo a empresa, os acusados manipulam imagens e áudios de celebridades e criadores de conteúdo para induzir usuários a interagir com anúncios que direcionam para sites fraudulentos. Essas páginas, em geral, solicitam informações pessoais ou pagamentos.

No Brasil, as ações judiciais atingem indivíduos e empresas que usaram vozes alteradas de famosos para promover produtos fraudulentos de saúde e que venderam cursos ensinando as táticas do golpe.

Na China, a Meta entrou na Justiça contra uma empresa que teria usado anúncios de *clickbait* para atingir usuários nos Estados Unidos e no Japão e atraí-los para um grupo de investimento.

“Celeb-bait”

Muitas das propagandas falsas são relacionadas à saúde. Drauzio Varella, Renata Vasconcellos e Ana Maria Braga são algumas das personalidades cujas imagens são indevidamente usadas nesse tipo de prática, como mostrado em reportagem do *Estadão*. As imagens são utilizadas para passar credibilidade e vender falsos tratamentos, um método chamado pela Meta de “celeb-bait”.

A empresa afirma que, para combater a tática, de-



Jornalista Renata Vasconcellos é uma das personalidades cuja imagem foi usada indevidamente

Foto: Alex Silva/Estadão Conteúdo

envolveu um programa de proteção voltado a celebridades cujas imagens são frequentemente exploradas nesse tipo de golpe. De acordo com a Meta, a tecnologia já protege fotos de mais de 500 mil figuras públicas em todo o mundo.

Cloaking

Além de ações no Brasil e na China, a Meta também acionou a Justiça no Vietnã contra grupos que fraudavam assinaturas e utilizavam a técnica conhecida como *cloaking*. A prática prejudica os sistemas de revisão de anúncios ao ocultar a verdadeira natureza do site vinculado à publicidade. Nesses casos, a página associada a um anúncio aparentemente legítimo exibe uma versão para o sistema de checagem, mas apresenta conteúdo diferente aos usuários.

Uma das empresas processadas no país veiculava anúncios fraudulentos

que ofereciam produtos de marcas conhecidas com grandes descontos em troca do preenchimento de uma pesquisa. As vítimas eram redirecionadas a sites que solicitavam dados de cartão de crédito para a compra de itens que nunca eram entregues. Além disso, os cartões eram submetidos a cobranças recorrentes não autorizadas, prática conhecida como “fraude de assinatura”.

Contra esses casos, a Meta afirma que bloqueou e removeu os anúncios assim que foram detectados. A empresa também passou a utilizar ferramentas com inteligência artificial para aprimorar a identificação de peças que redirecionam usuários a sites prejudiciais. Segundo a companhia, os recursos permitem rejeitar anúncios com mais rapidez e agir de forma mais ágil após denúncias de usuários.

Charada

Francelino Soares:
francelino-soares@bol.com.br

Resposta da semana anterior: Infusão (1) = chá + olhas (1) = vês. **Solução:** programa humorístico na TV (2) = Chaves.

Charada de hoje: Ela padece (2) ao segurar o guia da bicicleta (2), por isso é tomada de um desejo imoderado (4).



Ilustração: Bruno Chiossi

Eita!!!!



Mulheres importantes que fizeram história

São muitas as grandes mulheres que marcaram a história do mundo. São pessoas importantes que atuaram como cientistas, escritoras, revolucionárias, médicas, astronautas e tantas outras funções. Embora tenham sido marginalizadas, enfrentando apagamento e silenciamento, isso tem se alterado na historiografia. A seguir, veremos vários exemplos de mulheres que marcaram a história da humanidade ao redor do globo.

Marie Curie (1867–1934)

Uma grande mulher na área da ciência. Nascida na Polônia, na segunda metade do século 19, Marie Curie dedicou-se à química e descobriu elementos da tabela periódica como o rádio e o polônio. Seus estudos contribuíram para a criação de avanços na medicina, como o raio X. Foi a primeira mulher a ganhar o Prêmio Nobel de Física, em 1903. Em 1911, ela recebe também o Prêmio Nobel de Química.

Joana d’Arc (1412–1431)

Foi uma personalidade importante na França, devido aos seus feitos na Guerra dos Cem Anos. Em sua curta vida, a camponesa liderou exércitos e alcançou vitórias, pois tinha a intenção de libertar seu país da Inglaterra. Joana d’Arc dizia ouvir vozes que a orientavam. Ela foi condenada pela Inquisição e executada como bruxa. Porém, no início do século 20, foi canonizada como santa pela Igreja Católica.

Madre Teresa de Calcutá (1910–1997)

Nasceu Agnes Gonxha Bojaxhiu, na Macedônia, mas logo descobriu que a sua vocação era ajudar os mais carentes. Madre Teresa fez votos de pobreza, castidade e obediência. Toda a sua vida foi de entrega e doação, especialmente nos países subdesenvolvidos onde ficou conhecida como a “mãe dos pobres”. Em 1979, ela recebeu o Nobel da Paz. Chegou a ser beatificada em 2003 e foi canonizada 13 anos depois.

Sofonisba Anguissola (1532–1625)

Ela foi a primeira mulher a ser reconhecida como artista plástica internacionalmente. A italiana renascentista (autorretrato acima) aprendeu pintura como parte de sua educação, tendo como mestre o pintor Bernardino Campi. Sofonisba Anguissola conseguiu fama e teve o reconhecimento de ninguém menos que Michelangelo. Em 1569, foi convidada a integrar a corte da Espanha como dama de companhia e professora de pintura da rainha Isabel de Valois.

Simone de Beauvoir (1908–1986)

Foi uma intelectual e escritora francesa que teve enorme influência no século 20 na filosofia, sociologia e pensamento feminista. Simone de Beauvoir deixou obras literárias essenciais para a construção de uma nova maneira de enxergar o que é ser mulher. Uma frase famosa da autora é: “Não se nasce mulher, torna-se”.

9 diferenças

Antonio Sá (Tônio)



Tiras

O Conde

Antonio Sá (Tônio): ocondesa@hotmail.com



Jafoi & Jaera

Jorge Rezende (argumento) e Tônio (arte)



Solução

1 - chapéu; 2 - calda do peixe (cesta); 3 - linha de pescar; 4 - boca do peixe (língua); 5 - nuvem; 6 - - - - - língua do peixe; 7 - - - - - linha de pescar; 8 - - - - - nível do mar; 9 - - - - - pingos.